



Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

**Volume 1 - Módulo 1**

Luiz Alexandre Mees  
Valéria Lima Guimarães

**História e Turismo**



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO**

**UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA

Apoio:

  
**FUNDAÇÃO SANTA CABRINI**  
Gestora do Trabalho Prisional

  
**FAPERJ**  
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

  
NOVA  
**CEDAE**

# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

## Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

## Vice-presidente

Masako Oya Masuda

## Coordenação do Curso de Turismo

UFRRJ - William Domingues

UNIRIO - Camila Moraes

## Material Didático

### ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Luiz Alexandre Mees

Valéria Lima Guimarães

### COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

### SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristiane Brasileiro

### DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Alexandre Belmonte

José Meyohas

### AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

## Departamento de Produção

### EDITORA

Tereza Queiroz

### REVISÃO TIPOGRÁFICA

Cristina Freixinho

Daniela de Souza

Diana Castellani

Elaine Bayma

Patrícia Paula

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

### ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

### CAPA

Sami Souza

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2009, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

M495

Mees, Luiz Alexandre.

História e Turismo. v. 1 / Luiz Alexandre Mees, Valéria Lima Guimarães – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013.

250p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-532-2

1. Turismo. 2. Turismo - História I. Mees, Luiz Alexandre.  
II. Guimarães, Valéria Lima. III. xxx.

CDD: 338.4791

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

## Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

## Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

Gustavo Tutuca

### Universidades Consorciadas

**CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO  
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA**  
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

**IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE**  
Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Roberto Leher

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Roberto Leher

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Roberto Leher

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Roberto Leher

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Roberto Leher

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello



## SUMÁRIO

<b>Aula 1 – Viajar é preciso... as viagens no mundo antigo</b>	<b>7</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 2 – Pelos caminhos da Idade Média</b>	<b>31</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 3 – Passagem para o mundo moderno</b>	<b>55</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 4 – E veio a Era Industrial...</b>	<b>81</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 5 – Os impactos da Revolução Industrial no turismo</b>	<b>107</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 6 – Um mundo em transição</b>	<b>131</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 7 – Revoluções burguesas na Europa e os ventos revolucionários na América Latina</b>	<b>155</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 8 – Do <i>Grand Tour</i> às viagens corporativas de incentivo: relações entre turismo, trabalho e tempo livre</b>	<b>179</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 9 – O nascimento do Brasil: da pré-história à colonização portuguesa</b>	<b>203</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Aula 10 – Os pioneiros nas Américas</b>	<b>223</b>
<i>Luiz Alexandre Mees</i> <i>Valéria Lima Guimarães</i>	
<b>Referências</b>	<b>243</b>



# 1

## Viajar é preciso...as viagens no mundo antigo

### Meta da aula

Apresentar as principais transformações ocorridas na história do mundo ocidental e oriental, durante a Antiguidade, sob a ótica das viagens e dos deslocamentos realizados pelos povos desse período, com destaque para o legado deixado pelas civilizações grega e romana.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 reconhecer a importância da História para os estudos turísticos;
- 2 conhecer as diversas formas de contagem do tempo, distinguindo os períodos que marcaram os grandes processos de transformação das sociedades;
- 3 localizar no tempo e no espaço as antigas sociedades que deixaram um importante legado para o mundo ocidental;
- 4 identificar a diferença entre as viagens no mundo antigo e o turismo contemporâneo.

## **Abrindo a cortina do passado...**

Nossa disciplina se propõe a analisar alguns dos acontecimentos históricos mais marcantes das sociedades, relacionando-os aos estudos do Turismo. Para isso, consideramos fundamental iniciar a nossa conversa revisitando um assunto muito importante para o estudo da História: a contagem do tempo. Nunca é demais rever alguns conceitos já conhecidos.

## ***Chronos*, o tempo, não pára**

### **O tempo físico (o calendário)**

Existem diferentes percepções de tempo. O tempo físico do calendário é uma invenção artificial, criada pelos homens com base nos conhecimentos de Astronomia. As divisões do tempo físico obedecem a intervalos regulares e esse tempo é linear e irreversível. Segue sempre em frente; não volta jamais. Os calendários variam de acordo com os valores de determinadas civilizações. Em 2008, os judeus, por exemplo, para os cristãos, estarão no ano 5769, e os muçulmanos, no ano 1388. Cabe destacar, também, a importância do calendário lunar para esses e muitos outros povos do mundo, como os chineses, as antigas civilizações ameríndias (astecas, incas, maias, entre outras), as tradicionais sociedades indígenas brasileiras que existem na atualidade (bororo, assuri-ni, xavante) etc.





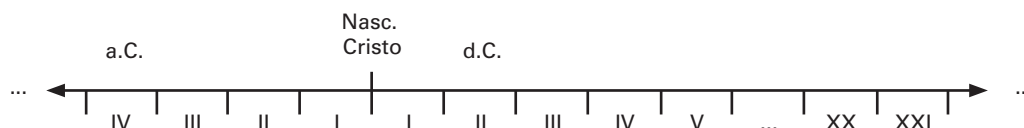
Kronos (na mitologia grega) ou Saturno (na mitologia romana) era a personificação do Tempo, uma divindade extremamente importante na vida de gregos e romanos, pois era a chave para a explicação das origens do mundo. Kronos era representado pelos gregos como uma figura bizarra que devorava os seus filhos, numa referência ao passar do tempo e ao fim da vida. Saturno era representado pelos romanos como um velho curvado, carregando uma foice, demonstrando o seu controle sobre o tempo e o fim da vida.



**Figura 1.1:** Saturno devorando um de seus filhos. Obra do pintor espanhol Goya (1746-1828).

### Cronologia cristã

A periodização da História mais utilizada no Ocidente parte da idéia de que o nascimento de Cristo é tão importante para a Humanidade que o tempo deve ser dividido em dois períodos: antes de Cristo (a. C.) e depois de Cristo (d.C.). A unidade de tempo utilizada com mais freqüência, quando se fala em “longa duração”, é o século.



Algumas pessoas se confundem na contagem dos séculos devido ao fato de não haver ano 0 nem século 0 como marco inicial do nascimento de Cristo (não há zero em algarismos romanos! Desta forma, determinou-se que Cristo teria nascido no ano 1). Na contagem dos séculos, o ano de 1505, que aparenta pertencer ao século XV, na verdade corresponde ao século XVI. Observe o exemplo a seguir:

Nascimento de Cristo – ano I do século I d. C.

Século I d.C: 1 – 100

Século II – 101 a 200

Século III – 201 a 300

...

Século XIX – 1801 a 1900

Século XX – 1901 a 2000

Século XXI – 2001 a 2100

Um modo fácil de se determinar o século a partir do ano em algarismos arábicos é somar 1 aos dois primeiros números de um milhar. Por exemplo: no ano de 1997, os dois primeiros números formam o 19. Temos, então,  $19 + 1 = 20$ .

Assim, 1997 pertence ao século XX.

No entanto, quando um ano termina em 00, como, por exemplo, o ano 2000, temos uma exceção à regra. Neste caso, os dois primeiros números indicarão o século. Exemplificando: *Ano 2000: termina em 00 e os dois primeiros números formam 20. Logo, temos também o século XX.* (Você se lembra de que várias pessoas comemoraram, erroneamente, a chegada do novo século em 01/01/2000? Em que ano, na verdade, começou o século XXI?)

No caso de anos expressos em centenas, vale a mesma regra, porém considera-se apenas o primeiro algarismo.

Ex: 789 a.C. = século VIII a.C. ( $7 + 1$ ); 300 d.C = século III d.C. ( $3 + 0$ ).

Tradicionalmente, os séculos são representados em algarismos romanos. Hoje em dia, porém, já encontramos registros que indicam séculos através de algarismos arábicos, por exemplo, “século 19” em vez de “século XIX”. A forma mais comum, entretanto, continua a ser a de indicar os séculos em algarismos romanos.

## As divisões da História

A concepção de História, que herdamos da nossa colonização, se divide em quatro momentos, todos tendo importância para a Europa, mas nem sempre significativos para o resto do mundo. É uma visão eurocêntrica de História:

**Idade Antiga** – da invenção da escrita, aproximadamente em 4000 a.C., até a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C.

**Idade Média** – de 476 d.C. até a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos, em 1453.

**Idade Moderna** – de 1453 até 1789, data da Revolução Francesa.

**Idade Contemporânea** – de 1789 até os nossos dias.



Lembre-se de que esta representação da “linha do tempo” é bastante criticada pelos historiadores, pois sugere linearidade e nunca rupturas ou transformações. A História não tem sempre o mesmo sentido. A reta serve apenas para ajudar na compreensão da contagem do tempo.

Em resumo, as periodizações são importantes para compreendermos a História, desde que tenhamos em mente o fato de que elas retratam um determinado poder político, econômico e cultural, que se expressa nas datas e nos temas escolhidos para serem estudados e ensinados. É inútil fugirmos dessas periodizações, visto que também são adotadas por nós em face da colonização

européia, além de facilitar o ensino da História. Mas isto não nos impede de sugerir outras periodizações possíveis para a nossa cultura. Portanto, percebemos que a divisão da História também tem história.

## **O tempo histórico ou social**

O tempo histórico não é regular ou linear como o tempo físico ou cronológico. É formado por diferentes durações, já que está relacionado às ações dos grupos humanos. E esse tempo não segue exatamente os relógios e os calendários. Os fenômenos históricos podem ter longa duração (de ritmos mais lentos), média duração (conjuntural, representada por transformações econômicas, políticas ou sociais) ou curta duração (episódicos).

A escravidão no Brasil, por exemplo, é um fenômeno de longa duração, perdurando mais de 300 anos. A Independência do Brasil, vista como um processo, é um fenômeno de média duração. Muitos historiadores concordam com a tese de que o processo se iniciou com a Abertura dos Portos, em 1808, e culminou com a abdicação de D. Pedro I do trono brasileiro, em 1831. Já o episódio da vitória da Seleção Brasileira de Futebol na Copa de 1970, por exemplo, está restrito à curta duração.

## **O tempo da “natureza” e o tempo da “fábrica”**

Esta divisão do tempo é importante por se relacionar ao nosso mundo do trabalho. Em muitas sociedades rurais e tempos históricos, os trabalhadores vivenciam um “tempo da natureza”, relacionado ao dia e à noite, às variações do clima, às épocas de plantio e de colheita etc.

O historiador francês Lucien Febvre conta que a população do campo na França do século XVI se referia ao tempo dizendo: “por volta do sol levante” ou “por volta do sol poente”.

Já nas sociedades industriais contemporâneas, os trabalhadores de uma fábrica, por exemplo, vivenciam um ritmo de

tempo marcado pelas horas do relógio, mesmo porque as horas de trabalho, em geral, são vendidas por determinado preço: o salário. Assim, nesse tempo “da fábrica” – também encontrado em outras atividades profissionais –, a jornada de trabalho *não obedece mais ao nascer e ao pôr-do-sol ou às variações do clima, mas às exigências da empresa.*

O tempo “da fábrica”, institucionalizado pós-Revolução Industrial, será importante para os estudos do turismo, pois, com ele, irá surgir também *o tempo livre* e *o tempo de lazer*.



## Atividade

1.a. Faça uma relação das diferentes concepções de tempo estudadas nesta aula, destacando aquelas que têm maior relevância para o estudo da História associada ao Turismo.

---

---

---

---

---

1.b. Em nossa sociedade atual, a falta de tempo é uma das principais queixas das pessoas. Na sua opinião, por que o tempo, no século XXI, parece ter se tornado tão curto, especialmente para os mais jovens?

---

---

---

---

## Respostas Comentadas

*Nesta questão, deverão ser mencionados: o tempo cronológico, o tempo histórico ou social, o tempo da natureza e o tempo da fábrica, destacando-se o tempo cronológico e o da fábrica como fundamentais para a atividade turística e a relação com os estudos históricos. O tempo da natureza também poderá ser considerado, tendo em vista a decisão de muitos turistas de viajar conforme as estações do ano, os fenômenos climáticos etc.*

*b. A questão admite diferentes respostas. Você poderá fazer uma reflexão sobre si mesmo e o mundo que o cerca, desenvolvendo a sua resposta, por exemplo, na seguinte direção: a vida se tornou mais complexa do que em outras épocas, com muitas facilidades tecnológicas, mas, ao mesmo tempo, muito mais atividades a serem realizadas durante o dia, o que torna o tempo atual, especialmente o dos mais jovens, escasso para o cumprimento de tantos papéis a serem desempenhados em nossa sociedade.*

## **Sobre os antigos viajantes: o mundo em movimento**

*O mundo é como um livro; quem não viaja só lê uma página.*

Santo Agostinho

Certamente, você já assistiu (ou pelo menos espiou) a um daqueles filmes épicos que narram a saga dos povos do mundo antigo. Uma característica bastante comum a esses filmes são os longos deslocamentos realizados por determinado grupo de pessoas (soldados, nômades, mercenários, aventureiros, peregrinos, mercadores e outros), motivado por algum objetivo, seja ele político, econômico ou social. Pestes, fome, guerras, catástrofes naturais, comércio... Enfim, diversas motivações caracterizam as viagens na Antigüidade, que nos ajudam a contar um pouco da história das sociedades do mundo antigo.

Não é nossa pretensão aqui relatar todas as sociedades antigas e suas experiências, aventuras e desventuras pelo mundo. Isso seria tarefa impossível e de pouca importância para um aluno iniciando o curso de graduação em Turismo. O que pretendemos nesse diálogo com você é apresentar a importância dos deslocamentos e viagens para a Humanidade e convidá-lo para um outro tipo de viagem, refletindo o imenso valor do estudo da História para o Turismo e, conseqüentemente, para a sua formação.

Assim, selecionamos alguns exemplos de sociedades do mundo antigo para, ao mesmo tempo, percebermos as transformações que foram ocorrendo ao longo da história do período e,

também, como não poderíamos deixar de abordar, qual a importância das viagens nesses contextos.

Portanto, entregue-se à aventura dessa viagem. O ensino da História mudou bastante nos últimos anos, e a nossa preocupação maior é que você seja um leitor crítico, saiba analisar as informações e relacioná-las com a realidade do mundo em que você vive, comparando passado e presente e as transformações ou continuidades entre as sociedades distintas, em diferentes épocas.

Aperte o cinto! Vamos dar início à nossa viagem ao passado...

Desde a Pré-História, o homem está em movimento. O nomadismo, caracterizado pela freqüente mudança de região dos grupos humanos, foi uma necessidade constante de muitos povos à procura de condições ideais para a sua sobrevivência, forçando homens e mulheres a percorrerem grandes distâncias ao longo dos tempos. Várias teorias que explicam o aparecimento do ser humano nas Américas, por exemplo, tratam dos deslocamentos de nossos ancestrais, oriundos da Ásia e da África. A mais nova teoria, encabeçada pela antropóloga francesa Niède Guidon, radicada no Brasil, vem tendo grande aceitação por parte da comunidade científica. A pesquisadora defende que o homem primitivo americano tem origens diversas, pois seus componentes biológicos são distintos. Essa teoria reforça a diversidade de povos que habitaram as Américas em épocas muito remotas, caracterizando o intenso deslocamento das pessoas desde então.

Podemos nos referir à *Antigüidade* ou *Antigas Civilizações*, quando falamos de povos muito antigos. Em geral, costuma-se dividir este período histórico em *Oriental* – englobando principalmente as civilizações da Mesopotâmia e Egito (ligados a estas duas estão os fenícios, hebreus e persas) – e *Clássica* – basicamente as civilizações grega e romana. Porém, é importante saber que podemos classificar como Antigüidade Oriental vários outros povos e civilizações que, por estarem bem mais distantes da nossa formação cultural ocidental, só recebem a devida atenção em estudos mais aprofundados como, por exemplo, China, Japão, Índia, e todo o restante da Ásia.

Pertencendo tanto à Antiguidade quanto à Pré-História, se tomarmos como referência o desenvolvimento ou não de um sistema de escrita, temos ainda os reinos africanos e povos da América pré-colombiana: maias, incas, mexicas, gês, xavantes, moxica, aruaques, tupis, povos sambaqueiros, guaranis e tantos outros.

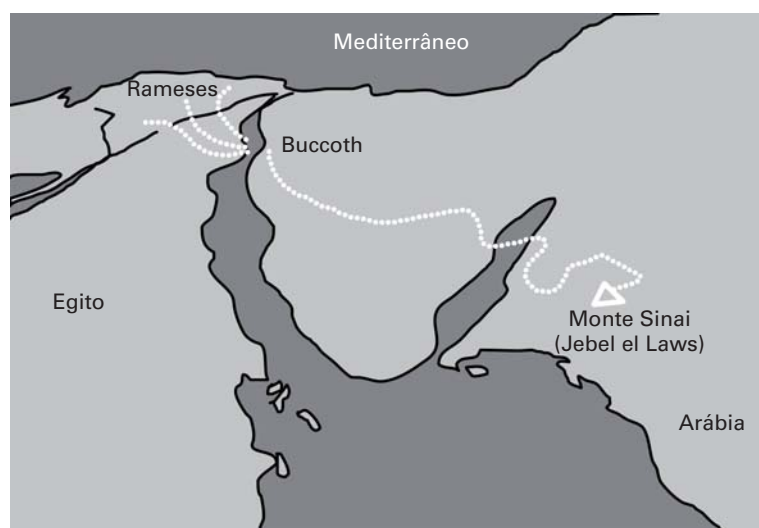


A Bíblia, que relata a criação do mundo e o desenvolvimento das sociedades na visão judaico-cristã, é também uma valiosa fonte de informação histórica. Nela estão contidas, por exemplo, narrativas da longa travessia dos hebreus pelo deserto, sob o comando de Moisés, saídos do Egito, onde eram escravizados, rumo à Terra Prometida (Antigo Testamento).

Êxodo, 13:17-18

17. E aconteceu que, quando o Faraó deixou ir o povo, Deus não os levou pelo caminho da terra dos filisteus, que estava mais perto; porque Deus disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte ao Egito.

18. Mas Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto do Mar Vermelho; e, armados, os filhos de Israel subiram da terra do Egito.



**Figura 1.2:** Provável rota do Êxodo.

Fonte: <http://mucheroni.hpg.com.br/religiao/96/arqueologia/exodo1.htm>



O Êxodo foi uma das mais significativas mostras do deslocamento de povos no Mundo Antigo, comprovada cientificamente. Os textos bíblicos, portanto, tornam evidentes os longos deslocamentos realizados pelos povos antigos, a importância das viagens para esses povos e as inúmeras dificuldades enfrentadas.

Observe as dificuldades encontradas nas viagens do Apóstolo Paulo, relatadas no livro Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 11, versículos 24 a 27, do Novo Testamento:

24. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; 25. Fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; 26. Em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; 27. Em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes, em fome e sede, em jejuns, muitas vezes, em frio e nudez.

Outras duas das mais célebres e pioneiras obras da literatura universal são os épicos *Ilíada* e *Odisséia*, atribuídas a Homero, escritas por volta do século VIII a.C. A *Ilíada* narra os acontecimentos que marcaram a Guerra de Tróia, ocorrida entre 1300 e 1200 a.C, quando um grupo de aqueus (povo seminômade que migra para a Grécia) invade a cidade de Tróia, trazendo em detalhes aspectos políticos e culturais do período em que a obra foi produzida. Já a *Odisséia* destaca as viagens e aventuras vividas pelo personagem Ulisses (em grego, Odisseu), que retorna da Guerra de Tróia, enfrentando diversos perigos e a ira do deus Poseidon até, finalmente, chegar à sua casa, protegido por Atena.

Os dois trabalhos têm como pano de fundo um fato histórico, que é a Guerra de Tróia; dão conta da importância da mitologia para a organização da sociedade grega, citam elementos da vida cotidiana dos gregos, destacam a necessidade das viagens no mundo antigo e, juntando os ingredientes de uma boa epopeia, estão entre as obras mais lidas em todo o mundo.

Por falar na Grécia, a sua própria formação está associada à chegada de vários povos que para lá se deslocavam, provenientes da Europa oriental. Os mais tradicionais são os aqueus, os jônios,

os eólios e os dóricos. São os chamados “povos helênicos”, que ali se estabeleceram no terceiro milênio, entre 3000 e 2000 a.C. Sua história é marcada por diversas guerras, saques, invasões e pilhagens.

O período clássico (século VI–IV a.C.), caracterizou-se como o apogeu da sociedade grega. Especialmente Atenas, a maior cidade grega, viveu um período de grande desenvolvimento no chamado Século Dourado, quando Péricles governou a cidade durante 30 anos. Atenas apresentou um grande crescimento econômico com a intensificação das viagens comerciais; o desenvolvimento das artes, da literatura, das ciências e da política marcada pelo expansionismo e por uma democracia sustentada pela escravidão. Dos gregos antigos, herdamos a tradição do teatro, o aperfeiçoamento do alfabeto fenício, os primórdios da Filosofia, a noção de democracia, algo da Matemática e da Medicina, a própria escrita da História e muito das artes e da arquitetura que influenciaram, em muito, a civilização ocidental.

É nesse período que o primeiro historiador de que se teve notícia, Heródoto de Halicarnasso, escreve a obra *História*, na qual busca descrever, de acordo com o seu olhar de cidadão grego, diversos outros povos do período, chamados pelos gregos “bárbaros” (povos estrangeiros e que não falam o grego), entre eles os egípcios, a quem dedica um volume inteiro. Segundo o autor,

os resultados das investigações aqui apresentados têm por objetivo manter a memória dos acontecimentos, para que não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pela quais eles se guerrearam (HERÓDOTO, T:1).

Heródoto descreve em detalhes o resultado das observações realizadas em sua viagem ao Egito, como a localização geográfica do país, sua sociedade, costumes, vida cotidiana, política, religião, entre outros aspectos. Seu trabalho, por muito tempo, tornou-se obra de referência de muitos pesquisadores sobre o Egito Antigo.



**A herança que os gregos nos deixaram: Grécia Antiga, um roteiro imperdível**

Por toda a sua importância histórica, a Grécia, considerada o berço da civilização ocidental, recebe um grande fluxo de turistas anualmente, interessados em conhecer a beleza paradisíaca das ilhas gregas, e, sobretudo, o seu legado cultural. Entretanto, boa parte do seu acervo cultural encontra-se em museus de outros países da Europa e nos Estados Unidos, como ocorre com o patrimônio do Antigo Egito.

Dentre os atrativos gregos mais visitados, estão os templos dos deuses, com destaque para o Partenon, templo dedicado a Atena, na Acrópole da capital, que leva o nome da deusa.



**Figura 1.3:** Partenon.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/partenon>

Outros atrativos bastante procurados:



**Figura 1.4:** Antigo teatro grego na cidade de Delfos.

Fonte: <http://www.guiageo-grecia.com/fotos.htm>

A cidade de Olímpia, onde eram realizados os jogos em honra aos deuses, que inspiraram os atuais Jogos Olímpicos.



**Figura 1.5:** Estádio onde se realizavam os jogos olímpicos da antiguidade.

Fonte: <http://www.oleme.pt/turismo/grecia/olimpia/fotos/slides.html>



**Figura 1.6:** Ruínas do antigo templo de Zeus, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/oi%C3%admpia>

Cabe ainda destacar outra grande civilização da Antigüidade que exerceu significativa influência sobre o mundo ocidental: Roma. Com um exército bem equipado e dispondo de muitos recursos, conquistou vários povos entre os séculos III e II a.C., submetendo-os à escravidão ou ao pagamento de impostos. O Império Romano, no seu apogeu, estendeu o seu domínio da Europa ocidental ao Oriente.

As intensas relações com a Grécia marcaram profundamente a cultura romana, que em muito se assemelhava na religião (politeísta, inspirada na cultura grega, até a consolidação do cristianismo), nas artes, especialmente pintura, arquitetura e teatro, na política, entre outros aspectos.

A crise do Império Romano se deveu a diversos fatores, entre eles a corrupção, os excessivos gastos com o luxo dos administradores, a crise econômica e de abastecimento e o enfraquecimento do exército e, conseqüentemente, da vigilância sobre as fronteiras, facilitando as chamadas invasões bárbaras.

No auge da crise, no final do século IV d.C., o Império foi dividido em dois: Império Romano do Ocidente (com capital em Roma, que entrou em decadência e chegou ao fim em 476 d.C) e Império Romano do Oriente ou Império Bizantino (sendo a capital a cidade de Constantinopla, que se manteve até 1453, com a tomada da cidade pelos turcos).

Roma deixou um legado político e cultural de grande importância, especialmente para o Ocidente. O Direito Romano até hoje inspira a legislação de vários países, assim como o latim, língua que passou a ser conhecida em toda a extensão do Império Romano, deu origem a diversas línguas faladas atualmente, entre elas o italiano,

o português, o espanhol e o francês. Além disso, inovaram na arquitetura, ao usar o arco e a abóbada e inventar uma espécie de cimento. Também destacaram-se em muito no urbanismo. E, graças ao Império Romano e sua influência, surge o catolicismo como religião predominante na Europa Ocidental.

Sem dúvida, foi uma civilização que promoveu intensas relações culturais, comerciais e políticas entre povos de diversas partes do mundo antigo (onde ainda não se tinha notícia sobre a existência da América), do Ocidente ao Oriente.





## Atividade

2.a. Destaque os principais motivos das viagens realizadas na Antigüidade.

---

---

---

---

### Resposta Comentada

*Como discutido no início da aula, as viagens na Antigüidade e também na Pré-História tiveram motivações diversas. Você deve ter reparado que enfatizamos a dimensão das guerras de conquistas entre povos expansionistas, como os gregos e os romanos, os deslocamentos por necessidades básicas de sobrevivência, o comércio como forte motivação para os contatos entre os povos, peregrinações religiosas, entre outros. A dimensão do lazer somente será considerada mais adiante, visto que esta é uma noção contemporânea e seria anacrônico (fora do tempo, erro cronológico) atribuímos as viagens a lazer como uma das principais motivações dos deslocamentos no mundo antigo.*

2.b. Dentre as contribuições à cultura ocidental deixadas pelos antigos gregos e romanos, quais você considera mais significativas para o turismo?

---

---

---

---

### Comentário

*Esta questão admite várias respostas, e você pode caminhar em diferentes direções, podendo, por exemplo, priorizar os aspectos da cultura material (obras arquitetônicas, pinturas, esculturas, literatura), citando exemplos, aspectos da cultura imaterial (religião, crenças, costumes, língua), aspectos políticos e jurídicos que garantiram a ordem social fortaleceram essas sociedades e inspiraram outras (expansionismo, direito romano).*

2.c. Considere as conceituações de turismo abaixo relacionadas:

1. Para Oscar de la Torre (1992),

o turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

(Conceito adotado pela Organização Mundial do Turismo - OMT)

2. Já para Andrade (1992),

turismo é o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos fora de suas residências habituais.

Na sua opinião, as viagens realizadas desde os primórdios da Humanidade podem ser consideradas turísticas? Justifique sua resposta, tomando por base os conceitos de Turismo apresentados anteriormente.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Resposta Comentada**

*Conforme é evidenciado pelas definições citadas, o conceito de Turismo, tanto na primeira como na segunda acepção, enfatiza uma série de elementos contemporâneos que não existiam na Antiguidade. No primeiro caso, da definição de Oscar de la Torre, adotada pela OMT, é destacada a questão do tempo livre e do lazer como primordiais para a atividade turística. O segundo conceito, proposto por Andrade, já considera a estrutura necessária para a organização e a prestação dos serviços turísticos, incluindo o planejamento, a promoção (marketing) e a operação desses serviços. Ou seja, é um*



*conceito que considera o turismo uma atividade profissional que demanda especialização dos serviços e qualificação dos prestadores. Portanto, não há como se considerar, dentro das definições atuais, aceitas pela universidade e pelo mercado, que as viagens realizadas na Antiguidade possam ser classificadas como turísticas.*



#### **Das termas romanas às estâncias hidrominerais**

Por todo o Império Romano se espalharam os balneários ou termas, com águas mornas ou frias. Tratava-se de locais de banhos públicos, utilizados para diferentes finalidades, como a higiene corporal, tratamento medicinal, reunião da aristocracia para discussões políticas e também para relacionamentos e festas profanas.

As antigas termas romanas despertam a curiosidade dos turistas e se tornaram, na atualidade, atrativos bastante visitados. A cidade de Bath, na Inglaterra, cujo nome quer dizer banho, foi fundada pelos romanos e é conhecida em todo o mundo pelas propriedades terapêuticas de suas águas. Sua arquitetura não deixa dúvidas quanto à influência romana na cidade.



**Figura 1.7:** Termas romanas na cidade de Bath, na Inglaterra.  
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/imagem:roman\\_bath\\_at\\_bath\\_england.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/imagem:roman_bath_at_bath_england.jpg)

Além da visita turística às cidades européias que possuem edificações ou ruínas onde funcionaram as termas romanas na Antigüidade, existe um crescente interesse turístico, que se espalha por todo o mundo, pelas estâncias hidrominerais e banhos em águas termais. No Brasil, são famosas as estâncias hidrominerais do chamado Circuito das Águas Mineiras, que compreende as cidades de São Lourenço, Cambuquira, Caxambu, Lambari, Poços de Caldas, Conceição do Rio Verde e Araxá.



**Figura 1.8:** Parque das Águas, em São Lourenço.

Fonte: <http://www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/saolourenco/port/parque.asp>

Há também o Circuito das Águas Paulista, localizado na Serra da Mantiqueira, que reúne as estâncias de Amparo, Serra Negra, Sororro, Lindóia, Águas de Lindóia, Jaguariúna e Pedreira.



**Figura 1.9:** Águas de Lindóia.

Fonte: <http://www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/saolourenco/port/parque.asp>

Caldas Novas, no estado de Goiás, é um outro destino turístico que também atrai um grande número de visitantes, interessado nas propriedades terapêuticas das águas, conhecidas, como vimos, desde a Antigüidade. A cidade possui, inclusive, um balneário municipal. Vários empreendimentos turísticos estão se instalando na cidade, que já possui grandes empreendimentos hoteleiros administrados por grupos internacionais.



**Figura 1.10:** Lagoa Quente – Caldas Novas,GO.  
Fonte:<http://www.imoveis.com.br/caldasnovas/fotos.htm>



## Atividade Final

Na sua opinião, como o estudo da disciplina História pode contribuir para a formação do aluno de Turismo?

### ***Resposta Comentada***

*A questão estimula a reflexão pessoal sobre a relação História e Turismo, onde o aluno pode seguir caminhos distintos, mas que se complementam, considerando um ou os dois dos seguintes fatores: 1) a grande contribuição que a História pode oferecer para a formação geral do cidadão e futuro profissional, considerando os valores humanísticos, éticos, reflexivos e morais; 2) a finalidade prática dos estudos da História, especialmente na sua vertente cultural, para a percepção do patrimônio histórico e cultural com o qual lidará como recurso para o Turismo.*

## **Resumo**

Viajamos, nesta aula, para um tempo muito distante do nosso. Conhecemos as diferentes formas que alguns povos utilizam para contar o tempo; refrescamos a memória sobre a contagem do nosso tempo, baseado no calendário cristão; revisamos as tradicionais divisões da História, utilizada como forma de organização didática e que será uma referência muito importante ao longo de nossa disciplina.

Adotando a perspectiva das viagens como forma de organização dos conteúdos da aula, visitamos a Pré-História, na qual foi destacada a prática dos deslocamentos humanos em busca de melhores condições de sobrevivência. Rumo à Idade Antiga, conhecemos importantes realizações das grandes civilizações do período, notadamente Grécia e Roma. Gregos e romanos eram povos expansionistas e, em suas viagens pelo mundo antigo, realizaram várias trocas culturais com diversos povos, deixando um imenso legado (herança) para a nossa sociedade.

Não se pode afirmar que o turismo tenha existido na Antiguidade. Os deslocamentos, motivados pelas guerras, necessidade de sobrevivência, expansionismo político, ou mesmo descanso, no caso da elite romana, que buscava os prazeres das termas nos balneários, não possuíam as características da atividade turística tal como conhecemos hoje. Esta é uma atividade essencialmente capitalista e só irá ganhar os seus primeiros contornos a partir da Revolução Industrial, como veremos em outras aulas.

## **Informações sobre a próxima aula**

Na Aula 2, você seguirá com a sua viagem pelo tempo, num mergulho pela Idade Média, conhecendo outras sociedades diferentes da sua, com destaque para a Europa Ocidental. Os povos bárbaros, assim chamados pelos gregos e romanos, como vimos nesta aula, terão papel de destaque, assim como a consolidação e a expansão do cristianismo na Europa e no restante do mundo conhecido, ampliando o contato entre os povos e impondo rígidos valores e padrões de comportamento, em que não havia espaço para a dimensão do tempo livre nem do lazer, duas concepções fundamentais para o turismo.



# 2

## Pelos caminhos da Idade Média

### Meta

Apresentar um panorama das transformações ocorridas na Europa ocidental durante a Idade Média, bem como os legados da época, algumas características da arte e da arquitetura, dos deslocamentos, da hospedagem e da hospitalidade.

### Objetivos

Ao final desta aula, você será capaz de:

- 1 estabelecer diferenças entre os estilos românico e gótico da arquitetura medieval, bem como características da pintura da época;
- 2 identificar e diferenciar as formas de deslocamento, dos meios de hospedagem e da hospitalidade medievais;
- 3 estabelecer relações entre as viagens de peregrinação medievais e o turismo religioso da atualidade;
- 4 reconhecer as principais características da Idade Média e as possíveis relações com os tempos atuais.

## A Idade da Fé

Nossa viagem pelo tempo visita, desta vez, o segundo período histórico tradicional: a Idade Média ou medieval. Por que “média”? Como o próprio nome já diz – e você deve se recordar da Aula 1, quando falamos em periodização tradicional da História –, a Idade Média forma o período mediano entre a Antigüidade e a Idade Moderna. Essa designação, contudo, foi dada *a posteriori*. Surge entre os humanistas do século XV, referindo-se pejorativamente a uma época obscura anterior – a *idade das trevas* – em que os valores clássicos do mundo antigo teriam sido esquecidos e, segundo eles, nada digno de nota houvesse sido criado. Esta posição será mudada apenas no século XIX com o movimento do Romantismo, que passa a valorizar a Idade Média, em especial os ideais cavaleirescos (boas maneiras, honra, coragem etc.).

Hoje, o conceito pejorativo da época foi revisto pelos historiadores que, através de pesquisas, consideram a Idade medieval um importante período que nos deixou um valioso legado nas artes, filosofia, ciência, durante o qual foram lançadas as estruturas básicas do mundo moderno, inclusive as da economia capitalista.

## A Alta e a Baixa Idade Média

A época medieval pode também ser subdividida em recortes de tempo menores. Numa das formas mais correntes de divisão, ela é separada em dois períodos:

Alta Idade Média – que vai do século VI ao XI.

Baixa Idade Média – que vai do século XI ao XV.

A maior parte das referências populares que temos sobre o período medieval – filmes, imaginário e inclusive os estudos relacionados aos deslocamentos nesta época – é decorrente da Baixa Idade Média.



## Um pouco de História

Vamos lembrar que os romanos da Antigüidade formaram um império que, grosso modo, circundava o mar Mediterrâneo, que, por causa disso, recebeu deles o apelido de *Mare Nostrum* (nosso mar). Nas bordas deste território, porém, desenvolveram-se povos cuja cultura era distinta e menos elaborada que a dos romanos. Acostumados a olhar sua cultura como superior, os antigos romanos denominam esses povos *bárbaros*. Com a crise e a decadência de Roma, esses povos limítrofes invadem e conquistam o território do Império Romano, levando a população das cidades a um movimento de ruralização (valorização da zona rural), construção de fortalezas de proteção – os famosos castelos medievais –, vilas protegidas, muralhas e relações de proteção entre senhores e vassalos, que leva à prática do **feudalismo**. A unidade dos territórios do Império Romano, centralizado e hierarquizado, é substituída por reinos, cuja maioria tinha vida curta. A mistura das línguas bárbaras com o latim romano resulta nas chamadas línguas vulgares faladas até hoje: português, francês, italiano, inglês (anglo-saxões), catalão etc.



Anglos, saxões, ostrogodos, vândalos e francos são, em geral, a denominação dos chamados povos bárbaros, que tinham como característica a vida em reinados hereditários, tendo a família como organização social principal. As leis eram costumeiras (baseadas em costumes e não em leis escritas) e a religião, politeísta, cultuava divindades ligadas à Natureza (raio, vento,

trovão...). A economia era baseada em trocas comerciais e na agricultura. Mais tarde, outros povos promovem novos ataques às terras do Ocidente: húngaros, muçulmanos e *vikings*. Os muçulmanos demandam especial atenção, já que conquistam o sul da Península Ibérica.

### Feudalismo

“Sistema de organização econômica, social e política baseado nos vínculos de homem a homem, subordinados uns aos outros por uma hierarquia de vínculos de dependência que dominam uma massa campesina que explora a terra e lhes fornece com que viver”  
(JACQUES LE GOFF).



## E o Deus cristão passa a ser o centro do mundo...

É praticamente impossível entender a Idade Média sem fazermos ligação com o cristianismo. A religião cristã, durante o Império Romano, era, de início, marginal em meio aos diferentes e variados cultos e deuses do Império. Era professada apenas pelos descendentes de judeus que viviam na periferia de Roma, mas vai aos poucos se difundindo nas camadas mais pobres da população – especialmente entre os escravos – até atingir também famílias da nobreza romana.

Com o decreto de liberdade de culto concedido pelo imperador Constantino em 313 d.C. e a oficialização do cristianismo como religião do Estado, feita pelo imperador Teodósio em 380 d.C., a fé cristã se consolida como religião do Império, marcadamente urbana, e os que professavam os demais cultos são perseguidos. É importante destacar que os líderes dos povos bárbaros, invasores deste Império Romano, acabam por se converter ao cristianismo, ajudando a difundir e fortalecer a religião e a instituição da igreja cristã por quase toda a Europa ocidental.



Figura 2.1: Divisão do Império Romano (395).

Repare no mapa. A área escura mostra a dimensão do Império Romano entre os séculos II e III. As setas indicam os lugares de onde os povos chamados bárbaros partiram para a conquista do Império decadente. A área escura será praticamente o território dominado pelos bárbaros que, convertidos à cristandade, será também o espaço de influência da Igreja cristã.

No Brasil, temos formação cultural com base no cristianismo. Que relação podemos estabelecer entre este fato e o domínio medieval da igreja cristã na Europa ocidental?

A Igreja cristã, institucionalizada, vai ganhando destaque e influência no mundo medieval. Desde sua conversão, os bárbaros invasores vão adquirindo e ganhando terras e privilégios – poder espiritual e temporal, passando a ser influentes e a dominar a mentalidade da sociedade medieval. É por isso que dizemos que esta época era dominada pelo teocentrismo (centro em Deus).

A importância da Igreja, na época, fica por conta da fundação das universidades – no final do século XII – e dos núcleos de educação que, contudo, são pautados nos dogmas cristãos. A preservação da cultura da Antigüidade Clássica será feita principalmente através das cópias manuscritas e das *iluminuras*.



Figura 2.2: O signo de peixes do *Livre des horas* de Charles VIII (coleção particular do professor Alexandre).

### ***Iluminura***

Era um tipo de desenho decorativo, freqüentemente empreendido nas letras capitulares que iniciam capítulos de determinados livros, especialmente aqueles produzidos nos conventos e abadias medievais. O ofício da Iluminura foi considerado bastante importante no contexto da arte medieval, constando em grande parte dos livros produzidos durante a Idade Média. Um manuscrito iluminado seria estritamente aquele decorado com ouro ou prata, mas estudiosos modernos usam o termo *iluminura* para qualquer decoração em um texto escrito.



As universidades, lugar da produção e difusão do conhecimento, tão comuns em nossa época, surgem, muito parecidas com o que ainda é hoje, na Idade medieval.

As mais famosas da Europa, como a Sorbonne, na França; Cambridge, na Inglaterra; Coimbra, em Portugal, ou a de Salamanca, na Espanha, são legados da Idade Média. Junto com a instituição em si, aparecem também seus suportes, como a pedagogia, a concessão de títulos, a licença profissional para exercício da função docente, a estrutura administrativa, os livros, os dicionários e a enciclopédia.

### La Sorbonne

Foi fundada em 1253. Era o apelido da antiga Universidade de Paris; hoje, a denominação é usada para se referir a uma série de treze faculdades (Paris I a XIII) de altos estudos e financiadas pelo Estado, localizadas, principalmente em Paris. Algumas se situam no centro da Cidade-Luz, no quinto *arrondissement* (distrito), em frente ao *Lycée Louis-Le-Grand* (escola secundária), ao *Collège de France* e ao Parque Luxemburgo (onde se encontra o Senado).



**Figura 2.3:** A Sorbonne.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Sorbona\\_in\\_snow.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Sorbona_in_snow.jpg)

## A sociedade e a economia

A sociedade medieval era composta basicamente por *senhores feudais* que eram, na verdade, os reis dos reinos bárbaros estabelecidos após as invasões; por *vassalos*, que prestavam obediência aos reis; pelos *servos*, presos à terra, que pagavam vários tributos; pelo *clero*, os membros da Igreja cristã, dividido em secular (alto clero) e regular (baixo clero), e pelos *homens livres*.

Os senhores feudais eram a autoridade administrativa, judicial e militar, os donos da terra, que concediam feudos (pedaços de terra) a seus vassalos em troca de serviços militares. A economia, desta forma, se dá através dos bens agrícolas e pastoris.

## A arte, a arquitetura e os legados da Idade Média

Toda produção artística medieval será orquestrada pelo cristianismo e pela Igreja Católica. Na arquitetura, vamos observar o surgimento de dois importantes estilos de construção: o Românico, mais característico dos séculos XI e XII, e o Gótico, traduzido na forma de grandes catedrais, que aparece entre os séculos XII e XVI.

As catedrais góticas serão apelidadas de “Bíblias de Pedra”. Numa época em que a educação formal era privilégio de uma minoria – em geral, do clero – e poucos eram alfabetizados – as esculturas e a arte das catedrais serviam como elementos didáticos nos ensinamentos do evangelho.

Os países que hoje possuem exemplos mais significativos destes estilos são a França, a Alemanha e a Inglaterra.

Existem alguns elementos de caracterização que nos permitem identificar e distinguir um estilo do outro. Observe:

As construções românicas possuem arcos redondos, escultura mais estilizada, seu formato arquitetônico é mais horizontal, de altura modesta, com pilares e paredes grossas, ambiente interno escuro e solene. Seu aspecto, no geral, é simples e severo.

Já as construções góticas, caracterizadas especialmente pelas grandes catedrais, farão uso do arco gótico, pontudo, e a altura de sua construção será bastante elevada. Tanto o interior quanto o exterior serão ricamente decorados com esculturas representando toda a mitologia cristã. Suas paredes serão altas e finas, decoradas com fabulosos vitrais coloridos e, para sustentá-las, usarão alguns elementos inéditos até então: o contraforte e os arcobotantes. O aspecto deste tipo de construção é o de ser leve e claro.



## Atividade

---

1. Pesquise, nos países da Europa, as construções que são classificadas como românicas e as que são góticas. Busque suas imagens. Repare em seus elementos de construção e procure identificar aqueles citados no texto anterior. Faça o mesmo com algum tipo de arte do período medieval, principalmente a pintura.

---

### Comentário

*A França é um ótimo país para se conseguir preciosos exemplos da arquitetura românica e gótica. A famosa e muito visitada Catedral de Notre-Dame de Paris é um exemplo de arquitetura gótica medieval. Lá foi ambientado o conhecido romance de Victor Hugo, publicado em 1831, O corcunda de Notre-Dame. A Disney, em desenho animado que também leva o nome O corcunda de Notre-Dame, fez, por computador, uma fantástica reprodução da catedral. No desenho pode-se fazer uma visita virtual ao edifício.*

*Uma igreja românica importante de ser pesquisada é a da St. Trophime, na cidade de Arles, sul da França. É nessa cidade também que acontece um importante festival de fotografia.*

*Quanto à pintura medieval, pode-se procurar exemplos em iluminuras, na arte das igrejas e catedrais e nas pinturas de Giotto.*



**Giotto di Bondone** (c. 1267-1337, Florença) foi reconhecido, já durante sua vida, como o grande renovador da pintura italiana e, para muitos teóricos e historiadores desde então, pai da pintura moderna ocidental. Entretanto, a vida de Giotto é envolta em mistério e lenda. Segundo contemporâneos, Giotto era um jovem pastor de ovelhas, cujo passatempo era fazer pequenos esboços dos animais enquanto os apascentava. Um dia, passando por ali em viagem de negócios, o grande mestre da arte de então, o chamado Cimabue, encantou-se com a habilidade do menino e o convidou para trabalhar com ele em Florença. Conta-se que, em pouco tempo de aprendizado, o jovem pastorzinho superou o mestre na arte do desenho.

Mesmo não se tendo qualquer documentação que comprove a autoria de Giotto em qualquer obra a ele atribuída, o artista é considerado o iniciador da *era da pintura na arte ocidental*. Após Giotto, a pintura recobra seu lugar de destaque entre as artes, chegando a ser considerada, durante os anos posteriores no Renascimento e no Barroco, a maior arte de todas.

A maior habilidade de Giotto está em unir um senso de realidade inédito na arte da época, somado à capacidade de produzir ilustrações extremamente expressivas e humanas do texto bíblico. Suas pinturas causavam grande assombro entre seus contemporâneos, dada a grande semelhança com o mundo visível.

Como foi dito, a arte medieval, como um todo, é serva da Igreja, e influenciada pelo Cristianismo. Se procurarmos identificar seus elementos gerais de caracterização, podemos afirmar que na arte deste período predomina o simbólico, os espaços bidimensionais, a ênfase no além, sendo o corpo humano representando como algo corrupto. Os nus são proibidos; a anatomia, simplificada; todos os ideais greco-romanos de equilíbrio das proporções desaparecem. Como o interesse maior é o espírito, Deus, a arte se caracteriza, ainda, pelo anonimato.



Ampliando o campo de legados medievais, encontraremos na literatura, cópias de manuscritos antigos. Muitas dessas cópias eram transformadas em iluminuras.

Quanto aos estilos literários, pode-se destacar a poesia medieval – épica, narrando os valores e virtudes do cavaleiro medieval e sua defesa da cristandade e a poesia lírica, que narra o amor cortês do cavaleiro pela dama.

No final da Idade Média, o poeta italiano Dante Alighieri escreve a *Divina comédia*, ratificando a idéia cristã de Paraíso, Purgatório e Inferno; Chrétien de Troyes irá se dedicar a uma série de feitos heróicos sobre um rei chamado Artur e seus cavaleiros, que se reuniam numa tábola redonda. O conjunto de escritos sobre esse tema ficará conhecido como o *Ciclo Arturiano*.

A música sacra, com destaque para o papa Gregório Magno, que cria o canto gregoriano e as sete notas musicais, surge neste período de tempo e, na cultura popular, aparecem as festas carnavalescas, as grandes feiras medievais, as encenações de comédia e sátira e as paródias de crítica de costumes.



### Um pouco mais da herança medieval

Veja quantos elementos têm origem na Idade Média e como eles ainda fazem parte do nosso cotidiano:

- A saudação com aperto da mão direita, que fechava o contrato entre senhor feudal e vassalo.
- A calça comprida, a ferradura, a colher, o garfo, o moinho de vento, a chaminé, os óculos, a camisa de botão, o espelho de vidro, o carrinho de mão, a luneta, o relógio mecânico e a prensa de tipos móveis.





- O conceito de tempo irreversível, contado a partir do nascimento de Jesus e o conceito de amor como relação igualitária, física e espiritual.

No Brasil, podemos traduzir a influência medieval nos seguintes elementos:

- No sistema de capitânicas hereditárias.
- Na formação patriarcal da família brasileira.
- Em alguns feriados e festas folclóricas (carnaval, bumba-meu-boi, cavallhada...).
- Nas irmandades religiosas (carmelitas, franciscanos, beneditinos...).
- Na cristianização dos mitos africanos.

## O declínio da Idade Média

Para finalizar nosso panorama medieval e caracterizando seu declínio, é importante relembrar a Santa Inquisição, o movimento das Cruzadas, a Guerra dos Cem Anos e a peste negra.

A Igreja Católica não consegue dominar a mentalidade de alguns grupos – o que faz com que apareça um grande número de *heresias*, cujo papel é contestar os dogmas católicos. Em 1231, devido ao crescimento dessas heresias, o papa Gregório IX cria tribunais de julgamento e análise conhecidos como Santa Inquisição, responsáveis por punir, muitas vezes com a morte, aqueles que ousassem ir contra os desígnios da Igreja.

O movimento das Cruzadas terá relação com a tentativa de libertar, do domínio muçulmano, a Terra Santa e o Santo Sepulcro em Jerusalém. Eram expedições militares e religiosas, organizadas entre os séculos XI e XIII. À frente das expedições iam os senhores feudais e os nobres. Destaca-se a presença dos cavaleiros Templários e dos Hospitalários, responsáveis, entre outros objetivos, pela proteção dos peregrinos nas suas viagens.

O movimento das Cruzadas empobrece os donos de terra, fortalece o poder do rei, reabre o Mediterrâneo ao comércio ocidental e promove contatos e trocas culturais com os povos do oriente. Ironicamente, será um dos motivos do declínio do poder

### ***Heresia***

Escolha contrária ou diferente de um credo ou sistema religioso que pressuponha um sistema doutrinal organizado; ortodoxo.

feudal e do feudalismo, já que muitos reis, nobres e servos abandonam seus feudos por causa da viagem e acabam morrendo pelo caminho.

No final da Idade Média, a população começa a aumentar e as cidades a ganhar destaque. Contrapondo-se à grande ruralização, começam a surgir as primeiras cidades medievais – os burgos – nas encruzilhadas das rotas de comércio. Ali, os burgueses dão início a um *pré-capitalismo* que, mais tarde, tornar-se-á o principal sistema econômico do mundo ocidental. A cidade e a vida monástica eram as únicas chances de fuga da vida simples e miserável levada pela maioria da população analfabeta e escrava da terra no mundo medieval.

A falta de terras férteis, a queda na produtividade, a Peste Negra (uma epidemia pulmonar que mata 1/3 da população ocidental) e a Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra são episódios que podem ser citados como causas de uma crise que irá resultar na queda do sistema feudal e no declínio da cultura medieval.

## As viagens e a Idade Média

Na Idade medieval, grosso modo, o teocentrismo faz com que o homem se mantenha, com exceções, circunscrito num espaço físico pequeno, sem muito interesse em explorar outros lugares. O importante era o trabalho diário e as obrigações religiosas como forma de alcançar os privilégios do Paraíso.

Como motivações mais comuns para as viagens nesse período, podemos apontar a religião, traduzida em viagens a templos e lugares sagrados cristãos – para visitar relíquias, obter indulgências ou fazer uma peregrinação – e o comércio, em geral de burgo a burgo e nas rotas estabelecidas. Podemos, também, citar a visita a familiares, as viagens para celebração de casamentos, para uma festa religiosa ou para a troca de feudo.

As viagens de lazer, como era comum entre os romanos, deixa de ser uma máxima. As estradas romanas estão abandonadas

e muitas se deterioraram. Nos arredores destes caminhos, ficam à espreita ladrões e bárbaros esperando suas vítimas para um assalto. As viagens se tornam, desta forma, perigosas e arriscadas. Podiam-se encontrar barreiras que impedissem a viagem, e era comum a obrigação de pagar taxas e pedágios para atravessar pontes ou caminhos particulares. Os deslocamentos eram, na maioria, curtos, e mesmo perigosas, as viagens eram muitas vezes realizadas em caráter solitário, como uma viagem iniciática de autoconhecimento e meditação.

Os peregrinos mais comuns encontrados pelos caminhos eram os romeiros – que peregrinavam até Roma – os palmeiros – cujo objetivo era Jerusalém – e os jacobitas – que se aventuravam no já famoso Caminho de Santiago até a cidade de Compostela.

Para orientar esses viajantes em sua jornada, aparecem os *Itinerarium*, espécie de livros-guia que forneciam informações preciosas aos peregrinos.

No final do período medieval, os livros de viagem começam a despertar a curiosidade para o desconhecido. Viajantes como Marco Pólo e Jean de Mandeville escrevem sobre suas idas a terras até então desconhecidas (Ásia ou Oriente Próximo), aumentando o número de lendas e prodígios e o tamanho do mundo conhecido.

A queda do Império Romano também colocou fim a toda infraestrutura criada até então, inclusive os numerosos e diversificados meios de hospedagem que havia. Desta forma, hospitalidade e hospedagem eram possíveis de ser encontradas nas abadias, mosteiros ou pousadas construídas à beira dos caminhos de peregrinação. Em geral, eram administradas por religiosos que forneciam um pedaço de pão, carne e vinho. A hospedagem numa abadia podia ser muito melhor que em qualquer outro tipo de abrigo. Os monges cuidavam das necessidades dos hóspedes, desde o lancetamento de bolhas até o enterro de um possível morto.

As pousadas à beira dos caminhos sagrados eram fundadas e financiadas, em geral, com terra e dinheiro de benfeitores nobres e se mantinham pela doação de peregrinos. Não podemos

esquecer que, durante o dia, os peregrinos podiam contar com o patrulhamento de cavaleiros das ordens religiosas – Templários ou Hospitalários.

É comum dizer que a hospedagem e hospitalidade, portanto, nesta época, podem ser resumidas, grosso modo, como ligada à caridade, com destaque para a ordem dos monges beneditinos. Seguindo o evangelho de Mateus 25:35, os hóspedes deveriam ser tratados como o próprio Cristo.

“Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber; eu era um estrangeiro e me acolhestes” Mt 25:35.

Devemos destacar, ainda, a chamada hospitalidade obrigatória que servia aos deslocamentos administrativos de elites dirigentes e que incluía alimentação e estada. Uma variante deste costume peculiar é o *direito de albergagem* ou *hospitalidade compulsória* criada em Portugal para resolver o problema das viagens da nobreza. A obrigatoriedade de um morador local de acolher um nobre e sua comitiva, além de fornecer alimentação e todos os serviços domésticos, era um transtorno para o dono da casa. Foi esta lei de albergagem que deu origem à *aposentadoria passiva* exercida no Rio de Janeiro pelos membros da Corte portuguesa ao chegarem à cidade em 1808 – os famosos imóveis confiscados pela Corte, marcados nas portas com o P.R. (propriedade do príncipe regente).

É do período medieval, também, o surgimento dos hotéis de caridade chamados de *hospice*, que recebiam enfermos e miseráveis. O *hospice* da cidade francesa de Beaune será considerado o primeiro do gênero. No Brasil, também teremos a construção de *hospices*, em geral, anexos a uma igreja.

Pode-se citar ainda a hospitalidade na residência da nobreza e realeza, que tinha lugar nos castelos medievais. Lá, só os convidados reais podiam ser acolhidos e as refeições eram servidas observando-se uma hierarquia de classe social.

Curioso é que nos séculos XIII, Idade Média, e XV, início da Idade Moderna, já se pode observar, em algumas regiões da Europa, leis reguladoras de estabelecimentos e serviços hoteleiros. Neste período, surge um tipo de relacionamento mais profissional entre hospedeiro e visitante. Na Europa, nasce o embrião da hotelaria moderna com estabelecimentos que passam a oferecer alojamento e alimentação por um período determinado, mediante pagamento.



Existem pelo menos dois filmes, encontrados em boas locadoras de vídeo, que podem traduzir em imagens alguns panoramas da Idade Média.

Em *O nome da rosa*, filme de Jean-Jacques Annaud, baseado no romance homônimo de Umberto Eco, o ambiente histórico é um mosteiro medieval italiano durante a Alta Idade Média, no ano de 1327. Ali se desenvolve uma trama de investigação que retrata a vida religiosa do século XIV, envolvendo movimentos heréticos e o pensamento de Santo Agostinho, iniciador da filosofia medieval.

Outra sugestão é a minissérie *Marco Pólo*, de produção italiana, dirigida por Giuliano Montaldo. Filmada na China, Itália, Mongólia e Marrocos a produção conta a história das viagens do veneziano Marco Pólo, que se aventurou por várias regiões do oriente, até então pouco conhecidas. Além da riqueza dos detalhes, que tem o final da Idade Média como pano de fundo, o expectador atento pode observar curiosidades sobre as viagens, a hospedagem e a hospitalidade da época. Por exemplo, os salvo-condutos, que protegiam viajantes em terras ameaçadas por guerras, e os passaportes – como o passaporte tártaro, feito em ouro puro – que asseguravam livre trânsito e *status* ao seu portador.



## Atividade

2. Com base no texto anterior, escreva um parágrafo organizando as motivações de viagem, os tipos de meios de hospedagem e as formas de hospitalidade durante a Era Medieval. Depois, faça uma pesquisa, comparando estas características com aquelas da época clássica. Que diferenças podemos apontar?

---

### Comentário

*É importante tentar fazer distinções entre as diferentes formas de deslocamento e seus elementos de apoio nos diferentes períodos históricos. Desta forma, estamos consolidando uma História das viagens e do turismo. Muitos desses elementos vão constituir, posteriormente, bases para o entendimento e a formação do turismo moderno.*

*A propensão ao lazer e aos deslocamentos visando a este fim, cultivado pelos romanos, é hoje uma das motivações principais para o estudo dos deslocamentos turísticos. Já a intenção de viagem vinculada a um fim religioso dará origem ao turismo religioso contemporâneo.*

## Santiago de Compostela e seu caminho de peregrinação

A peregrinação une ideais de fé com um caminho a ser percorrido. Uma das mais antigas rotas de peregrinação é o *Caminho da Santiago*, originário da época medieval. O trajeto é feito no norte da Espanha, numa viagem de quase 700 quilômetros que começa na fronteira com a França e culmina na cidade de Santiago de Compostela, numa bela e antiga catedral, onde está o túmulo de Tiago, um dos apóstolos de Cristo, padroeiro da Espanha e primeiro mensageiro do cristianismo naquele canto da Europa.

Hoje, o Caminho de Santiago pode ser resumido de várias maneiras: como uma longa trilha que desafia tarimbados caminhantes; como uma viagem pelos interiores de uma Europa primitiva, de hábitos camponeses e religiosos, onde o tempo parece ter estacionado na Idade Média ou ainda como uma peregrinação mística em busca de autoconhecimento. É também uma jornada entre belos monumentos arquitetônicos que variam dos

estilos românico e gótico até Gaudí, o famoso arquiteto espanhol que concebeu um palácio na cidade de Astorga. No fundo, o Caminho de Santiago agrega todos esses conceitos e outros mais, transformados e glorificados numa recriação simbólica da passagem do apóstolo Tiago pelo norte da Espanha na época cristã.

## Um pouco da lenda

De acordo com as precárias narrações dos primórdios do cristianismo, foram estas terras que Tiago escolheu para levar a mensagem de Cristo logo depois de sua morte em Jerusalém. Tiago, irmão de João Evangelista, teria chegado à Ibéria, uma província do Império Romano, e ficado ali por cinco ou seis anos. Tiago pregou do litoral ao interior e, de volta à Palestina, foi decapitado na cidade de Cesaréia, pelas mãos do rei judaico Herodes Agripa, que proibiu até mesmo que ele fosse enterrado. Seus restos foram lançados fora dos muros da cidade. Mas, pouco antes de morrer, Tiago pediu a dois de seus discípulos, Atanásio e Teodoro, que seu corpo fosse levado de volta à Ibéria. Seus restos, assim, teriam sido depositados em uma tumba de mármore e levados num barco até a cidade de Iria Flavia – hoje Padrón, às margens do rio Ulla. A viagem seguiu por terra até um bosque chamado Libredón, onde ele teria sido enterrado em 44 d.C. Foi esquecido durante séculos. Em 813, um eremita de nome Pelayo que segundo a lenda, foi guiado por uma chuva de estrelas, chegou ao bosque de Libredón. No ponto exato onde as estrelas caíram estava enterrado o corpo do apóstolo. Um rei espanhol mandou construir uma capela de pedras e um monastério naquele lugar. Assim, nascia o mito de São Tiago e de uma das mais famosas rotas de peregrinação.

Para visitar a tumba, pessoas partiam numa jornada cheia de perigos que, aos poucos, acabou sendo denominada de Caminho de São Tiago do Campo das Estrelas, numa referência às luzes de Pelayo. Ao redor do túmulo, cresceu a cidade de Santiago de Compostela.

## O caminho

Do país Basco à Galícia, o Caminho de Santiago revela faces diversas da Espanha. O caminho mais comum é o que começa na cidade de Le Puy, no Sul da França, cuja distância até Santiago de Compostela é de 1.600 km. No final do século XI, quatro cidades ficaram conhecidas como tradicionais pontos de partida: Le Puy, Paris, Arles e Vézelay.



Figura 2.4



Há alguns outros caminhos alternativos, como o que corre pela costa do mar Cantábrico ou os que vêm de Portugal, mas o mais tradicional é a rota francesa.

Jeanne Debrill, responsável pelo Centro de Estudos Compostelanos, entidade que estuda e divulga os valores culturais e espirituais da viagem, fundada em 1951 para comemorar os mil anos da pioneira peregrinação do bispo de Le Puy, é uma espécie de guardião do Caminho. Cabe a ela fornecer a chamada *credencial do peregrino*, um documento que oficializa a condição do viajante que faz o caminho a pé, a cavalo ou de bicicleta e lhe permite dormir e comer de graça ou a preços simbólicos nos diversos refúgios do roteiro.

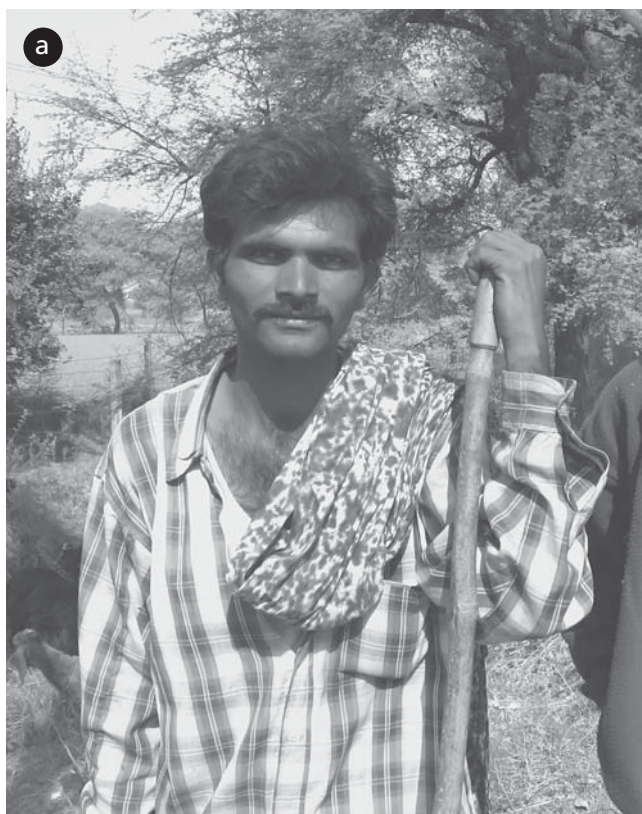


Foto: Dani Simmonds

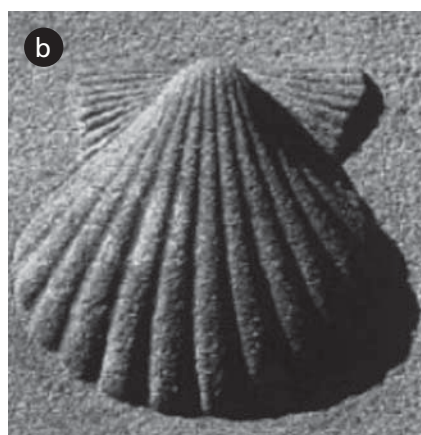


Foto: Evgeniy Lukyanov

**Figura 2.5.a e b:** O cajado e a concha são os principais símbolos que os peregrinos do Caminho de Santiago carregam em sua jornada.  
Fonte: [www.sxc.hu](http://www.sxc.hu)

## O caminho de um peregrino

O caminho de um peregrino parece monótono e metódico: acordar cedo, antes do sol, tomar um bom café da manhã e sair a caminhar com sua mochila nas costas. O caminho não é linear, passa por diversos terrenos, cruza pastagens e lavouras, estradas pavimentadas e trilhas abertas. Parece complicado, mas é muito difícil se perder, pois por todos os lados existem pistas, sinais, marcos e setas amarelas pintadas que orientam o peregrino. O almoço se resume a uma parada embaixo de uma árvore; depois de um descanso, retoma-se o passo até o refúgio programado para aquele dia. À noite, os peregrinos se reúnem para conversar sobre as experiências do dia.

O trecho que corresponde à metade do Caminho, e um dos maiores desafios para o peregrino fica entre as cidades de Logroño e León, onde a Espanha ainda é árida, com uma paisagem de pouca variação, de campos ocupados por vinhas e pastagens para rebanhos de carneiros. Há trechos de relevo bastante acidentado nas regiões dos Montes de Oca. Em compensação, é uma região extremamente rica em heranças da história espanhola, com belas igrejas medievais. Outra parada é na cidade de Burgos, dona de uma fantástica catedral gótica. Nesta metade da jornada, o peregrino testa seus limites. Ele já não tem a euforia do início da viagem, nos Pireneus, e nem vive a ânsia de chegar a Santiago, ainda distante.

A Igreja Católica é, naturalmente, uma das anfitriãs da peregrinação, mas, com o tempo, o Caminho de Santiago assimilou o sincretismo de outras seitas e crenças. Mesmo o peregrino autêntico de hoje, inspirado pelos passos do apóstolo Tiago, acaba suscetível a outras influências místicas e espirituais da viagem.



Foto: Ana Salomão

**Figura 2.6:** Peregrino num dos caminhos de Santiago.  
Fonte: [www.sxc.hu](http://www.sxc.hu)

## Santiago de Compostela

É o objetivo final do peregrino e uma cidade de movimento incessante por causa dos muitos visitantes e da vida agitada dos jovens de toda a Galícia, que enchem a universidade local. Tudo gira em torno da mítica Praça do Obradoiro, verdadeira clareira entre duas ruelas do centro histórico, onde se concentram as três principais construções da cidade: a Catedral de Santiago, o Palácio do Ayuntamiento e o antigo Hospital de Los Reyes Católicos, um hospital de peregrinos, hoje convertido num suntuoso hotel de luxo mantido pelo governo espanhol.



**Figura 2.7:** À direita, a catedral; no meio, a Hospedaria dos Reis Católicos, construída para peregrinos.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago\\_de\\_compostela](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_de_compostela)

A reação dos peregrinos, ao chegar à praça, é imprevisível: alguns choram, outros admiram sua beleza, e há aqueles que, além de todas as experiências vividas, concluem que, acima de tudo, o mais importante é simplesmente estar no Caminho.



Foto: Gabriel Currie

**Figura 2.8:** Catedral de Santiago de Compostela.

Fonte: [www.sxc.hu](http://www.sxc.hu)

A Catedral de Santiago de Compostela foi construída entre os séculos XI e XII sobre o local de uma basílica erguida pelo rei Afonso II no século IX. Desde esta época, a vida da cidade, que hoje tem cerca de 100 mil habitantes, gira em torno desta majestosa homenagem a São Tiago.



## Atividade

---

3. Aqui, no Brasil, também existem algumas cidades e caminhos de peregrinação. Herança da fé cristã. Pesquise e escreva alguns parágrafos sobre uma dessas cidades e a visita que recebe de seus devotos e peregrinos.

---

### Comentário

*Os caminhos cristãos de peregrinação estão ligados à Idade Média, já que, neste período, o cristianismo se torna a religião predominante na Europa ocidental. Esta prática de peregrinação e adoração a lugares sagrados, ligadas principalmente às figuras dos santos, continua presente no Brasil contemporâneo, tornando-se uma modalidade do turismo religioso. Aparecida do Norte (SP), com a Basílica de Nossa Senhora da Aparecida; Juazeiro do Norte (CE), com a devoção ao padre Cícero; Nova Trento (SC), com a Madre Paulina, ou as festividades do Círio de Nazaré (PA), são alguns desses exemplos.*



## Atividade Final

---

Escreva um pequeno texto citando as principais características sociais e econômicas da Idade Média e as relações possíveis dessa época com os tempos atuais.

---

### Comentário

*O objetivo é que você resuma o que aprendeu nesta aula, conseguindo oferecer um panorama da Idade Média em seus aspectos sociais, econômicos e refletir sobre a possível influência desse período nos dias de hoje.*

## **Resumo**

Na Idade Média, a influência da igreja cristã orquestrou os rumos da economia, das artes, da sociedade e mentalidades. Por causa disto, surgiram conceitos peculiares e um cotidiano marcado pela religião. As artes e os ofícios sofreram transformações, se comparadas ao mundo clássico, bem como a configuração das cidades e as moradias. Da mesma forma, os deslocamentos, os meios de hospedagem e as formas de hospitalidade se moldaram a este contexto, oferecendo diferentes possibilidades de estudo.

## **Informação sobre a próxima aula**

Na Aula 3, vamos deixar o teocentrismo e refletir sobre o antropocentrismo, o homem, seus talentos e possibilidades, como centro das atenções. Em busca de explorar o mundo terreno, a civilização ocidental européia fará descobertas de novos mundos e irá se abrir para a ciência e a razão. O mundo conhecido nunca mais será o mesmo. Como seria que os deslocamentos, as viagens, vão se configurar na Idade Moderna?

# 3

## Passagem para o mundo moderno

### Meta da aula

Apresentar um panorama das principais transformações ocorridas na Europa Ocidental que marcam o início da Idade Moderna, destacando o movimento renascentista, suas mudanças na arte e na arquitetura e nas formas de deslocamento que preparam o surgimento do turismo moderno.

### Objetivos

Ao final desta aula, você será capaz de:

- 1** relacionar as principais características que inauguram a Idade Moderna com os tempos atuais;
- 2** pesquisar as lendas e as imagens de narrativas de viagens nos tempos da descoberta do Novo Mundo, relacionando-as com a idéia que turistas estrangeiros têm do Brasil, hoje em dia;
- 3** identificar características da arte no Renascimento, comparando-as com as transformações do período;
- 4** estabelecer uma relação entre o conteúdo visto na aula com o turismo na atualidade.

### Pré-requisitos

Aulas 1 e 2. Conhecimentos básicos sobre a Antigüidade Clássica e a Idade Média.

## O que é moderno?

É comum dizermos que tal coisa ou pessoa é *moderna* ou que vivemos uma *modernidade*. Neste sentido, quase sempre estamos contrapondo o que chamamos *moderno* ao que consideramos *antigo*. Mas a palavra *moderno* ou *modernidade* pode assumir diferentes sentidos. É, então, *polissêmica*.

### Polissemia

É o nome que se dá à multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução.

Nos estudos da História, porém, e para o objetivo desta aula, que é tratar da Era Moderna, precisamos estabelecer, então, de imediato, alguns conceitos.

Na periodização tradicional, como foi visto na Aula 1, o que será chamado *Idade Moderna* é o período que vai da tomada da cidade de Constantinopla – o Império Romano do Oriente – pelos turcos-otomanos, em 1453, até a Revolução Francesa, que acontece em 1789. Ou seja, o período vai do século XV ao século XVIII. Ao nos referirmos a esta época, é comum e correto, historicamente, o denominarmos *Tempos Modernos*. Porém, as manifestações artísticas que aparecem neste intervalo de tempo – pinturas, esculturas ou obras de arquitetura – serão batizadas de renascentistas, barrocas ou maneiristas. É incorreto chamá-las de *Arte Moderna*.

A Arte Moderna a que costumamos nos referir se inicia na Europa Ocidental e na América Espanhola apenas no último quartel do século XIX. Este tipo de manifestação artística será também chamado *Modernismo* e, aqui no Brasil, é introduzido apenas no século XX, na Semana de Arte Moderna, que aconteceu em São Paulo no ano de 1922. Os modernos conceitos artísticos que surgem a partir de então passam a influenciar a arte até hoje. A influência é tanta que o estado de cultura das sociedades industriais após o Movimento Modernista foi chamado de *Pós-Moderno* ou *Pós-Modernista*. Para maiores reflexões sobre a modernidade e seus desdobramentos, até mesmo no Brasil, procure estes dois livros do Renato Ortiz, *Cultura e modernidade* e *A moderna tradição brasileira*.





### O que foi a queda do Império Romano do Oriente?

O Império Bizantino ou Reinado Bizantino (em grego: Βασιλεία Ρωμαίων), inicialmente conhecido como Império Romano do Oriente ou Reinado Romano do Oriente, sucedeu o Império Romano (em cerca de 395) como o império e reinado dominante do Mar Mediterrâneo. O embrião do Império Bizantino surgiu quando o imperador romano Constantino I decidiu construir sobre a antiga cidade grega de Bizâncio uma nova capital para o Império Romano, temendo a queda do Império, mais próxima às rotas comerciais que ligavam o Mar Mediterrâneo ao Mar Negro e a Europa à Ásia. Além disso, já havia algum tempo que Roma era preterida por seus imperadores, que optavam por outras sedes de governo, em especial cidades mais próximas das fronteiras ou onde a pressão política fosse menor. Em geral, eles tendiam a escolher Milão, mas as fronteiras que estavam em perigo na época de Constantino eram as da Pérsia, ao leste, e as do Danúbio, ao norte, muito mais próximas da região dos estreitos. A nova capital, batizada de Constantinopla em homenagem ao Imperador (hoje a cidade de Istambul, na Turquia), unia a organização urbana de Roma à arquitetura e arte gregas, com claras influências orientais. Era uma cidade estrategicamente muito bem localizada entre o continente europeu e o asiático, e sua resistência a dezenas de cercos provou a boa escolha de Constantino.



Figura 3.1

Em pouco tempo, a cidade renovada tornar-se-ia uma das mais movimentadas e cosmopolitas de sua época. Sua religião, língua e cultura eram essencialmente gregas, e não romanas, mas, para os bizantinos, a palavra “grego” significava, de maneira injuriosa, “pagão”. Os persas e os árabes também chamavam os bizantinos de “romanos”. A palavra bizantino vem então de Bizâncio, o antigo nome da capital do Império Romano do Oriente, Constantinopla. O termo bizantino começou a ser utilizado somente depois do século XVII, quando os historiadores o criaram para fazer uma distinção entre o império da Idade Média e o da Antiguidade. Tradicionalmente, era conhecido apenas como Império Romano do Oriente (devido à divisão do Império feita pelo imperador romano Teodósio I, no século IV da Era Cristã).

A queda de Constantinopla foi a conquista da capital bizantina pelo Império Otomano, sob o comando do sultão Maomé II, na terça-feira, 29 de maio de 1453. Isto marcou não apenas a destruição final do Império Romano do Oriente, e a morte de Constantino XI, o último imperador bizantino, mas também a estratégica conquista crucial para o domínio otomano sobre o Mediterrâneo oriental e os Bálcãs. A cidade de Constantinopla permaneceu capital do Império Otomano até a dissolução do império em 1922, e foi oficialmente renomeada como Istambul, pela República da Turquia em 1930.

## A Renascença como berço dos tempos modernos

Feitas algumas considerações sobre o termo *Moderno*, vamos tratar dos principais acontecimentos dessa era histórica na periodização tradicional, que inaugura novas perspectivas e instituições.

Não podemos falar, porém, de Idade Moderna na Europa sem nos referirmos à Itália e ao movimento do Renascimento. E, depois, aos Descobrimentos marítimos. É dentro da Idade Moderna que temos o movimento cultural, artístico, intelectual e urbano chamado *Renascimento*. Esse movimento, que foi cunhado em referência à tentativa de artistas e filósofos de recuperar a antiga erudição e os modelos da Antiguidade Clássica, teve seu epicentro na Península Itálica e, adotando uma cronologia longa, se manifestou entre a metade do século XIV e o século XVII.

Posterior e gradualmente, se expandiu para a Alemanha, França, Inglaterra e Espanha.

Mas por que a Itália como berço do Renascimento?

Segundo J.R.Hale (1971), a Península Itálica, na época, era um “rendilhado de Estados [e Reinos], salpicados de cidades importantes.” Até meados do século XIV, a região centro-sul da Itália, que era o coração do Império Romano, estava empobrecida. Roma era uma cidade em ruínas e os Estados Papais eram parcamente administrados, já que a sede do papado tinha sido deslocada para Avignon, na França.

Sicília, Sardenha e Nápoles ficaram, por um longo período, sob domínio estrangeiro. A região norte, por outro lado, atravessava um período de maior prosperidade, vendo suas principais cidades – Milão (Milano), Florença (Firenze), Pisa, Siena, Gênova, Ferrara e Veneza (Venezia) – enriquecerem. Desta forma, é o norte da Itália que reunirá condições para o surgimento da renascença italiana, esse movimento que irá depois se espalhar por vários lugares na Europa ocidental. A referência inicial para o surgimento do Renascimento é a região da Toscana, centrado nas cidades de Florença e Siena. Espalhou-se depois para o sul, tendo um impacto muito significativo sobre Roma, que foi praticamente reconstruída, em sua maior parte, sob a tutela dos Sumos Pontífices da Igreja Católica Romana que ocuparam a Cátedra de São Pedro no período, especialmente Sisto IV (a este papa se deve a construção da famosa Capela Sistina, pintada pelo famoso artista renascentista Michelangelo, e situada no Palácio Apostólico, residência oficial do Papa na Cidade do Vaticano. É o objetivo de numerosas visitas turísticas até os dias de hoje).

Outras eram as vantagens que a Península Itálica possuía para se tornar o embrião do movimento renascentista. Para começar, estava localizada no centro da maior área de comércio do mundo medieval: a bacia mediterrânea, o *Mare Nostrum* romano. Por isso, algumas cidades da costa, como Gênova e Veneza, começam a monopolizar um comércio de especiarias – cravo, canela, pimenta e noz-moscada – que eram muito importantes comercialmente para

a época. Além disso, o poder, que na Era Medieval estava ligado à terra, vai se consolidando e centralizando na *cidade*, onde os cidadãos começam a formar uma classe média, tornando-se cada vez mais numerosos e ricos, começando a desempenhar um papel importante na vida política e cultural. Em Florença, por exemplo, uma rica família de banqueiros, os Médici, passam a ser os governantes não-oficiais da cidade, ocupando cargos de políticos, religiosos e nobres. Esta importante e imensamente rica família também se torna famosa pelo **mecenato**, uma prática essencial para o desenvolvimento e disseminação da arte renascentista.

### **Mecenato**

É o incentivo e o patrocínio de atividades culturais que se tornou prática na época do Renascimento. Ser um mecenas na Itália renascentista tornou-se a maneira que vários governantes e personalidades importantes encontraram de melhorar a própria imagem, patrocinando e encomendando estátuas ou pinturas que os retratassem em situações de prestígio.

Importantes transformações se configuram nos tempos modernos. Economicamente, o comércio e a indústria se expandem e o **capitalismo** vai, aos poucos, substituindo as formas medievais de organização. Com a expansão do comércio, os valores feudais de nascimento e a hierarquia fixa de senhores e vassalos vão cedendo lugar à ambição e à realização pessoal.

Não menos importante, a unidade do mundo cristão sofre um revés com o surgimento do protestantismo. O clero vai perdendo o monopólio do ensino, com sua orientação baseada em dogmas cristãos, e surgem perspectivas de uma educação secular que influencia as artes e a literatura. A teologia cede lugar à ciência e a razão alcançará sua plenitude com o Iluminismo.

### **Capitalismo**

Sistema de organização de sociedade baseado na propriedade privada dos meios de produção e propriedade intelectual e na liberdade de contrato sobre esses bens (livre-mercado).

## **O Humanismo coloca o homem no centro do mundo**

O Humanismo, movimento intelectual mais característico do Renascimento, predominantemente secular – sem ser anticristão – será o responsável por modificar mentalidades e alavancar a modernidade. Não podemos deixar de lembrar que é para a Península Itálica que vão migrar os sábios da Constantinopla conquistada pelos otomanos. Esses sábios chegam carregados de um conhecimento oriental acumulado que em muito irá influenciar o desenvolvimento tecnológico e cultural das principais cidades italianas. Junta-se a isso a proximidade das cidades italianas com

as ruínas greco-romanas, há muito esquecidas pelos habitantes da península italiana, e a insatisfação generalizada do mundo ocidental com os dias em que viviam. Alguma coisa parecia não estar bem, e as glórias passadas de Roma e seu Império poderiam iluminar esses dias sombrios. Motivados por essa idéia e inspirados nas ruínas greco-romanas tão próximas, acadêmicos europeus começam a se interessar pelos textos clássicos em latim ou grego, dos períodos anteriores ao triunfo do cristianismo na cultura européia. Motivados por esses fatores, fundam o movimento humanista, tentando entender o modo de ser e de pensar de autores clássicos como Platão, Aristóteles, Ovídio, Cícero, porém não os subordinavam às exigências das doutrinas cristãs. Valorizavam a literatura clássica pelo que era, pelo seu estilo claro, elegante, e sua percepção da natureza humana.

A palavra *humanismo* da época renascentista não tinha o mesmo sentido que o de hoje. Durante o Renascimento, significava uma visão de mundo que embora aceitasse a existência de Deus – aceitasse o lado espiritual – partilhava de atitudes intelectuais do antigo mundo pagão, grego e romano, valorizando também o mundano e a realização terrena. Não desafiavam a doutrina cristã, mas também não acreditavam que esta fosse a única fonte para uma vida honrada e útil.

Em contrapartida, ao descobrirem a Antigüidade Clássica, descobriam a si mesmos; o homem passa a ser valorizado como o próprio criador, regente da Natureza e do seu destino; começa a ser visto como ser único e individual, não anônimo. Um exemplo desta mudança de mentalidade é a assinatura nas obras de arte, o que se torna importantíssimo. Muitos se preocupam, inclusive, em exibir suas próprias personalidades, em busca da fama. Gianozzo Manetti, filósofo italiano, em 1452, com uma frase, sintetiza muito bem a atitude dos indivíduos desta época que, mesmo sem romper completamente com os princípios da Idade Medieval, vivem uma nova concepção da vida:

“Deus pode ter criado o mundo, mas depois o homem o transformou e melhorou.”

Assim, o Renascimento, através do movimento humanista, define alguns valores e ideais bem diferentes dos medievais, como o Antropocentrismo, o Hedonismo, o Individualismo, o Otimismo e o Racionalismo.



O **Antropocentrismo** é uma concepção que considera que a Humanidade deve permanecer no centro do entendimento dos humanos, isto é, tudo no universo deve ser avaliado de acordo com a sua relação com o homem. O termo tem duas aplicações principais. Por um lado, trata-se de um lugar comum, na historiografia, qualificar como antropocêntrica a cultura renascentista e a moderna, em contraposição ao suposto teocentrismo da Idade Média. A transição da cultura medieval à moderna é freqüentemente vista como a passagem de uma perspectiva filosófica e cultural centrada em Deus a uma outra, centrada no homem – ainda que esse modelo tenha sido reiteradamente questionado por numerosos autores que buscaram mostrar a continuidade entre a perspectiva medieval e a renascentista.

O **Hedonismo** é uma teoria ou doutrina filosófico-moral que afirma ser o prazer individual e imediato o supremo bem da vida humana. Surgiu na Grécia, na época pós-socrática, e um dos maiores defensores da doutrina foi Aristipo de Cirene. O hedonismo moderno procura fundamentar-se numa concepção ampla de prazer entendida como felicidade para o maior número de pessoas.

O **Individualismo** é um conceito político, moral e social que exprime a afirmação e a liberdade do indivíduo frente a um grupo, especialmente à sociedade e ao Estado. Usualmente, toma-se por base a liberdade no que concerne à propriedade privada e à limitação do poder do Estado. O individualismo em si opõe-se a toda forma de autoridade ou controle sobre os indivíduos; coloca-se como antítese do coletivismo. Conceituar o individualismo depende muito da noção de indivíduo, que varia ao longo da história humana e de sociedade para sociedade.

Não se deve confundir o individualismo com o egoísmo. É compatível com o individualismo permanecer dentro de organizações, desde que o indivíduo e sua opinião sejam preponderantes, embora, na prática, geralmente exista uma relação inversa entre individualismo e o tamanho de um Estado ou organização.

Já o **Otimismo** se caracteriza por ser uma forma de pensamento. É sinônimo de pensamento positivo, ou seja, uma pessoa otimista é uma pessoa que vê as coisas pelo lado bom. O otimismo é a posição contrária ao pessimismo. No Renascimento, ele significa poder fazer tudo sem nenhuma restrição e abertura ao novo.

E, por fim, o **Racionalismo**, uma corrente filosófica que iniciou com a definição do raciocínio, que é a operação mental, discursiva e lógica. O racionalismo usa uma ou mais proposições para extrair conclusões se uma ou outra proposição é verdadeira, falsa ou provável. Essa era a idéia central.



## Atividade

1. Baseado nas informações que lhe foram dadas sobre a Idade Moderna, até agora, faça um paralelo entre suas características principais e os tempos atuais. O que ainda podemos encontrar presente, vindo da Idade Moderna, no mundo de hoje? Que conceitos você considera positivos e negativos herdados da modernidade?

### Comentário

*A intenção é despertar uma reflexão entre algumas das novas mentalidades e conceitos inaugurados pela Idade Moderna e suas possíveis relações com o cotidiano e modo de vida do século XXI. A busca pela fama e a exaltação da personalidade humana e do indivíduo, por exemplo, iniciados no contexto visto anteriormente, no início da modernidade, chegaram, hoje, a extremismos, tornando-se ideais de vida para alguns indivíduos. Aspectos políticos, como o início da lógica capitalista ou até mesmo a quebra de dogmas religiosos, também podem servir como importantes reflexões.*

## Modernas tecnologias

A difusão dos livros clássicos, dos ideais do Humanismo e do próprio movimento renascentista não teriam acontecido de maneira tão eficiente, não fosse uma invenção revolucionária do início da Idade Moderna: a prensa de tipos móveis. A prensa já era usada há muito tempo na China; porém, um alemão chamado *Johannes Gutemberg* projetou um aparelho que usava tipos móveis que eram prensados em papel, baseando-se na máquina

de espremer uvas. Com isso, livros e impressos em geral tornaram-se mais acessíveis a uma população que aos poucos deixava de ser analfabeta.



**Figura 3.2:** (Prensa mecânica numa xilogravura de 1568).

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Prensa\\_tipogr%C3%A1fica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prensa_tipogr%C3%A1fica)

É curioso saber que artistas e escritores renascentistas tinham consciência de pertencer a uma nova época.

(...) a era do Renascimento na Itália foi a primeira época na história da civilização *que se deu conta de ser uma época*. Os egípcios do Reino Antigo, Reino Médio e Novo Império e os europeus da Idade Média não pensavam em si mesmos como vivendo naqueles períodos particulares (HALE, 1971).



Desta forma, foram os italianos da Renascença que inventaram o termo *Idade das Trevas*, referindo-se ao período histórico anterior (para eles, uma era vazia, quando a cultura clássica havia sido banida e a ignorância imperava).

Neste rico contexto, transformam-se também as artes, a literatura e os saberes. Gênios literários e artísticos famosos até hoje, como Petrarca, Michelangelo, Da Vinci, Boccaccio, Masaccio, Rafael e Botticelli, começam a criar maravilhas, incentivados pela dinâmica da época e pelos mecenas. A literatura do Renascimento deu destaque à personalidade individual. Novas formas, como os **ensaios** e as **biografias**, tornaram-se importantes. A maior parte da literatura medieval fora escrita em latim, mas os escritores do Renascimento começaram a adotar línguas vernáculas, como o francês e o italiano.

Percebe-se, então, que o papel do homem na História não era mais um papel passivo, relacionado à dinâmica medieval, em que ele esperava fatalisticamente pela morte ou pela segunda vinda de Cristo. A adversidade física não era mais encarada como punição inevitável pelo pecado, mas como obra do destino inconsequente, um capricho da deusa Fortuna, evocada dos tempos clássicos. Na Idade Média, o predomínio era da fé e, na época moderna, as ciências e os métodos de pesquisas vão ganhando lugar.

A teoria heliocêntrica – o Sol como centro do Universo – é defendida por Galileu e Kepler, e volta a se pensar na Terra como redonda, o que já era uma idéia aceitável na Antigüidade. Redescobre-se a bússola e o astrolábio, e os portugueses inventam a caravela: navios de pequeno porte, três mastros, mais rápidos, de fácil manobra, que podiam ser movidos também a remos.

A curiosidade em descobrir o mundo do qual se fazia parte, aliada ao questionamento dos dogmas e medos alimentados pela igreja cristã, possibilita a exploração de novos lugares, novas terras e novos mundos. Neste contexto, acontecem longas viagens marítimas que resultam nos Descobrimentos. Em contrapartida, com a quebra do lugar seguro medieval, circunscrito

### Ensaio

Texto literário breve, situado entre o poético e o didático, expondo idéias, críticas e reflexões morais e filosóficas a respeito de certo tema. Consiste também na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário etc.), sem que se pautem em formalidades como documentos ou provas empíricas ou dedutivas de caráter científico.

### Biografia

Gênero literário em que o autor historia a vida e, não raro, aspectos da obra de determinada ou de várias pessoas, abordando-os muitas vezes de um ponto de vista crítico e não apenas historiográfico.

e protegido por Deus, a Idade Moderna traz, a reboque, o pessimismo, o descontentamento, a incerteza, a inquietude e a justificativa das ações.

## Idade Moderna e Descobrimentos

Variados fatores podem ser apontados para a chamada Expansão Ultramarina e os Descobrimentos. A economia, as novas tecnologias e a mudança nas mentalidades da Europa ocidental são algumas delas. A expansão, a descoberta e a conquista de novas terras teve os reinos de Portugal e Espanha como pioneiros. Os mapas geográficos do grego Ptolomeu tinham reaparecido, trazidos de Constantinopla pelos sábios em fuga e, a partir deles, percebe-se que o mundo poderia ser bem maior que aquele definido pela cultura medieval. A busca por uma rota direta até as lucrativas especiarias – cravo, canela, noz-moscada, gengibre e pimenta – das chamadas Índias, sem o entreposto de Gênova ou Veneza e a política mercantilista, são os maiores propulsores da aventura pelos mares “nunca dantes navegados”, ainda povoados de lendas e temores.

Vasco da Gama descobre o caminho marítimo até as Índias; Colombo descobre oficialmente o Novo Mundo, posteriormente chamado América; Pedro Álvares Cabral, o Brasil; Fernão de Magalhães e Sebastião Del Cano circunavegam pela primeira vez o globo terrestre em 1519 e Jacques Cartier explora o Canadá em 1534.

O impulso do homem renascentista era no sentido de redescobrir, e não de inventar. Não existia para ele a idéia de progresso evolucionista que temos hoje. Desta forma, com os Descobrimentos, leva-se a cultura européia-renascentista aos territórios conquistados, inclusive às colônias do Novo Mundo.



## Atividade

2. São várias e muito interessantes as lendas que existiam sobre as terras desconhecidas e as imagens criadas pelos navegadores em seus relatos de viagem sobre os territórios encontrados. Muitas dessas imagens passaram, inclusive, a representar o Brasil até hoje. Pesquise-as e relacione-as com nosso atlas geográfico.

### Comentário

*Uma das imagens que ainda representa o Brasil, e que foi muito recorrente nos relatos de viagem sobre as terras aqui descobertas, é a do verde luxuriante, das belezas naturais e da imensidão da paisagem. Será que um turista estrangeiro, hoje, se sente atraído por esses apelos? A lenda da Fonte da Juventude, do Eldorado ou das Amazonas, mulheres guerreiras, são algumas outras das tantas que formavam uma América mágica.*

## A arte renascentista

Com todas essas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, a arte não poderia continuar sendo a mesma. É assim que as obras religiosas do período medieval passam a receber um tratamento leigo, em que se passa a valorizar o abstrato, a expressão em proporções matemáticas, o desenvolvimento da proporção e da profundidade e, finalmente, a introdução da pintura a óleo como nova técnica artística.

A estrutura estática, bidimensional e anônima, tipicamente medieval, dá lugar ao movimento, à perspectiva, à assinatura das obras, à valorização da paisagem e ao realismo. A representação do corpo humano vigoroso, em liberdade, sem excessivo pudor e com grande realismo é incentivado, ainda, pelo estudo da anatomia. Alguns artistas-cientistas chegavam a desenterrar e dissecar cadáveres – uma heresia no mundo medieval – para examinar a posição de órgãos internos ou vasos sanguíneos. Com isto, foi possível, além da manifestação de um grande realismo nas artes pictóricas, importantes descobertas na ciência, como o funcionamento da circulação do sangue, pelo espanhol Miguel Servet.

Na pintura, busca-se a beleza e a elegância nas formas, a luz e as cores. Temas pagãos greco-romanos aparecem misturados a temas cristãos. Inspirados nas produções romanas, voltam a ser construídas estátuas eqüestres e bustos, estes, desta vez retratando influentes, ricos e importantes personalidades da época. As cidades disputam entre si a quantidade de obras de arte, de estátuas decorativas em praças públicas, a grandiosidade e beleza de construções arquitetônicas. Florença, até hoje, é considerada por turistas uma das cidades que, ao ser vista, se perde o fôlego, de tão bela. As escolas e os estilos artísticos individuais surgem também nesse contexto.

É no século XV, auge do Renascimento italiano, período conhecido como *quattrocento*, que surgem verdadeiros gênios-artistas, que resumem muito bem o perfil do “homem do renascimento”. Masaccio, Mantegna, Botticelli, Leonardo da Vinci, Rafael e Michelangelo deixaram, até os tempos atuais, obras de inigualável beleza e complexidade, bem como idéias que estavam muito além da sua época.



**Leonardo di ser Piero da Vinci**, o Leonardo da Vinci, é talvez quem melhor represente o gênio-artista do Renascimento; foi pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, cientista e músico. É considerado um dos maiores gênios da história da Humanidade. Não tinha propriamente um sobrenome, sendo “di ser Piero” uma relação ao seu pai, “Messer Piero” (algo como D. Pedro), e “da Vinci”, uma relação ao lugar de origem de sua família, significando “vindo de Vinci”, no município toscano.

Leonardo era filho ilegítimo de Piero da Vinci, um jovem notário, e de Caterina. A mãe de Leonardo era provavelmente uma camponesa, embora seja sugerido, com poucas evidências, que ela era uma escrava judia oriunda do Oriente Médio comprada por Piero.

### A cidade de Florença

Leia o relato de uma turista do século XX em visita à cidade.

Há quem diga que Florença é uma cidade com tantos trabalhos de arte, deixados por tantos gênios da arquitetura, pintura e escultura, que é impossível conhecê-la e não chorar de emoção. Exageros à parte, o certo é que em poucos lugares do mundo estão reunidas tantas obras, pinturas ou afrescos, executadas por alguns dos maiores gênios que a Humanidade já conheceu.

Florença, ou *Firenze*, como dizem os italianos, é banhada pelo rio Arno. Um dos importantes museus da cidade é a Galeria Uffizi, onde estão diversos exemplos da arte fiorentina, como *O Nascimento de Vênus*, de Botticelli; a *Vênus de Urbino*, de Ticiano, e a *Sagrada Família*, de Michelangelo. Outro ponto imperdível de Florença é a *Santa Croce*. Essa igreja guarda 276 sepulturas de nomes imortais das artes, como Michelangelo, Ghiberti, Machiavel, Dante e Galileu, só para citar alguns.

A *Piazza della Signoria* é o coração de Florença. Essa praça é dominada pela torre do *Palazzo Vecchio*, prefeitura de Florença desde 1322, com interior decorado por Vasari. Por séculos, tem sido nessa praça que os eventos mais importantes da cidade acontecem. Ela está cercada por um grupo magnífico de esculturas, onde se destacam o *Perseu*, de Cellini e o *Rapto das Sabinas*, de Giambologna.



**Figura 3.3:** Fachada do Palazzo Vecchio voltada sobre a Piazza della Signoria.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Firenze.PalVecchio05.JPG>

Passear em Florença é mais ou menos como percorrer um museu ao ar livre, com uma obra-prima em cada esquina. Outras igrejas que também merecem ser visitadas são a de Todos os Santos, com afrescos de Botticelli e Ghirlandaio; Santa Maria Novella, onde está a *Trindade*, de Masaccio, e a Igreja do Espírito Santo, uma das últimas obras de Brunelleschi e onde encontra-se a *Madonna*, de Filippino Lippi.

Florença tem três construções que podem ser consideradas como símbolos da cidade: *Duomo*, *Campanile* e *Battistero*, criações do genial arquiteto Brunelleschi. A igreja do *Duomo*, revestida com mármore verde, rosa e branco, levou quase dois séculos para ser construída e é a principal e mais famosa construção da cidade, além de ser a quarta maior catedral do mundo. Em seu interior, estão obras-primas de grandes gênios da arte renascentista, como Zuccari, Donatello, Uccello e Ghiberti.



**Figura 3.4:** Duomo ou Basílica de Santa Maria del Fiore. Patrimônio Mundial da Unesco.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Florence\\_italy\\_duomo.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Florence_italy_duomo.jpg)

Um nome para sempre associado à história de Florença é o do poeta e escritor Dante Alighieri, eternizado principalmente graças à sua obra-prima, *A divina comédia*. No *Museo Casa di Dante*, na Via Dante Alighieri, pode-se conhecer um pouco sobre sua vida e sua relação com a cidade. E como esquecer Leonardo da Vinci, que chegou a Florença ainda criança, em 1469, trazido por seu pai, que tendo percebido a precoce genialidade de seu filho, decidiu levá-lo para lá, na esperança de que os ares iluminados da cidade dos artistas pudessem desenvolver ainda mais os seus dons?

Outro símbolo de Florença é a estátua de *Davi*, de Michelangelo. Ela ocupa um ponto de honra no prédio do *Museo dell'Accademia*, fundado em 1784 por Leopoldo de Lorena. Ao lado da igreja Santa Croce está a *Casa Buonarrotti*, que pertenceu a Michelangelo, onde são guardadas reproduções de outros de seus trabalhos.



**Figura 3.5:** Davi, de Michelangelo.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Michelangelos\\_David.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Michelangelos_David.jpg)

Caminhando na direção do rio Arno, chega-se à ponte mais famosa de Florença, a *Ponte Vecchio*, construída em 1345; foi a única ponte da cidade a escapar da destruição nazista durante a II Guerra. Florença é a cidade dos apaixonados, dos artistas e dos sonhadores. Das pessoas que vêem a vida com olhos de poeta, ouvidos de músico e coração de quem ama. É uma cidade eterna, um momento iluminado de genialidade artística, que pode ser sentido ao se caminhar por entre suas ruas, praças e casas. É um exemplo vivo do que o ser humano pode fazer de bom quando se dedica a ideais elevados.





## Atividade

3. Pesquise a vida e as obras de alguns artistas do Renascimento. Depois, procure identificar as características da arte renascentista vistas no texto anterior e faça uma comparação com as obras medievais que pesquisou na Aula 2.

### Comentário

*Vários são os artistas e as obras importantes do período renascentista. A identificação das características dos trabalhos artísticos da Renascença permite fixar os conceitos que reproduzem as novas mentalidades da época, além da descoberta de novas formas de representação. Tomando-se, por exemplo, uma pintura da Idade Média e outra do Renascimento, pode-se fazer uma lista de características que, muitas vezes, se mostrarão antagônicas.*

*É interessante, ainda, pesquisar obras e artistas da Renascença na Alemanha, França, Inglaterra e Espanha, conhecendo famosas imagens e notando diferenças nos estilos.*

## A Reforma: um outro caminho para a modernidade

A Reforma protestante foi desencadeada por Martin Lutero, monge agostiniano de formação humanista que, horrorizado pelo tráfico de **indulgências** exercido pela Igreja, proferiu três sermões contra o que considerava um abuso que faria os crentes deixarem de lado a confissão e o arrependimento verdadeiros; ele pregou 95 teses contra a Igreja Católica na porta do Castelo de Wittenberg. Com a ajuda da imprensa, tecnologia recém-inventada, o texto se espalhou por toda a Europa. A rebeldia de Lutero acabou fragmentando a unidade religiosa cristã. Dentre as argumentações de Lutero contra os dogmas católicos estava a convicção de que o homem poderia alcançar a salvação através da religiosidade pessoal, do arrependimento dos pecados e da confiança na misericórdia de Deus. Assim, o comparecimento à igreja, o jejum, as peregrinações, a caridade e outras boas ações não asseguravam a salvação. Insistia que toda pessoa poderia

### Indulgência

Na teologia católica, é o perdão das penas temporais que o cristão deve a Deus pelos pecados cometidos. Na época medieval, esse perdão era dado, muitas vezes, em troca da doação de terras ou dinheiro.

descobrir o significado da Bíblia sem a ajuda dos padres e que, em questões de fé, não havia diferença entre padres e leigos: todos poderiam recebê-la direta e livremente de Deus.

Esta nova forma de exercer a fé agradou principalmente os ricos comerciantes e cidadãos, que não precisariam oferecer tributos à Roma e aos oficiais da Igreja. Ofereceu, ainda, à nobreza, a oportunidade de confiscar terras dos católicos, acabar com os impostos eclesiais e obter apoio de seus súditos atuando como personagem mais influente.

Pela Europa, o protestantismo assumiu variantes como o calvinismo, na Suíça; o movimento clandestino dos huguenotes, na França; a política de Henrique VIII, na Inglaterra.

É importante enfatizar, principalmente pela relação que terá com o Brasil Colônia, a reação da Igreja Católica a toda esta história, que foi chamada de Contra-Reforma. Deste contramovimento, destaca-se Inácio de Loyola, hoje santificado. Inácio era um religioso reformador espanhol que, junto com um grupo de estudantes da Universidade de Paris, fundou uma nova ordem religiosa que tinha o ideal de fundir o humanismo com o catolicismo reformado, atraindo, assim, poderosos grupos políticos e econômicos. Surge, então, em 1534, a Companhia de Jesus – ou ordem jesuítica – que combinava a tradicional disciplina monástica com a dedicação ao ensino e à pregação, no intuito de trazer de volta os crentes desertores. Será essa ordem jesuítica que em muito influenciará a catequização dos grupos ameríndios nas colônias do Novo Mundo. A Contra-Reforma reacende, também, as fogueiras da Santa Inquisição, tomando medidas repressoras, como a publicação do *Index Prohibitorum*: uma lista dos livros proibidos para leitura e circulação.

## Viajar na Idade Moderna

Ao que parece, inicialmente, as viagens da época moderna não se diferenciaram muito daquelas do período medieval. Os deslocamentos continuavam sendo uma perigosa aventura em

que os viajantes freqüentemente carregavam sua própria bagagem, faziam a merenda nas tavernas públicas e arriscavam brigar com bandidos armados que perambulavam ao longo das estradas.

É, porém, interessante perceber que a Reforma protestante tirou um pouco a força das viagens de peregrinação, e muitos mosteiros e abadias que costumavam se manter com as doações de peregrinos passaram a cobrar pela estada.

A competição das cidades, principalmente as italianas, na posse de belos edifícios arquitetônicos e obras de arte, torna-se uma motivação para os viajantes. Veneza passou a ser um grande centro de viagens durante o Renascimento e recebia inúmeros “turistas”.

Os estabelecimentos de hospedagem e a infra-estrutura voltam a aparecer. Lembre-se da Aula 2: algumas hospedarias já tinham seu funcionamento regulamentado desde a época medieval.

A curiosidade do homem do Renascimento pelo mundo o leva à apreciação da paisagem e à exploração de montanhas ou florestas que antes eram, no imaginário herdado dos tempos medievais, povoadas de duendes, monstros e demônios.

Por volta do século XVII, começam a se popularizar as motivações ligadas à busca de conhecimentos, estudos, experiência e cultura. Com o aumento da riqueza, o aumento da classe de comerciantes, a Reforma protestante – que provoca queda nas viagens de peregrinação – e a secularização da educação pelos humanistas, as viagens vão se tornando um elemento educacional, despertando o interesse por outras regiões. Com o estudo da medicina clássica, ressurgem, ainda, os centros termais e os balneários de cura, o curalismo.

São nestes Tempos Modernos, também, que aparecem as viagens apelidadas de *Grand Tour* – Grande Volta – importantes, inclusive, para o surgimento e a disseminação da palavra “turismo”. Veremos isso, com mais detalhes, algumas aulas adiante.

## Um pouco da gastronomia e dos transportes

Na gastronomia, ao longo do século XVI, dois produtos passam a influenciar os hábitos alimentares: o chá e o café. O chá popularizou-se lentamente, acentuando-se mais na Inglaterra e, mesmo assim, só no século XIX. Já o café é cercado de lendas sobre sua origem. Uma delas conta que as qualidades do fruto, como fonte de vigor e ânimo, foram descobertas por um pastor na Etiópia, quando este percebeu que suas cabras saltavam agitadas depois de comer folhas e grãos de um arbusto: a planta do café. Devido à proibição do consumo de bebidas alcoólicas no mundo árabe, o café passou a ser consumido pela população destas regiões: nos lares, pela manhã; nas mesquitas, durante os cultos religiosos, dando origem até mesmo a casas de café instaladas em grandes cidades. A bebida, que ficou conhecida como *vinho do Islã* ou, no mundo ocidental (onde os árabes não eram muito bem vistos), *bebida dos infiéis*, foi usada na Europa para fins medicinais; a partir do século XVII, fazia parte do cotidiano. Provada, aprovada e, depois, abençoada pelo papa, a bebida originou as casas de café européias, que proliferaram em Veneza e Gênova em fins do século XVII. Uma das mais famosas – e que existe até hoje – é o *Café Florian*, localizado na Praça de São Marcos, em Veneza.



**Figura 3.6**

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/913675>

No Brasil, o café chegou apenas em 1727, trazido da Guiana Francesa pelo sargento-mor Francisco de Melo Palheta, que foi especialmente enviado ao país vizinho para conseguir mudas do produto. A obtenção das sementes, que eram proibidas aos portugueses, está envolta em uma aura de romantismo: conta-se que a esposa do governador da Guiana, tendo-se apaixonado por Palheta, tê-lo-ia presenteado, na despedida, com um punhado de sementes de café.

Nos primeiros tempos, o café se desenvolveu apenas nas províncias do norte do país, em plantações de reduzida importância. Chegou ao Rio de Janeiro no início do século XIX e foi plantado em chácaras na Tijuca, Gávea, Andaraí e Jacarepaguá. Com a chegada da corte portuguesa, que teria provocado um grande êxodo da população carioca, obrigada, pela inexorável ordem PR (Príncipe Regente), a desocupar casas, muitos moradores partiram para suas propriedades rurais, onde se dedicaram à cafeicultura, dando início à marcha vitoriosa do café pela terras fluminenses e paulistas do Vale do Paraíba. Hoje em dia, é possível visitar estas já antigas fazendas de café; muitas foram revitalizadas e adaptadas para a recepção de turistas.

Outro fato curioso ligado à gastronomia é o aparecimento de livros de culinária. Na Itália, devido à riqueza econômica das cidades, servir refeições criativas também passou a ser uma prática. Em fins do século XVI, cozinheiros italianos espalham-se pelo mundo, divulgando sua arte, devidamente registrada em livros.

Quanto aos transportes, os séculos XVII e XVIII vêm surgir as carruagens e, adaptando-se à novidade, algumas pousadas passam a ter, em anexo aos estabelecimentos de hospedagem, um estábulo para os animais. Esses meios de hospedagem ficam conhecidos como *stagecoach inns* ou hotéis de carruagem.



Foto: Luiz Alexandre Mees

**Figura 3.7:** No Brasil, as carruagens, mesmo que em número reduzido, também circulavam pelas ruas de algumas cidades, como o Rio de Janeiro. Um destes exemplos é esta carruagem, usada por D. Pedro II em ocasiões solenes, fabricada na Inglaterra pela firma Pearce & Countz em 1837. Hoje, é parte do acervo do Museu Imperial, em Petrópolis.



## Atividade Final

Como o Renascimento e as transformações da Idade Moderna, vistas nesta aula, podem fazer parte de roteiros turísticos na atualidade? Crie um tipo de roteiro temático com as informações da aula ou faça como o relato da turista ("A Cidade de Florença"): a partir de uma ou mais cidades representativas do período, pesquise seus principais atrativos.

### Comentário

*Aqui você tem liberdade de escolher temas relacionados à aula e traçar supostos roteiros de viagem a respeito deles. São várias as cidades que se engrandeceram e se tornaram famosas por causa do movimento renascentista, tornando-se, inclusive, patrimônios mundiais. Pela internet, guias turísticos ou enciclopédias, muitas podem ser "visitadas."*

## **Resumo**

O início da Idade Moderna, que tem com o movimento renascentista e a Reforma os principais caminhos de abertura, não constituiu um rompimento completo com a Idade Média. Entretanto, as transformações sociais, políticas, econômicas e de mentalidade, que foram gradualmente se disseminando, trouxeram novos rumos à Europa ocidental e contribuíram para um alargamento de horizontes que se traduz em variadas descobertas, incluindo a do Novo Mundo, as Américas. As principais características da transição dos tempos medievais para o mundo moderno têm destaque na mudança no pensamento da época, influenciado pela corrente humanista, que em muito influenciou o Renascimento, um dos mais expressivos movimentos artísticos e intelectuais que marcaram a Europa em todos os tempos. Outros importantes fatos que caracterizam a Idade Moderna são: os descobrimentos técnico-científicos; a expansão ultramarina européia, que teve a preponderância de Espanha e Portugal, resultando nos descobrimentos da América e do Brasil; a Reforma Protestante, um movimento que criticava as práticas e a doutrina da Igreja Católica, provocando a sua violenta reação (Contra-Reforma). As viagens, na Idade Moderna, ainda eram uma tarefa extremamente difícil. Entretanto, o espírito da época, marcado pela curiosidade das descobertas, junto com o acúmulo de capitais pela nascente burguesia estimula as viagens de estudo. Veneza e Florença são dois dos “destinos” mais procurados. Novos hábitos alimentares e novas formas de transporte nos fornecem mais elementos para um estudo sobre a história das viagens e do turismo.

## **Informações sobre a próxima aula**

Na Aula 4, avançaremos um pouco no tempo, apresentando as principais transformações ocorridas no Ocidente, a partir da Revolução Industrial e suas relações com as viagens.





# 4

## E veio a Era Industrial...

### Meta da aula

Apresentar as principais transformações ocorridas no Ocidente com a Revolução Industrial, em suas diversas fases, e com o aperfeiçoamento tecnológico dela decorrente, relacionando-as à questão do controle do tempo da produção, da exploração do trabalhador e do encurtamento das distâncias.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 diferenciar as formas de produção no sistema fabril em relação à produção familiar e à produção artesanal;
- 2 avaliar o impacto das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, em particular com a Revolução Industrial, levando em consideração o controle do tempo do trabalhador;
- 3 identificar as diferentes formas de resistência dos trabalhadores à exploração no sistema de fábricas e as conquistas trabalhistas decorrentes de suas lutas;
- 4 conhecer um novo segmento turístico em ascensão no Brasil e no mundo: o turismo industrial.

## A Revolução Industrial

A Revolução Industrial é um daqueles temas fundamentais para o estudo da História. Nesta aula, você, provavelmente, se lembrará de assuntos muito importantes, discutidos nos tempos de escola, como a questão da exploração do trabalhador e as difíceis condições de trabalho nas fábricas. Discutiremos também como a Revolução Industrial influenciou na modernização dos meios de comunicação e de transporte, encurtando as distâncias entre regiões e países.

O conceito de revolução, para os estudos históricos, está associado a transformações profundas na estrutura da sociedade: economia, política, cultura, relações cotidianas; enfim, ao falarmos de Revolução Industrial, estamos nos referindo a um conjunto de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais que se iniciaram na Europa nos séculos XVII e XVIII e que tiveram influência, mais tarde, em várias partes do mundo. Um dos pontos centrais para o desencadeamento dessas transformações foi a utilização da máquina na produção, substituindo em parte o trabalho humano. A descoberta de novas fontes de energia, a produção em larga escala e o aperfeiçoamento dos meios de transporte e de comunicação contribuíram para enfraquecer os valores da sociedade medieval, dando lugar às sociedades industrializadas.

### Antes das fábricas

Você conhece, em sua cidade, algum profissional que produz os seus próprios produtos de forma artesanal: sapateiros, marceneiros, carpinteiros, alfaiates, chapeleiros, ourives...? E aquelas famílias que ensinam algum ofício tradicional, de geração em geração, consumindo o que fabricam e comercializando o excedente? Esses são personagens cada vez mais difíceis de se encontrar nas cidades grandes atualmente. Porém, eles ainda resistem a uma série de transformações ocorridas no mundo do trabalho e na forma de produção dos bens ao longo dos tempos.

Algumas técnicas de produção ainda vistas hoje em dia remontam à Antigüidade ou ao período medieval, como as empregadas no fabrico de determinados alimentos e bebidas. Parte do vinho produzido em algumas cidades brasileiras, como em Valinhos (SP), por exemplo, ou na região do Baixo Alentejo, em Portugal, ainda é feita com a tradicional receita da pisa das uvas. Na cidade italiana de Bolonha, a produção da famosa mortadela é fiel à receita medieval, e vários visitantes formam grandes filas para conhecer o processo de fabricação da iguaria, que também é bastante apreciada no Brasil.

Como era, então, a produção dos bens antes das fábricas que conhecemos hoje?

Até o século XVIII, os instrumentos utilizados para a fabricação dos produtos eram basicamente as ferramentas simples, como machados, enxadas, marretas e máquinas movidas a água, a vento e a força humana ou tração animal, entre elas os moinhos, as roldanas, o guindaste, a prensa e as catapultas.

Na Europa, durante a Idade Média, predominou o sistema de produção familiar, com os bens servindo à própria subsistência das famílias que os produziam. O crescimento das cidades, ainda no período medieval, atraiu muitos camponeses, dando origem às corporações de ofício, que eram oficinas que se ocupavam da proteção dos interesses dos artesãos, organizados de acordo com a sua especialidade, onde havia regras próprias, treinamento e qualificação dos trabalhadores, entre outras iniciativas. Os produtos, feitos em pequena escala, eram vendidos pelos artesãos nos burgos, as feiras medievais, ou seja, havia um mercado restrito para a comercialização de suas manufaturas. Esses artesãos da Idade Média dominavam todo o processo produtivo, da matéria-prima à manufatura, e eram os donos das máquinas e ferramentas (os meios de produção).

Já na Idade Moderna, por volta do século XVI, surgia a figura do “atravessador”, comerciante que intermediava as relações produtivas, fornecendo a matéria-prima e ocupando-se da distribuição dos produtos no mercado. Os artesãos já não

mais detinham o controle de todo o processo da produção, e o comércio das manufaturas agora era feito em grande escala, alcançando várias partes do mundo. As Grandes Navegações contribuíram significativamente para impulsionar o comércio entre a Europa e os demais continentes. Uma série de transformações ainda estaria por vir, mudando consideravelmente o cenário europeu e, mais tarde, mundial.

## O nascimento do sistema de fábrica

Nos séculos XVI e XVII, ocorreu um grande crescimento econômico na Europa, através de um processo conhecido como Revolução Comercial. A maior parte das riquezas dos países europeus era proveniente das atividades de compra e venda de mercadorias, caracterizando o sistema econômico chamado capitalismo comercial. Portanto, a principal forma de acúmulo de capitais era o comércio, diferentemente da Idade Média, quando a terra era o principal bem e o sistema político-econômico do período era conhecido como feudalismo.



A Revolução Comercial caracterizou-se, entre outros fatores, pela política mercantilista, que visava ao protecionismo econômico dos países europeus e ao aumento de suas exportações; pela intensificação das trocas comerciais entre a Europa e os demais continentes, movida pelas necessidades expansionistas dos países europeus, em busca de novos mercados produtores e consumidores; pela colonização de várias regiões da Ásia, África e América.

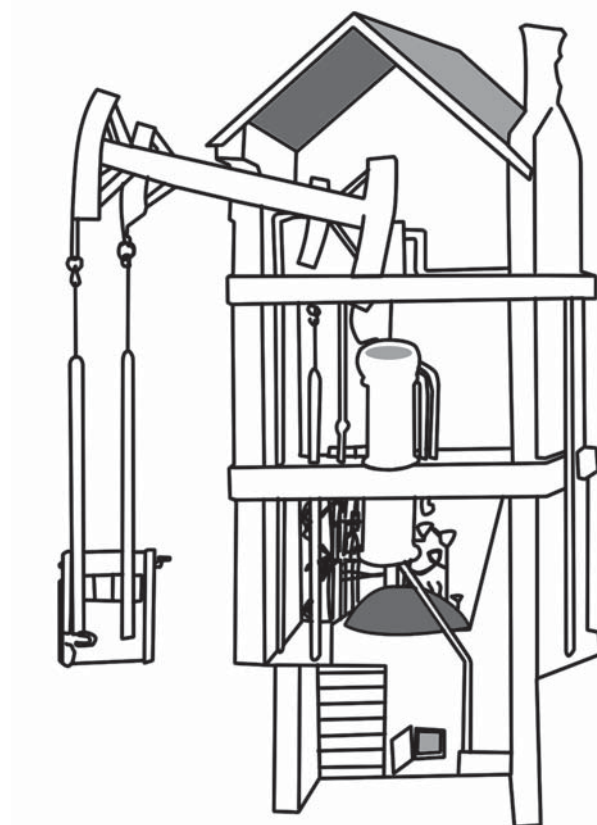
A expansão marítima europeia está diretamente ligada à Revolução Comercial, na medida em que portugueses, espanhóis e outros povos da Europa lançavam-se ao mar à procura de novas rotas comerciais, e, principalmente, de novos caminhos marítimos para as Índias, de onde vinham os produtos que faziam grande sucesso na Europa (especiarias, porcelanas, tecidos, entre outros). A colonização das Américas e a do Brasil também estão relacionadas a esse processo, conforme veremos em outras aulas, quando trataremos do Brasil colonial.

A partir da segunda metade do século XVIII, a atividade comercial deixou de ser a principal forma de acumulação de riquezas na Europa, dando lugar à produção industrial, ou seja, ocorreu uma transição do capitalismo comercial para o capitalismo industrial. A produção fabril consolidou o capitalismo como modo de produção, pondo fim aos resquícios feudais que ainda havia em alguns lugares da Europa.

A Inglaterra foi o berço da Revolução Industrial, o que pode ser explicado, entre outros fatores, pelo fato de ter sido esse um dos países que enriqueceram durante a fase do capitalismo comercial. Além disso, os ingleses dispunham de vários recursos naturais, como o carvão e o ferro, possuíam rios navegáveis e uma ótima estrutura portuária, o que favorecia o escoamento das matérias-primas e das mercadorias. Um outro fator que contribuiu para que a Inglaterra fosse a pioneira na Revolução Industrial foi a política de cercamento dos campos (*enclosures*), que expulsou vários camponeses de suas terras, as quais passaram a ser comercializadas como mercadorias. Como consequência, os camponeses foram obrigados a migrar para as cidades, transformando-se em operários das nascentes fábricas.

Dentre as várias máquinas que foram inventadas ou aperfeiçoadas nesse período na Inglaterra, podemos citar: a máquina de fiar, o tear mecânico e o descaroçador de algodão, que impulsionaram a indústria de fiação e tecelagem, estimulada pelo crescimento do consumo de tecidos de lã e algodão.

O aperfeiçoamento do uso da energia a vapor, durante a Revolução Industrial, serviu como força motriz para aumentar a capacidade produtiva das máquinas e o ritmo do trabalho. As máquinas a vapor, no século XVIII, além de fornecerem energia para as fábricas, movimentavam moinhos e bombas, barcos e locomotivas, na Europa e nos Estados Unidos.



**Figura 4.1:** Máquina a vapor para bombear água, criada pelo inglês Thomas Newcomen (1712).

(...) Em 1800, a “importância e utilidade da invenção” do Sr. Watt [uma máquina a vapor] havia se tornado tão evidente aos ingleses que ela estava em uso em 30 minas de carvão, 22 minas de cobre, 28 fundições, 17 cervejarias e 8 usinas de algodão. A invenção de máquinas para fazer o trabalho do homem era uma história antiga, muito antiga. Mas com a associação da máquina à força do vapor ocorreu uma modificação importante no método de produção.

O aparecimento da máquina movida a vapor foi o nascimento do sistema fabril em grande escala. [...] O sistema fabril, com sua organização eficiente em grande escala e sua divisão de trabalho, representou um aumento tremendo na produção. As mercadorias saíam das fábricas num ritmo intenso. Esse aumento da produção foi parcialmente provocado pelo capital, abrindo caminho na direção dos lucros. Foi, em parte,

uma resposta ao aumento da procura. A abertura de mercados das terras recém-descobertas foi uma causa importante desse aumento. Houve outra. As mercadorias produzidas nas fábricas encontravam também um mercado interno simultaneamente com o mercado externo. Isso devido ao crescimento da população da própria Inglaterra.

Transporte barato, rápido e regular era necessário, também, para os fabricantes que desejavam aproveitar a vantagem oriunda da concentração da produção numa área especialmente adequada. Foi, portanto, no século XVIII que tiveram início os melhoramentos na construção de estradas, abertura de canais etc. [...] A revolução nos transportes não só possibilitou a ampliação do mercado interno em todas as direções, como também possibilitou ao mercado mundial tornar-se igual ao mercado interno. O crescimento da população, as revoluções nos transportes, agricultura e indústria – tudo isso estava correlacionado. Agiam e reagiam mutuamente. Eram forças abrindo um mundo novo (HUBERMAN, 1974, p. 183-6).

Com a Revolução Industrial em curso, as tradicionais oficinas medievais passaram a ser substituídas pelo sistema de fábricas. As máquinas, a matéria-prima e os produtos agora pertenciam aos proprietários dessas fábricas. Os trabalhadores, transformados em operários, passaram a exercer as suas atividades sob uma rigorosa supervisão e não possuíam mais o controle de todo o processo produtivo, nem os meios de produção. Assim, sua força de trabalho passou a ser a sua maior riqueza, vendida aos proprietários em troca de salário.

A grande novidade imposta pelo sistema de fábricas é a perda do controle do processo de produção pelo trabalhador (THOMPSON, 1987, p. 23, 27).

A Revolução Industrial provocou também uma transformação no pensamento e na cultura europeus. O conceito de trabalho (que na Idade Média era visto como sinônimo de sofrimento e pobreza) ganhou uma conotação positiva, passando a ser difundido como um valor essencial ao desenvolvimento humano. As escolas reproduziam a ideologia de valorização do trabalho, ressaltando o seu caráter disciplinador, preparando as crianças para serem futuras trabalhadoras das fábricas.

## **O avanço das máquinas e o debate intelectual: Smith e Marx**

Dois dos intelectuais mais importantes dos séculos XVIII e XIX, Adam Smith e Karl Marx, respectivamente, analisaram o conjunto das transformações ocorridas na Europa decorrentes da Revolução Industrial.

O inglês Adam Smith (1723-1790) era um economista clássico, pertencente à corrente de pensamento que defendia o liberalismo da economia. Em sua obra *A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (1776), considerava que a divisão do trabalho, a cooperação, a liberdade econômica e a concorrência eram as molas propulsoras do progresso, analisando com entusiasmo as transformações decorrentes da primeira fase da Revolução Industrial.

Já o filósofo socialista alemão Karl Marx (1818-1883), em seu trabalho *Os manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844, tem uma visão bastante crítica do processo. Para ele, a divisão do trabalho e o aumento da especialização do trabalhador provocavam a sua transformação em máquina, perdendo a consciência do fruto do seu trabalho, que só lhe era apresentado sob a forma de mercadoria. Assim, o trabalhador sofria um processo de alienação, afastando-se de seu corpo, de seu espírito e de seus amigos, deixando de compreender para que serve o trabalho, qual a sua importância para as relações sociais e para si mesmo. O trabalhador, ao vender a sua própria força de trabalho, transformava-se ele mesmo em mercadoria.





## Atividades

---

1. Em muitos países, o tradicional processo de pisa da uva, utilizado na produção do vinho, foi transformado em atração turística. Na sua opinião, por que os visitantes têm tanto interesse em conhecer tal processo?

---

### Comentário

*A proposta desta questão é estimular a sua capacidade de raciocínio, associando a forma artesanal de trabalho à curiosidade turística e buscando perceber as mudanças no processo de fabricação dos produtos (aqui representados pelo vinho), ocorridas com a Revolução Industrial.*

*Um dos caminhos para uma possível resposta pode ser o seguinte: o interesse dos visitantes em conhecer o processo tradicional de produção do vinho está relacionado às mudanças ocorridas historicamente na fabricação dessa bebida, conhecida desde a Antiguidade. A produção industrial, em larga escala, com sofisticados recursos tecnológicos, tem assumido cada vez mais espaço, tornando rara e objeto de curiosidade dos visitantes a produção artesanal, o que significa para eles uma interessante viagem no tempo.*

2. Pesquise na internet o significado do termo *enoturismo*.

---

### Comentário

*Nesta questão, você terá uma infinidade de possibilidades de resposta, a partir dos resultados de sua busca na internet. Não deixe de criar uma definição própria, utilizando o seu entendimento sobre o que é enoturismo.*

## A exploração do trabalhador e as primeiras formas de resistência operária

De onde vem a indiferença

Temperada a ferro e fogo?

Quem guarda os portões

Da fábrica?

(Renato Russo, “Fábrica”, 1986)

Se, por um lado, o novo sistema de fabricação industrial dos produtos trouxe uma série de avanços, como o aperfeiçoamento tecnológico e a melhoria do “sistema” de transportes e comunicações (que trataremos com mais detalhes na Aula 5), por outro, revelou a sua face mais violenta: a exploração sem limites dos operários, a começar pelas péssimas condições de trabalho.

O ambiente no interior das fábricas era totalmente insalubre, isto é, extremamente nocivo à saúde do trabalhador. Não havia iluminação nem ventilação suficientes; os operários respiravam um ar úmido e cheio de poeira; os barulhos eram ensurdecadores; não havia cuidados com a segurança do trabalhador e os acidentes eram freqüentes; as jornadas de trabalho eram muito longas, chegando até a 16 horas diárias, com intervalo de uma hora para alimentação. Em muitos casos, o trabalhador não podia parar para fazer a sua refeição, operando a máquina com uma das mãos e, com a outra, alimentando-se; a exploração do trabalho infantil e do trabalho feminino era comum e, além de enfrentarem os mesmos problemas que os homens, crianças e mulheres recebiam salários menores e ainda sofriam castigos físicos e assédio sexual.



**Figura 4.2:** A exploração do trabalho infantil durante a Revolução Industrial. Fábrica de vidros inglesa, 1869. Na atualidade, uma realidade ainda presente em muitas partes do mundo, inclusive no Brasil.



**Figura 4.3:** Crianças operárias na fábrica de tecidos Bangu, Rio de Janeiro, 1892.



**Figura 4.4:** A exploração da mão-de-obra infantil ainda é uma realidade no nosso país, apesar da existência de leis federais e de um estatuto que garante os direitos das crianças e dos adolescentes.

Fonte: Rupak De Chowdhuri/Reuters

Nas fábricas inglesas, dentre as doenças adquiridas no trabalho, eram mais freqüentes a tuberculose (altamente contagiosa), varizes, úlceras e problemas na coluna. Não havia licença nem nenhum outro tipo de afastamento do trabalho para tratamento de saúde. A ameaça de demissão inibia os afastamentos do serviço, mesmo por motivo de doença. Os acidentes de trabalho também eram razão para a demissão sumária quando resultavam na incapacidade do trabalhador. A principal causa dos acidentes era a fadiga. Muitos operários ficaram mutilados ou morreram, e suas famílias não recebiam nenhum tipo de assistência.

Diante dos abusos sofridos pelos operários ingleses, diversos movimentos dos trabalhadores começaram a surgir, dando início, sob violenta repressão, à história dos direitos trabalhistas no mundo. Os operários lutavam contra as jornadas estafantes, o alto índice de acidentes, a exploração do trabalho feminino e infantil, a falta de garantias trabalhistas e os baixos salários.

O primeiro movimento de resistência dos trabalhadores às péssimas condições de trabalho e salários foi um quebra-quebra de máquinas. As punições foram severas e os operários foram ameaçados com a pena de morte em caso de reincidência. As lutas dos trabalhadores continuaram, e estes passaram a se organizar em associações (futuros sindicatos) para reivindicarem os seus interesses junto aos patrões.

O movimento cartista, que passou a ser conhecido dessa forma devido à apresentação de um documento ao Parlamento Inglês denominado Carta ao Povo, em 1838, apresentava, entre outras reivindicações de ordem política, como o direito ao voto masculino, secreto e universal, uma lista de reivindicações trabalhistas, entre elas a regulamentação das associações políticas, do trabalho infantil e do trabalho feminino e a redução da jornada de trabalho para 10 horas diárias. Negadas no Parlamento, essas reivindicações trabalhistas foram transformadas em direitos gradualmente, em decorrência das pressões operárias e dos conflitos que se sucederam em Londres.



Figura 4.5: Motim cartista em Londres, século XIX.

Ao longo da história da industrialização, são variadas as formas de resistência dos operários, como a organização em movimentos sindicais, as greves – espontâneas e as organizadas, a sabotagem na produção e a destruição das máquinas, os motins, piquetes e agressões coletivas.

Podemos agora constatar parte da natureza verdadeiramente catastrófica da Revolução Industrial e algumas das razões pelas quais a classe operária se formou nestes anos. O povo foi submetido, simultaneamente, à intensificação de duas formas intoleráveis de relação: a exploração econômica e a opressão política. As relações entre patrões e empregados tornaram-se mais duras e menos pessoais [...].

Que os trabalhadores sentissem essas injustiças – e as sentissem apaixonadamente – é, em si, um fato suficientemente importante para merecer nossa atenção. Isso nos recorda claramente que alguns dos conflitos mais virulentos desses anos giraram em torno de questões que não são englobadas pelas séries de custo de vida. As questões que provocaram maior intensidade de envolvimento foram muito frequentemente aquelas em que alguns valores, tais como costumes tradicionais, “justiça”, “independência”, segurança ou economia familiar, estavam em risco, ao invés da simples questão do “pão com manteiga”. Os primeiros anos da década de 1830 foram marcados por agitações que levantaram questões nas quais os salários tinham importância secundária: os oleiros,

contra o pagamento de salários em espécie; os trabalhadores têxteis, pela jornada de 10 horas; os trabalhadores na construção, pela ação cooperativa direta; todos os grupos de trabalhadores, pelo direito de formação de sindicatos. (THOMPSON, 1987, v. 2 p. 23, 27-8).

## Um pouco da história do movimento operário no Brasil

A história do movimento operário no Brasil tem vários capítulos importantes, com destaque para as greves. A primeira greve operária ocorrida no Brasil foi a dos tipógrafos, em 1858, no Rio de Janeiro. Esses operários chegavam a trabalhar até 15 horas diárias nas oficinas dos jornais da cidade.

A greve geral de 1917 paralisou São Paulo, tendo um número de participantes estimado em 45 mil pessoas. O governo reagiu violentamente contra os manifestantes, dando ordem de atirar em quem estivesse parado na rua. O fim da greve geral de 1917 ocorreu com a concordância dos empresários em aumentar em 20% os salários, a libertação dos manifestantes que foram presos e o cancelamento das demissões ocasionadas pela greve.

### Reivindicações do movimento grevista de 1917

#### O QUE RECLAMAVAM OS OPERÁRIOS

Os representantes das ligas operárias, das corporações em greve e das associações político-sociais que compõem o Comitê de Defesa Proletária, reunidos na noite de 11 de junho, depois de consultadas as entidades de que fazem parte, expondo as aspirações de toda a população angustiada por prementes necessidades; considerando a insuficiência do Estado no providenciar de outra forma que não seja pela repressão violenta, tornam públicos os fins imediatos que a atual agitação se propõe, formulando da maneira que segue as condições de trabalho que, oportunamente, serão examinadas nos seus detalhes:

- 1º. Que sejam postas em liberdade todas as pessoas detidas por motivo de greve;
- 2º. Que seja respeitado do modo mais absoluto o direito de associação para os trabalhadores;

- 3°. Que nenhum operário seja dispensado por haver participado ativa e ostensivamente no movimento grevista;
- 4°. Que seja abolida de fato a exploração do trabalho de menores de 14 anos nas fábricas, oficinas etc.;
- 5°. Que os trabalhadores com menos de 18 anos não sejam ocupados em trabalhos noturnos;
- 6°. Que seja abolido o trabalho noturno das mulheres;
- 7°. Aumento de 35% nos salários inferiores a 5\$000 e de 25% para os mais elevados;
- 8°. Que o pagamento dos salários seja efetuado pontualmente, a cada 15 dias, e, no mais tardar, 5 dias após o vencimento;
- 9°. Que seja garantido aos operários trabalho permanente;
- 10°. Jornada de oito horas e semana inglesa;
- 11°. Aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário.

Fonte: <http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/a/greve-1917.htm>

As greves operárias, organizadas pelos sindicatos ligados à indústria metalúrgica do ABC paulista (formado pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul – região industrial de grande destaque no país), também ilustram a importância do movimento operário brasileiro. Como exemplos, podem ser citadas as manifestações ocorridas entre os anos de 1978 e 1980, reunindo cerca de 170 mil trabalhadores que reivindicavam melhores salários e condições de trabalho, durante o regime militar, quando as greves eram proibidas.

A figura do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema e atual Presidente da República, Luís Inácio da Silva, o Lula (mais tarde Luís Inácio Lula da Silva), passou a ser conhecida em todo o Brasil. Houve várias intervenções do Governo Federal nos sindicatos, conflitos e prisão dos seus dirigentes.

As greves do ABC paulista, dos metalúrgicos de Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, no início dos anos 1980, e outras que se espalharam pelo país representaram também a luta das classes trabalhadoras contra o regime de governo anti-democrático, que se enfraquecia cada vez mais.



O direito de greve em nosso país é garantido pela Constituição de 1988, sendo, entretanto, permitido apenas aos trabalhadores civis.



**Figura 4.6:** Lula discursa para os operários durante greve no ABC paulista.



## Atividades

3. No Brasil, os direitos trabalhistas também foram conquistados em decorrência de muitas lutas dos trabalhadores. Leia o conceito de insalubridade, previsto no artigo 189 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT):



Serão consideradas atividades ou operações insalubres aquelas que, por sua natureza, condições ou métodos de trabalho, exponham os empregados a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância fixados em razão da natureza e da intensidade do agente e do tempo de exposição aos seus efeitos.

Faça uma lista das profissões e/ou atividades exercidas pelos trabalhadores em sua cidade, nos dias atuais ou no passado, que sejam consideradas insalubres.

---

### **Comentário**

*O objetivo desta questão é estimular o seu olhar crítico sobre a própria realidade que o cerca, procurando identificar as atividades e/ou profissões que ofereçam risco à saúde do trabalhador em seu município, no passado histórico ou nos dias atuais. Para uma resposta mais completa, procure avaliar se esses profissionais contam/ contavam com a devida proteção e se têm/tinham os seus direitos respeitados.*

4. Você sabe o que é CIPA? Pesquise na internet o seu significado, indicando o papel dos patrões e dos empregados para o seu funcionamento.

---

### **Comentário**

*Para esta questão, um bom caminho é pesquisar na internet. Além do significado da sigla e de seu conceito, você encontrará a legislação em que foi criada, as atualizações sofridas por essa legislação e como as empresas se organizam para cumpri-la (eleições para os membros da CIPA, papel a ser desempenhado por cada participante, treinamentos e simulações realizados, cursos etc.). Um outro caminho interessante, se você trabalhar em alguma empresa ou órgão público, é procurar saber como funciona a CIPA no seu local de trabalho.*

5. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres brasileiras, em 2002, embora tivessem média de escolaridade maior que a dos homens (6,4 anos de estudo contra 6,1), recebiam, em média, 70% do valor pago ao sexo oposto para o exercício das mesmas atividades. A situação se verificou em todas as classes sociais e em todos os níveis de escolaridade.

Na sua opinião, por que essa desigualdade salarial entre homens e mulheres ocorre em pleno século XXI? Como o problema pode ser resolvido?

---

### **Comentário**

*Resposta pessoal, que admite diferentes direções. O importante é você levar em conta que esse é um problema que está relacionado a um longo passado histórico, quando as mulheres eram consideradas inferiores aos homens. Observe que o mesmo ocorreu também na Europa e em outras sociedades, sendo as condições de tratamento das mulheres na época da Revolução Industrial um bom exemplo dessa desigualdade sexual.*

*Existem diferentes formas de solucionar o problema. Procure apresentar algumas propostas, considerando também as idéias defendidas pelos representantes dos interesses das mulheres (associações, sindicatos, ONGs etc.).*

## **A Revolução Industrial se expande**

A partir da segunda metade do século XIX, a Revolução Industrial atingiu a sua segunda fase, caracterizada principalmente pela ampliação do número de países industrializados, dentro e fora da Europa, como França, Alemanha, Itália, Bélgica, Rússia, Japão e Estados Unidos.

No Brasil, a industrialização começará a se desenvolver somente a partir do século XIX, devido às restrições anteriores impostas por Portugal à produção manufatureira em suas colônias. Esse tema será discutido em outras aulas, quando falaremos mais detidamente da formação do Brasil, discutindo, entre outras questões, as relações trabalhistas no país, nos diferentes períodos de sua história.

Outra característica fundamental da segunda fase da Revolução Industrial foi o avanço das pesquisas científicas, que levaram ao aperfeiçoamento das técnicas e ao desenvolvimento de novas formas de energia. A descoberta do processo de fabricação do aço, mais leve e resistente do que o ferro, e a substituição da energia a vapor pela elétrica e pelo petróleo (processo de combustão interna) foram decisivas nessa nova fase da Revolução Industrial.

Tais inovações permitiram o crescimento do setor de transportes, que passava a produzir automóveis e aviões. No setor de comunicação, a segunda fase da Revolução Industrial proporcionou a

invenção do rádio, do cinema, do telefone e do telégrafo. Essas novidades tecnológicas permitiram o encurtamento das distâncias entre os países, contribuindo para que a atividade turística começasse a surgir, como veremos com mais detalhes na aula seguinte.

A organização do trabalho nas fábricas nessa segunda fase acentuou ainda mais a divisão do processo produtivo. Se, na primeira fase, o operário já não dominava mais todas as etapas da produção de um bem, ao contrário do que ocorria no período medieval, agora o seu trabalho se tornou ainda mais especializado, aumentando consideravelmente a produção.

Também foram aperfeiçoadas as formas de produção e controle do trabalho, com destaque para o desenvolvimento dos métodos *taylorista* e *fordista*.

Frederick Taylor (1856-1915), engenheiro norte-americano, pesquisou o tempo utilizado pelo homem e pela máquina em cada tarefa, numa fábrica dos Estados Unidos, procurando desenvolver um novo método que aumentasse a produtividade e reduzisse os gastos da produção (duas das preocupações mais importantes das empresas até hoje). Taylor propôs o aprofundamento da divisão do trabalho, aumentando a especialização dos trabalhadores, o que limitou cada operário à realização de uma única e repetitiva tarefa. Além disso, criou um sistema de recompensas para os operários que superassem as metas de produtividade.

Você já viu, em alguma empresa, um daqueles pôsteres exibindo em locais acessíveis aos demais funcionários (e, por vezes, também aos clientes) a foto sorridente do funcionário do mês? Pois esta é mais uma das idéias de Taylor, procurando motivar os funcionários e otimizar a produção.

Henry Ford (1863-1947), proprietário de uma fábrica de automóveis nos Estados Unidos, foi o primeiro a aplicar os princípios *tayloristas*. Ford introduziu, no início do século XX, uma linha de montagem, dispondo os veículos numa esteira rolante, onde cada trabalhador, cumprindo uma etapa da fabricação, realizava a

produção em série. Esse processo de fabricação de produtos em série, que utilizava esteiras rolantes, dentre outras características, ficou conhecido como *fordismo*.



**Figura 4.7:** *Tempos modernos*, de Charles Chaplin, 1936: um filme imperdível!

O filme *Tempos modernos* é um clássico do cinema mundial, produzido e estrelado pelo genial Charles Chaplin, o Carlitos. Trata-se do último filme mudo do artista, produzido numa época de transição para o cinema falado, onde as novas tecnologias de som passaram a ser aplicadas ao cinema.

Chaplin denuncia com humor a exploração da mão-de-obra operária numa fábrica norte-americana que adota a linha de montagem fordista como método de produção. Os movimentos repetitivos e as péssimas condições de trabalho provocam a alienação do personagem Carlitos, um operário da fábrica que sofre com o estresse e uma série de problemas físicos e emocionais decorrentes do trabalho.



**Figura 4.8:** Linha de montagem fordista, utilizada para a produção em série. Carlitos, dominado pelo estresse, apronta muitas confusões na fábrica.

Uma das cenas mais célebres é a do acidente sofrido por Carlitos, que cai dentro da engrenagem de uma gigantesca máquina, numa referência à transformação do trabalhador na própria máquina.



**Figura 4.9:** O homem-máquina: uma das cenas mais importantes do cinema em todos os tempos.

O filme tem como pano de fundo os efeitos da crise econômica de 1929, que provocou uma onda de desemprego e fome nos Estados Unidos e em vários países do mundo.

Passados mais de 70 anos de sua produção, *Tempos modernos* permanece atual e é uma dica imperdível!

Além do *taylorismo* e do *fordismo*, o *pós-fordismo* ou *toyotismo* foi uma outra forma de controle do trabalho decorrente dos chamados “princípios de administração científica”, que buscavam maximizar a produtividade e reduzir os custos. Esse novo modelo administrativo, surgido no Japão, na fábrica da Toyota, após a II Guerra, e difundido em escala mundial a partir da década de 1970, será estudado em outra aula, quando discutirmos o fenômeno da globalização e o avanço tecnológico.

A Revolução Industrial consolidou o capitalismo como sistema econômico, no qual a acumulação de capital, a propriedade privada, o trabalho assalariado para os empregados e a obtenção de lucro para os donos do capital são as principais características. Dois grupos sociais se definiram a partir da Revolução Industrial: a burguesia industrial e o operariado, também chamado proletariado.



## Atividades Finais

---

1. Apresente duas consequências positivas trazidas pela Revolução Industrial.

---

---

---

---

---

---

### Comentário

*Nesta questão, a proposta é reconhecer os benefícios trazidos pela Revolução Industrial, na qual você pode relacionar, entre outros fatores: a diminuição das distâncias entre os países, provocadas pelo aperfeiçoamento dos meios de transporte; a aceleração das comunicações, favorecendo as relações pessoais, os negócios e facilitando o dia-a-dia das pessoas, o aumento da oferta de bens no mercado etc.*

2. Agora propomos que você relacione dois aspectos negativos da Revolução Industrial: um, do ponto de vista ambiental, e outro, do ponto de vista das relações de trabalho com os operários.

2.a. impactos provocados ao meio ambiente:

---

---

---

2.b. situação do operariado no sistema de fábricas:

---

---

---

---

### **Comentário**

*Já nesta segunda questão, propomos que você observe de forma crítica os problemas trazidos pela Revolução Industrial e pelo processo de industrialização em geral, destacando os impactos ambientais e os sociais. No caso dos impactos ambientais, procure fazer articulações com o debate atual a respeito do aquecimento global e a participação das indústrias nesse processo. Uma boa idéia é investigar os princípios do Protocolo de Kioto, por exemplo.*

*Quanto à situação dos operários nas fábricas, não deixe de considerar os problemas enfrentados no início da Revolução Industrial e relacionar também os novos problemas, como a perda de empregos devido ao avanço tecnológico e a exploração da mão-de-obra.*

3. A sua cidade possui indústrias? Em caso afirmativo, de que tipo? Sugira um roteiro de visita a uma fábrica localizada em sua cidade, de forma que o interessado conheça todas as etapas do processo produtivo. Se o seu município não possuir indústrias, pesquise na internet uma fábrica brasileira que ofereça visitas guiadas, observando o seu funcionamento.

---

---

---

---

---

---

### **Comentário**

*A questão procura estabelecer uma relação entre as indústrias e o turismo, reconhecendo o interesse de muitas pessoas em tomar conhecimento do processo de fabricação de produtos diversos, como refrigerantes, cervejas, panelas, tecidos, vidros, entre outros. Recomenda-se a navegação por algum site de busca (Google, Cadê*

*ou outro), utilizando-se palavras-chave, como visita, guiada, fábrica. Você irá descobrir várias indústrias que abrem as suas portas aos turistas e visitantes em geral, caracterizando o chamado “turismo industrial”, um novo segmento da atividade turística.*

*Para saber mais, visite o site*

*<http://www.belasantacatarina.com.br/variedades.asp?id=1617>*

## **Resumo**

Dentre os processos mais importantes desencadeados pela Revolução Industrial, temos a aceleração da produção, com a mecanização proporcionada pelo avanço técnico-científico e com a especialização do trabalhador; o aumento da exploração do trabalhador, através de longas jornadas de trabalho, de ambientes insalubres, da utilização do trabalho infantil e da baixa remuneração do trabalho feminino; maus tratos; e a falta de assistência aos doentes, entre outros fatores.

A Revolução Industrial consolidou o capitalismo como sistema econômico, fazendo emergir duas novas classes sociais: a burguesia industrial e o proletariado.

Adam Smith e Karl Marx foram dois dos mais importantes intelectuais que se debruçaram sobre a questão do trabalho na sociedade industrial, deixando importantes reflexões sobre as transformações pelas quais o mundo passava. O primeiro, entusiasta do pensamento liberal, apresentava-se otimista quanto à reorganização do trabalho no sistema fabril e à aceleração da produção. Já Marx, socialista, era extremamente crítico ao processo em curso, denunciando a exploração da força produtiva do trabalhador e a sua alienação, além do aumento da desigualdade entre ricos e pobres, através do acúmulo de capitais por parte da burguesia.

As lutas dos operários, em diferentes épocas, inclusive no Brasil, por melhores condições de trabalho e salários, é um tema recorrente a partir da Revolução Industrial e uma questão extremamente atual.



Dentre os pontos favoráveis da Revolução Industrial, a melhoria das condições de transporte e de comunicações foram de grande importância para o advento da atividade turística tal como a conhecemos hoje. Uma curiosidade interessante é o crescente interesse dos turistas em conhecer antigos e atuais processos de fabricação dos produtos, fazendo surgir uma nova modalidade de turismo: o “turismo industrial”.

### **Informações sobre a próxima aula**

Na Aula 5, daremos continuidade aos estudos sobre a Revolução Industrial, o avanço das tecnologias de produção e de comunicação, fazendo conexões com o turismo. Destacaremos o surgimento dos pacotes turísticos para os operários europeus e a relação entre o tempo da fábrica, o tempo livre e o lazer.



# 5

## Os impactos da Revolução Industrial no turismo

### Meta da aula

Relacionar as transformações sociais, econômicas e culturais decorrentes da Revolução Industrial com o surgimento da atividade turística, caracterizada pela consolidação do capitalismo e pela crescente necessidade de tempo livre e de lazer.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 reconhecer as relações entre a Revolução Industrial, o aperfeiçoamento dos transportes e das comunicações e a prática do turismo;
- 2 avaliar os impactos ambientais e sociais provocados pela Revolução Industrial e sua relação com o turismo;
- 3 conhecer os primórdios do processo de organização e estruturação do turismo a partir dos benefícios proporcionados pela Revolução Industrial;
- 4 identificar as singularidades do início da industrialização brasileira, seus problemas e seu legado para o país.

## Introdução

Você certamente já viu uma daquelas propagandas ou filmes que mostram magníficos transatlânticos de luxo repletos de turistas cruzando os oceanos. Esses imponentes navios têm de tudo: piscina com ondas artificiais para a prática do surfe, suntuosos cassinos, salas de ginástica, sofisticados restaurantes, todo tipo de entretenimento e todo o conforto que você pode imaginar.

Além dos cruzeiros convencionais para o público em geral, para se tornarem mais competitivas na era da globalização, as empresas operadoras oferecem uma diversidade de temas para os cruzeiros marítimos, segmentando o público de acordo com o seu interesse. Assim, existem, na atualidade, cruzeiros para jovens formandos universitários (já pensou em fazer um cruzeiro de formatura com os seus colegas?), para a terceira idade, para o público *gay*, para solteiros, para os amantes de *fitness* (ginástica) e tantos outros segmentos, como você estudará mais detalhadamente em seu curso nas disciplinas específicas.

Recentemente, os preços dos cruzeiros, que já foram exorbitantes, começaram a cair, conquistando um público cada vez maior. Antes, os cruzeiros marítimos eram restritos ao público das classes A e B. Atualmente, já é possível adquirir pacotes a preços mais convidativos, principalmente na baixa temporada (de março a setembro), com o pagamento facilitado pelas operadoras em muitas prestações, com ou sem juros. Não é por acaso que, a cada temporada de cruzeiros na costa brasileira – em especial no Rio de Janeiro – novos recordes de público são registrados, com um movimento estimado, para a temporada de 2008, em 524 mil passageiros. Para você ter uma idéia desse crescimento, segundo o *site* Mercado & Eventos, em 1998 e 1999, quando a operação de turismo marítimo teve início no porto do Rio de Janeiro, foram recebidos 22 navios, totalizando 35 mil cruzeiristas. (Disponível em <http://www.mercadoeventos.com.br/script/index.asp>. Acesso em 2 de junho de 2008).

Diversas melhorias na infra-estrutura portuária em toda a costa brasileira estão sendo realizadas para acolher essa demanda crescente, já que o segmento de cruzeiros marítimos é hoje um dos mais promissores no turismo (brasileiro e mundial).

E quanto às viagens ferroviárias? Você já ouviu falar do Trem de Prata, que fazia a ligação Rio–São Paulo–Rio e foi desativado em 1998? Já visitou alguma cidade que ainda mantenha em atividade as românticas marias-fumaças? Já leu algo a respeito dos sofisticados trens turísticos que atravessam países num curto espaço de tempo, como os da tradicional companhia Orient Express, ou o trem-bala japonês (Shinkansen), cuja velocidade comercial chega a 360 km/h?

Os trens e também o metrô são importantes meios de transporte para o turista no segmento do turismo ferroviário, quando o próprio trem é a atração turística, assunto que você estudará nas disciplinas específicas.

A esta altura, você deve estar se perguntando qual é a relação da nossa disciplina com o crescente fluxo de cruzeiros marítimos e com o transporte ferroviário de interesse turístico. Pois bem, a resposta é relativamente simples: o surgimento das viagens marítimas e ferroviárias só foi possível por causa dos avanços tecnológicos e dos inventos decorrentes da Revolução Industrial. Aperfeiçoado ao longo de dois séculos, o transporte em navios e trens hoje se constitui em serviço imprescindível para a realização da atividade turística em todo o mundo, servindo como meio de transporte de passageiros e, em muitos casos, são os trens e navios os próprios atrativos turísticos. Ora apresentam-se cada vez mais sofisticados, acompanhando o avanço tecnológico (como o trem-bala japonês ou o TGV francês, ora promovem um nostálgico passeio de volta ao passado, reaproveitando os equipamentos tradicionais, como as marias-fumaças movidas a carvão ou as antigas barcas que fazem a travessia turística entre Rio e Niterói, aos domingos, pela Baía de Guanabara, que ainda hoje servem ao transporte diário de passageiros, ao lado de outras mais modernas.

Na Aula 4, discutimos a consolidação do sistema capitalista a partir da Revolução Industrial e as diversas transformações por ela provocadas em todo o mundo, com destaque para:

- o aperfeiçoamento técnico-científico e os novos inventos;
- as transformações ocorridas no processo de produção de bens;
- a criação do sistema de fábricas e os métodos de gestão;
- a supremacia econômica inglesa e o seu pioneirismo na Revolução Industrial;
- a produção e o consumo dos produtos em larga escala;
- o surgimento de novas classes sociais, como a burguesia industrial e o operariado;
- as terríveis condições de trabalho nas fábricas, os baixos salários e as lutas dos operários;
- a conquista dos direitos trabalhistas;
- a expansão da Revolução Industrial pelo mundo e as inovações produzidas em sua segunda fase;
- o interesse turístico pela visita às fábricas, tradicionais ou modernas, conhecendo o processo de produção de bens (turismo industrial).

Nesta aula, aprofundaremos as relações entre a Revolução Industrial e a organização e estruturação do turismo, com destaque para o aperfeiçoamento dos transportes e dos meios de comunicação, tendo como pano de fundo o contexto histórico do período.

## **O aperfeiçoamento dos meios de transporte**

Você estudou na Aula 3 que, na Idade Moderna, as inovações tecnológicas do período permitiram o aperfeiçoamento de vários instrumentos e técnicas de navegação, sendo um dos fatores fundamentais para a realização das viagens ultramarinas que resultaram no descobrimento de novas terras, inclusive do Brasil. As modernas caravelas, surgidas em Portugal em 1440, com suas velas triangulares (também chamadas “latinas” e mais fáceis de manobrar), substituíram os tradicionais barcos a remo, com velas quadradas, que serviam para mares fechados.

As caravelas dependiam da força dos ventos, do conhecimento técnico-científico acumulado de seus marinheiros e da sorte de vencerem as temidas correntes marítimas e as tempestades para cumprirem a sua rota. Eram comuns os naufrágios ou a perda da direção previamente traçada, ficando os navios sem rumo.

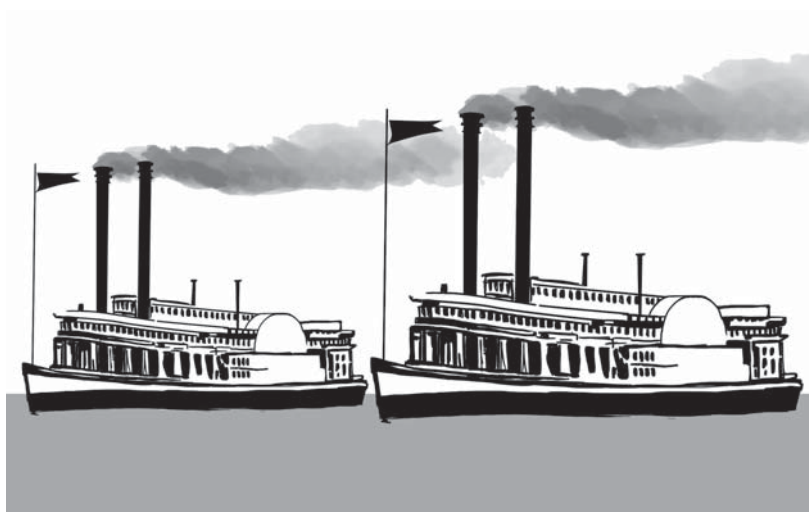
As viagens eram longas e arriscadas. Além das correntes marítimas, das dificuldades de atracação e dos problemas enfrentados a bordo, como a fome, a miséria e as doenças, essas embarcações que ligavam a Europa à América, à África e à Ásia, transportando mercadorias de valor, sofriam os ataques de corsários e piratas, sendo muitos navios afundados.

Mas com as viagens marítimas da Idade Moderna que, sem dúvida, foram um marco para a história do mundo, ainda não estamos falando de turismo: essa atividade complexa, que depende de uma estrutura adequada, composta por atrativos, equipamentos, serviços e infra-estrutura de apoio, como você vem aprendendo.

Historicamente, o que marca o surgimento dos primeiros passos rumo à organização do turismo como atividade estruturada são os melhoramentos produzidos pela Revolução Industrial, a começar pelo setor de transportes.

A energia a vapor, utilizada inicialmente nas primeiras máquinas da Revolução Industrial, como visto na aula anterior, foi adaptada para a utilização de máquinas rodantes, dando origem à navegação a vapor e aos trens de cargas e passageiros.

Imagine o impacto ambiental provocado pela utilização dessa energia, que dependia da dizimação de grandes quantidades de árvores e emitia muitos gases à atmosfera, provocados pela queima do carvão. Essa “consciência ambiental”, tão propagada nos dias atuais, não existia na virada do século XVIII para o XIX. O que importava era a idéia de progresso, representado, entre outros fatores, pela melhoria dos transportes que encurtavam as distâncias e facilitavam os deslocamentos entre regiões de um mesmo país e até mesmo entre continentes.



**Figura 5.1:** Barcos a vapor: observe na ilustração a quantidade de fumaça negra despejada na atmosfera.

Fonte: <http://br.geocities.com/saladefisica7/funciona/barcovapor.htm>

Em 1800, na Inglaterra, já havia cerca de 5.000 km de canais navegáveis, que foram fundamentais para o barateamento dos transportes e o aumento do fluxo de passageiros. Os primeiros barcos a vapor eram movidos por gigantescas rodas propulsoras, repletas de pás.

O desenvolvimento da navegação a vapor proporcionou a criação de navios de grande porte e com maior potência, permitindo o transporte de passageiros e cargas pelos mares e oceanos. O primeiro navio a vapor a atravessar o Atlântico, o *Great Western*, o maior navio construído no século XIX, foi projetado e construído pelo engenheiro inglês Isambard Brunel e fez a sua viagem inaugural partindo de Bristol, na Inglaterra, em direção a Nova York, em 1838. Media 64 metros de comprimento e sua capacidade era de 148 passageiros. O *Great Western*, entre 1853 e 1855, realizou nove viagens ao Rio de Janeiro, partindo de Southampton, na Inglaterra (lembre-se dos interesses ingleses no Brasil e da importância política e econômica do Rio de Janeiro, conforme recordaremos mais adiante). O *Great Western* e outros modernos navios da época também foram utilizados nas guerras, a exemplo do que aconteceria mais tarde com os aviões.

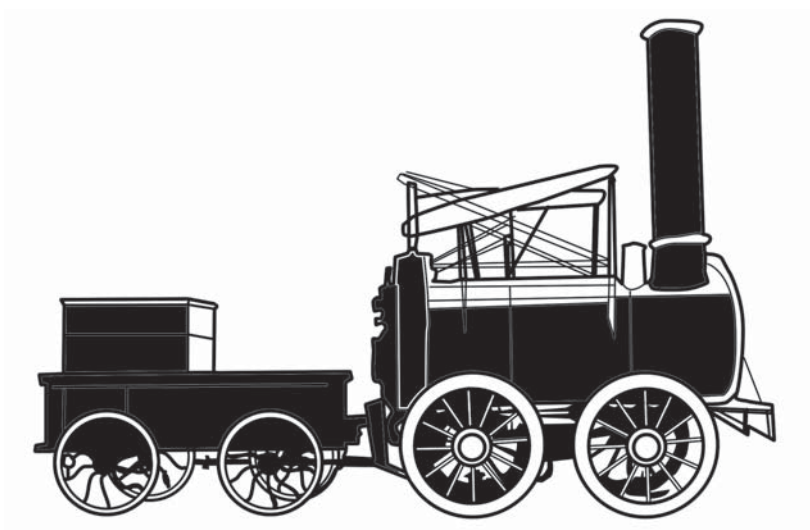




**Figura 5.2:** O navio britânico *Great Western*, um exemplo da modernidade trazida pela Revolução Industrial.

Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/rossini/gwestern.htm>

O crescimento da navegação a vapor levou à criação de grandes empresas que obtinham considerável margem de lucro com a sua frota. Destacam-se a Peninsular and Oriental Company, (P&O), da Inglaterra, e a francesa Compagnie Transatlantique.



**Figura 5.3:** Locomotiva a vapor, de Stephenson: das minas de carvão para o transporte de cargas e passageiros.

Fonte: <http://maglevcobra.blogspot.com/2007/07/evolucao-da-trao-vapor.html>

Os vagões utilizados nas minas de carvão européias e americanas, no início do século XIX, usavam a energia do vapor e inspiraram a criação de máquinas com vagões que transportassem não somente as matérias-primas, mas também pessoas, dando origem ao trem como meio de transporte de passageiros e cargas.

A invenção do transporte sobre trilhos, movido a vapor, representou um enorme avanço na expansão do capitalismo industrial. Os custos da implantação das ferrovias eram mantidos não só pelos governos dos países como também pelos empresários, que viam nessa atividade um investimento altamente lucrativo. A economia mundial cresceu consideravelmente com a utilização da ferrovia como meio de transporte, através da expansão de mercados para os produtos, que passaram a chegar a regiões mais longínquas; da intensificação das trocas comerciais; do crescimento da metalurgia e da siderurgia, para atender às necessidades de fabricação e reposição de peças desse novo setor ferroviário; do aumento do consumo das massas, com a diminuição dos custos dos produtos devida às novas facilidades de transportes de mercadorias; do aumento dos deslocamentos de pessoas, das viagens e do turismo incipiente; do surgimento de novos postos de trabalho e de novas profissões, como carregadores e ferroviários; da ampliação das comunicações entre países e regiões distantes, com as facilidades de transporte de encomendas, cartas e correspondências em geral pela via férrea, entre tantos outros benefícios.

O fato mais marcante foi, sem dúvida, o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor inserido no processo provocado pela Revolução Industrial. James Watt foi o responsável pelo desenvolvimento da máquina a vapor e, em 1800, já tinha vendido mais de 500 unidades desse engenho para as fábricas inglesas. O invento de Watt despertou a curiosidade de outros cientistas e inventores, entre os quais Richard Trevithnick que, em 1801, desenvolveu um modelo de máquina sobre rodas que gerava energia suficiente para se mover, sendo chamado “locomotora” (Torre,

2000). Essa máquina conseguiu arrastar cinco vagões com 70 homens e 10 toneladas de ferro por um trecho de estrada construído em Gales.

Mas deve-se a George Stephenson a invenção do trem. Torre (2000) descreve que, em 1814, esse jovem fascinado por máquinas construiu um motor para puxar vagões dentro de uma mina de carvão. Oito anos mais tarde, inteirou-se de um projeto que buscava estabelecer uma estrada entre Stockton e Darlington. Foi então que mostrou seu invento a capitalistas e os convenceu de que a sua máquina poderia substituir os cavalos e arrastar 34 pequenos veículos, carregados de carvão, farinha e passageiros. O primeiro trem desenvolveu uma velocidade de 48 km/h e arrastou nove toneladas. Essa foi a primeira vez que um motor a vapor arrastou um trem transportando passageiros sobre uma via férrea pública.

(REJOWSKI, M. et al. Desenvolvimento do turismo moderno. In: REJOWSKI, M. (org). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: ALEPH, 2002, p. 42-43.)

## **A Segunda Revolução Industrial e o advento da atividade turística**

Estudamos até aqui os impactos que a energia a vapor provocou nos transportes e na até então incipiente atividade turística, que os autores costumam chamar “prototurismo” (proto = anterior, ancestral). Conforme visto na Aula 4, a Segunda Revolução Industrial, ocorrida a partir de meados do século XIX, representou um extraordinário avanço técnico-científico, especialmente a partir do uso de novas formas de energia, como a eletricidade e a combustão (queima) de petróleo; a descoberta do processo técnico de transformação do ferro em aço; o desenvolvimento da indústria química (com a produção de muitos remédios, melhorando a saúde pública), entre outros fatores.

Essas novas descobertas provocaram um grande desenvolvimento nos países industrializados. A infra-estrutura das cidades melhorava cada vez mais, sendo as áreas do entorno das fábricas as mais beneficiadas com a urbanização.

A lâmpada incandescente, inventada em 1880, por exemplo, foi utilizada para a iluminação elétrica dos espaços públicos urbanos e dos ambientes internos, favorecendo a criação do turno de trabalho noturno e a reorganização do sistema produtivo baseado na produção automatizada, através dos métodos *fordista* e *taylorista*, já estudados.

No setor de transportes, essencial para a atividade turística, as novas fontes de energia, aliadas às novas tecnologias, revolucionaram a qualidade dos equipamentos e dos serviços prestados, oferecendo mais segurança e rapidez nas viagens, que se tornaram cada vez mais freqüentes e acessíveis. É nesse contexto que surgem a locomotiva elétrica, o automóvel e o avião.

Ao lado dos transportes, as comunicações se desenvolveram significativamente, proporcionando a organização das cidades e a integração entre elas e o interior. Além do telégrafo (1837), foram criados a fotografia (1839), o telefone (1860), o fonógrafo (1877), o rádio (1883) e o cinetoscópio ou cinescópio (1891), dando início à indústria cinematográfica. A imprensa escrita sofreu um grande avanço, ampliando a circulação de jornais e revistas, o que favoreceu também, pela expansão da educação, o conseqüente aumento do número de leitores.

Verifica-se, assim, uma melhoria na qualidade de vida das camadas mais abastadas das grandes cidades industrializadas, que passam a contar com uma melhor infra-estrutura de serviços, maior circulação de capitais e uma grande variedade de produtos de consumo disponíveis no mercado. É nesse cenário que a atividade turística irá se destacar, com o crescente aumento das viagens a lazer, cada vez mais procuradas pelas novas classes sociais – a burguesia industrial e também o operariado. Os operários não gozavam dos benefícios proporcionados pela melhoria da infra-estrutura urbana, já que viviam em áreas insalubres, em péssimas condições de higiene e saúde. Para estes, a utilização do tempo livre para o turismo passava a representar uma forma de compensação às estafantes jornadas diárias de trabalho e às difíceis condições de vida, conforme você irá estudar na Aula 6.

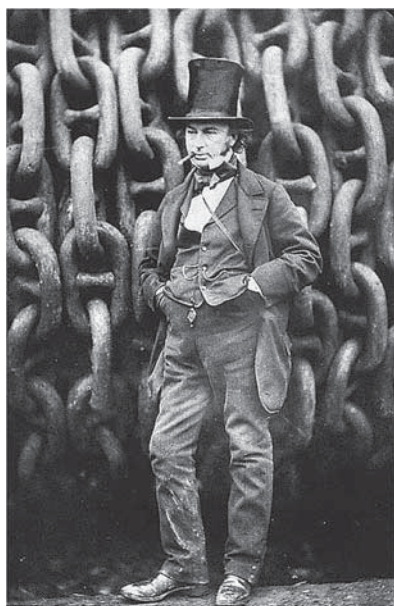


## Atividades

---

### Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Faça uma relação entre a fotografia em destaque e a Revolução Industrial.



**Figura 5.4:** O engenheiro britânico Isambard Brunel a bordo do *Great Western*. Fotografia tirada em 1850.

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Isambard\\_Kingdom\\_Brunel](http://en.wikipedia.org/wiki/Isambard_Kingdom_Brunel)

2. Avalie os impactos ambientais provocados a partir da Revolução Industrial, relacionando-os ao turismo.

---

### Comentários

1. A interpretação de imagens é sempre subjetiva. Cada um lança sobre elas um olhar diferenciado. Portanto, você tem diversos aspectos a explorar na imagem selecionada. Um deles é a própria fotografia. Uma invenção possível graças às inovações técnico-científicas realizadas durante a Revolução Industrial. Também podem ser considerados os aspectos sociais, expressos na postura e nas vestimentas do engenheiro, revelando sua posição na sociedade; as correntes revelam o uso abundante do ferro como matéria-prima para a produção dos navios, que se tornavam mais resistentes, entre outras características a serem consideradas.

2. O objetivo desta questão é refletir criticamente sobre mais um dos problemas trazidos pela Revolução Industrial: os danos ao meio ambiente, relacionando-o com o turismo. Já tivemos a oportunidade de discutir, na Aula 5, os impactos sociais da Revolução, causados principalmente pela grande exploração do trabalhador. Aqui propomos que você reflita sobre o uso indiscriminado de matérias-primas para a produção de bens, especialmente da madeira e do ferro, procurando compreender que, a partir desse momento, os problemas ambientais se intensificaram com o consumo desmedido dos recursos naturais e com a falta de uma preocupação ambiental, que só passou a ganhar força no final do século XX.

Um dos caminhos possíveis para você fazer a articulação com o turismo pode ser o seguinte: os problemas ambientais derivados do aumento do consumo e da conseqüente produção industrial, sem os devidos cuidados ambientais, trazem sérios danos ao turismo, principalmente quanto à deterioração das paisagens a serem apreciadas, à poluição dos rios, à extinção de espécies animais e vegetais e à perda da qualidade de vida das populações dos espaços urbanos e rurais.



### O Expresso do Oriente



Figura 5.5: Cartaz do Expresso do Oriente.  
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Orient\\_express](http://pt.wikipedia.org/wiki/Orient_express)

Da segunda metade do século XIX até a década de 1930, o mundo deslumbrava-se com o glamuroso Orient Express, o trem mais rápido e mais luxuoso do mundo, operado pela companhia francesa Wagon-Lits e conhecido como “O grande hotel sobre rodas”. A rota mais tradicional partia de Paris para Istambul, na Turquia, ligando o Ocidente ao Oriente, via Viena, Budapest, Bucarest e os Bálcãs.



**Figura 5.6:** Passageiros embarcando no Orient Express.

Fonte: <http://www.ameinfo.com/images/news/7/18627-orient.jpg>

A Revolução Industrial proporcionou o surgimento de novas classes sociais: a burguesia industrial (classe formada pelos donos das fábricas, detentores dos meios necessários à produção, como máquinas, equipamentos e dinheiro – chamados capital) e o operariado (também chamado proletariado, formado pelos trabalhadores que vendem a sua força de trabalho aos donos das fábricas, em troca de salário).

No Expresso do Oriente, a alta burguesia (industrial e comercial) e também a aristocracia (os ricos proprietários de terra) européias viajavam em seus suntuosos vagões, desfrutando de serviços e mordomias que incluíam vagão-restaurante, que oferecia pratos da alta gastronomia, tendo no cardápio caviar e ostras, e tomavam champanhe. Os homens desfrutavam dos seletos charutos cubanos no vagão de fumo.

O Expresso do Oriente, inaugurado em 1883, mudou sua rota várias vezes, por conta dos conflitos políticos ocorridos nas regiões por onde passava. Durante as duas grandes guerras mundiais, o serviço foi interrompido. Na década de 1960, diversos problemas políticos e econômicos, como a criação da Cortina de Ferro, que dividia a Europa em dois blocos, o capitalista e o socialista, trou-



xeram inúmeras dificuldades para a operação do serviço. Com o agravamento das dificuldades, vários ramais foram sendo desativados, e o mais famoso trem do mundo entrou em decadência. A rota Paris-Istambul foi desativada em 1977. Apesar disso, o Expresso do Oriente não deixou de funcionar, embora especule-se que, em breve, a introdução de novos e mais modernos serviços ferroviários na Europa aposentará definitivamente o mito, que continua atraindo muitos turistas mais de 120 anos depois de sua inauguração. O Expresso do Oriente inspirou vários escritores e roteiristas, dando origem a obras célebres, como os livros *O Expresso do Oriente*, de Graham Greene e *Assassinato no Expresso Oriente*, de Agatha Christie. O romance policial, escrito em 1934 pela escritora inglesa, inspirou o filme com o mesmo título em 1974, dirigido por Sidney Lumet.



Figura 5.7: Capa do filme em DVD *Assassinato no Expresso Oriente*, versão de 1975.

Fonte: [http://www.submarino.com.br/dvds\\_productdetails.asp?Query=MixProductPage&ProdTypeId=6&ProdId=236146&ST=CW236145](http://www.submarino.com.br/dvds_productdetails.asp?Query=MixProductPage&ProdTypeId=6&ProdId=236146&ST=CW236145)



## A Revolução Industrial chega ao Brasil: o caso de um bem-sucedido “sistema integrado” de transportes a vapor

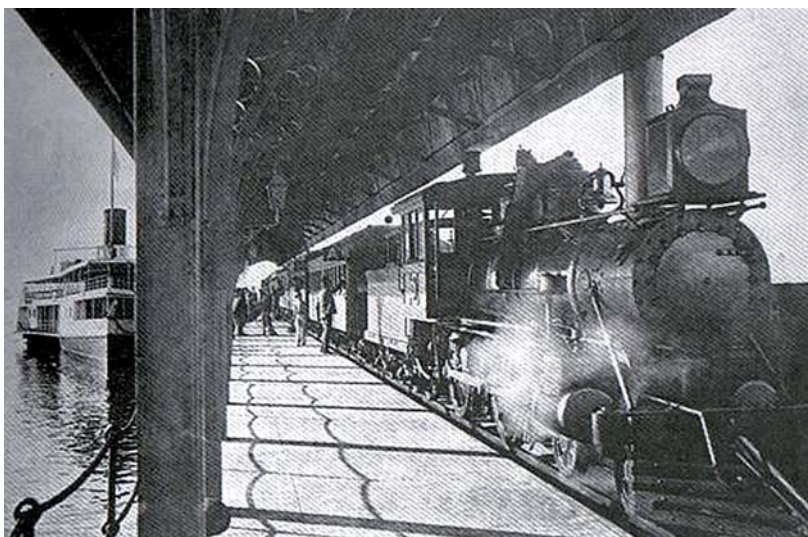


Foto: EFBrasil

**Figura 5.8:** Embarcadouro do porto de Mauá. Vê-se o barco, à esquerda, e a locomotiva da Leopoldina à direita.

Fonte: [http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl\\_rj\\_petropolis/guia.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_petropolis/guia.htm)



**Figura 5.9:** Embarcadouro do porto de Mauá: integração entre transporte marítimo e transporte ferroviário.

Fonte: <http://www.anpf.com.br/histnostrilhos/imagenshnt/16portomaua.jpg>

Em 1808, D. João VI abriu os portos às nações amigas, favorecendo enormemente a Inglaterra, que passou a gozar de muitos privilégios, vendendo os seus produtos industrializados ao Brasil com amplas vantagens. Com os tratados de Aliança e Amizade, de Comércio e Navegação, assinados em 1810 e renovados em 1827, os ingleses foram extremamente beneficiados. Pagavam impostos mais baixos à Coroa portuguesa (15% sobre

os produtos importados, enquanto os portugueses pagavam 16% e os demais países, 24%). Além disso, vários produtos sem nenhuma utilidade para os brasileiros foram trazidos ao Brasil, como patins de gelo, casacos de pele e outros bens que não combinavam com os trópicos. Lembre-se de que o Brasil, como colônia de Portugal, estava proibido de produzir as suas próprias manufaturas. A dependência brasileira e também portuguesa do capital inglês era crescente, ajudando a Inglaterra a ser a nação mais poderosa do mundo entre o século XVIII e a primeira metade do século XX.

Mais tarde, já no Império, no governo de D. Pedro II (que se estendeu de 1840 a 1889), dois fatores principais motivaram o início da produção industrial brasileira: a proibição do tráfico negreiro no Brasil, em 1850, que liberou os capitais investidos nessa atividade para outros setores da economia, e a Tarifa Alves Branco (1844), que aumentou a taxaço sobre os produtos industrializados.

O marco inicial da industrialização no Brasil ocorreu com a modernização dos transportes, em 1854, a partir da inauguração da primeira estrada de ferro do país. O Brasil, assim, fazia a sua inserção na ordem capitalista internacional, mas de forma periférica, pois sua produção industrial era destinada ao mercado interno, não oferecendo concorrência aos produtos ingleses e conservando a dependência brasileira do capital estrangeiro.

A Imperial Companhia de Navegação a Vapor – Estrada de Ferro de Petrópolis, mais conhecida como Estrada de Ferro Mauá, ligava a localidade de Mauá, em Magé (RJ), na Baía de Guanabara, à Raiz da Serra, nas proximidades de Petrópolis. A E.F. Mauá, obra de Irineu Evangelista de Souza que, na ocasião da inauguração da ferrovia, a 30 de abril de 1854, recebeu o título de barão de Mauá, tinha 14 km de extensão e foi operada por uma locomotiva inglesa que recebeu o nome de *Baroneza*, em homenagem à Sra. Maria Joaquina, esposa do barão.



**Figura 5.10:** A Guanabara, tendo ao fundo o traçado da primeira estrada de ferro do país.

Fonte: [http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl\\_rj\\_petropolis/mapas/guia.jpg](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_petropolis/mapas/guia.jpg)

A barca a vapor *Guarany* saía da Prainha, atual Praça Mauá, na cidade do Rio de Janeiro. Havia uma conexão imediata para Raiz da Serra, com a Baroneza, conforme nos indicam as fotos; de lá, a partir de 1883, o trem da nova Estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará conduzia os viajantes para Petrópolis, incluindo o Imperador D. Pedro II e sua família. A economia brasileira modernizava-se, e a ferrovia, além do transporte de passageiros, teria o importante papel de escoar a produção agrícola, especialmente o café cultivado no Vale do Paraíba, e interligar o país.

A partir de Petrópolis, podia-se chegar ao interior do país, em diligência ou carruagem, configurando o que o pesquisador Eugênio Sciammarella chamou “o primeiro transporte intermodal do país”

Em 1855, foram inauguradas as ferrovias Recife–São Francisco (para escoar a produção açucareira) e a D. Pedro II, ligando o Rio de Janeiro, capital do Império, a São Paulo. Esta, com o regime republicano, passou a ser chamada Estrada de Ferro Central do Brasil.

Mauá era um empreendedor, considerado o primeiro grande empresário brasileiro, proprietário de diversas empresas, como os bancos Mauá, MacGregor & Cia., a Casa Mauá & Cia., a Companhia de Gás do Rio de Janeiro, a E.F. Mauá e a Fundição e Estaleiro Ponta da Areia, produzindo navios a vapor. Associou-se ao governo na abertura de estradas de ferro e rodovias, no estreitamento das comunicações entre o Brasil e a Europa, via cabo submarino, entre outros empreendimentos. Ora era recebido com honras pelo Imperador, ora era hostilizado. Mauá não obteve o necessário apoio governamental. O Brasil mantinha a sua estrutura agrária e exportadora, com o uso da mão-de-obra escrava que, em muitos casos, era incompatível com os interesses modernizadores de Mauá. O empresário foi à falência, em 1878, sem condições de competir com os produtos e serviços ingleses e americanos que chegavam ao Brasil, beneficiados pela redução das taxas dos produtos e serviços importados. Sua história é contada no filme *Mauá, o imperador e o rei* (1999).



**Figura 5.11:** Cartaz do filme *Mauá, o imperador e o rei*.

Leia a resenha do filme no *site* <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=164>

A E.F. Mauá foi desativada em 1964. Hoje, o marco inicial da industrialização no Brasil, considerada um bem cultural, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), encontra-se abandonada, com ocupações irregulares e deterioração da antiga estação de Guia de Pacobaíba (a primeira do Brasil) e do que sobrou do Porto Mauá. Mesmo em péssimas condições, o lugar, de grande importância histórica, atrai a presença de visitantes e turistas de procedências diversas.



**Figura 5.12:** Ruínas da estrutura do embarcadouro do porto de Mauá, observadas por turistas.

Fonte: [http://www.ipahb.com.br/turismo\\_mage.php#maua](http://www.ipahb.com.br/turismo_mage.php#maua)





**Figura 5.13:** A locomotiva *Baroneza* é a principal atração do Museu do Trem, vizinho ao Estádio Olímpico João Havelange, no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

Fonte: [www.rffsa.gov.br/imagem/Baroneza.jpg](http://www.rffsa.gov.br/imagem/Baroneza.jpg)

**Jornal do Commercio**

**6 de Setembro de 1853**

Hontem experimentou-se a corrida de uma locomotiva a vapor pelas trilhas de ferro de uma porção concluída da estrada de Mauá á raiz da serra da Estrella. O nosso correspondente da Semana dirigio-nos á noite as seguintes linhas a semelhante respeito:

Enquanto o mundo político se agitara esta manhã e a espada de Damocles, deixando de oscilar por um momento, cahia sobre o ministério, íamos eu e mais alguns curiosos, entre os quaes se notavão os ministros da Inglaterra e da Áustria, arriscando-nos a uma esperiencia no primeiro carro de vapor que trilhava o primeiro caminho de ferro do Brazil.

Atravessamos a Bahia em um barco também movido pelo agente de Fulton, e dahi a duas horas (o barco era de pequena carreira) chegamos a Mauá. Não estando ainda mais do que principiada a ponte de desembarque, subimos guindados pelos esteios e deslisámo-nos por uma sucessão de taboas delgadas e pouco seguras até a praia, com o risco apenas de tomarmos um banho de lodo.

Logo a alguns passos vimos uma singela e airosa locomotiva com a certidão do anno de seu nascimento e do nome do seu digno pai nas rodas do centro. As letras de metal amarello portavam por fé o seguinte:

WM. FAIRBAIRN AND SONS

1852

Manchester

(Disponível em [http://www.anpf.com.br/histnostrilhos/historianostrilhos20\\_abril2004.htm#1](http://www.anpf.com.br/histnostrilhos/historianostrilhos20_abril2004.htm#1).

Grafia original da época. Acesso em 15/1/2008)



## Atividades

### Atende ao Objetivo 4

3. O transporte ferroviário exerceu grande importância no desenvolvimento econômico do Brasil. Quais as principais finalidades das primeiras ferrovias brasileiras, construídas na segunda metade do século XIX? Na sua opinião, o transporte ferroviário brasileiro continua sendo devidamente valorizado? Justifique a sua resposta, dando um exemplo.

4. Em 2005, a Companhia Brasileira de Trens Urbanos, CBTU, realizou o primeiro concurso de monografias, com o tema: “A cidade nos trilhos.” Conheça um dos projetos vencedores, intitulado *Estrada de Ferro Mauá – o trem do desenvolvimento urbano de Magé*, de autoria de Isabel Cristina dos Reis Lima e Silva e Raul Cahet Lisboa, disponível no site <http://www.cbtu.gov.br/monografia/2005/publicacao/monografia04.pdf> e apresente as propostas dos autores para a revitalização da E.F. Mauá e seu uso turístico (p. 38-39).

### Comentários

3. A finalidade da questão é relacionar o desenvolvimento econômico do Brasil, na segunda metade do século XIX, durante o governo de D. Pedro II, com a implantação das primeiras ferrovias brasileiras, que tinham como propósito o transporte da produção agrária, principalmente o café e a cana-de-açúcar na região do Vale do Paraíba (que compreende parte dos estados do Rio de Janeiro e de

*São Paulo), dos centros produtores para os principais portos. O trem também começou a ser utilizado para o transporte de passageiros e representou um elemento fundamental na ligação das principais cidades com o interior do país.*

*A segunda parte da questão propõe uma comparação entre o importante papel desempenhado pela ferrovia no passado e o seu atual uso, cabendo a você avaliar se o transporte ferroviário hoje tem a mesma influência na economia e na sociedade brasileiras, utilizando, para isso, um exemplo de ferrovia que funcione em plenas condições (em caso positivo) ou que esteja em mau estado ou funcione abaixo de sua capacidade (em caso de considerar que os trens hoje não têm mais a mesma importância no país).*

*4. O objetivo desta questão é apresentar um dos vários projetos existentes de revitalização da primeira estrada de ferro do Brasil, o qual prevê o uso turístico da E. F. Mauá, com destino a Petrópolis, num trajeto percorrendo o corredor ecológico, onde se conhece o patrimônio histórico e cultural por onde passa a linha férrea. Assim, espera-se que você tenha a dimensão da importância histórica dessa ferrovia e da possibilidade de sua recuperação, onde o turismo se apresenta como uma alternativa econômica e cultural viável para a valorização desse patrimônio dos brasileiros e da região do estado do Rio de Janeiro por onde a ferrovia se estende. O mesmo raciocínio pode ser projetado para se pensar em alternativas viáveis para a recuperação de outras ferrovias que estejam abandonadas no país.*



## Atividade Final

Enumere três benefícios trazidos pela Revolução Industrial que foram decisivos para o desenvolvimento da atividade turística no mundo.

---

### Comentário

*O objetivo desta questão é levá-lo a elaborar uma síntese dos conteúdos abordados nesta aula, estabelecendo uma relação direta entre as transformações provocadas pela Revolução Industrial e a consolidação do turismo na Europa, conhecendo o contexto histórico em que a atividade turística começa a ganhar consistência. Dentre as inúmeras possibilidades de associação entre a Revolução Industrial e o turismo, você poderá considerar:*

*1. O desenvolvimento dos transportes, inicialmente movidos a vapor e, mais tarde, à energia elétrica, facilitando os deslocamentos e encurtando as distâncias;*



2. O desenvolvimento dos meios de comunicação, que ajudaram a divulgar os “destinos” turísticos na época e agilizaram os contatos entre as regiões e os países, abrindo novos mercados consumidores;
3. O aumento do consumo das massas, possibilitando que mais pessoas pudessem viajar.

## **Resumo**

O turismo propriamente dito depende de um conjunto de equipamentos e serviços e de uma infra-estrutura adequada para se realizar. Portanto, consideramos inadequado falarmos em turismo, tal como entendemos hoje, em períodos anteriores à Revolução Industrial, quando as suas bases começam a se estruturar.

Fazem parte desse processo de estruturação do turismo: o desenvolvimento dos transportes (que, na primeira fase da Revolução Industrial, eram movidos a vapor – barcos e locomotivas – e, na segunda fase, elétricos ou pela queima de petróleo); das comunicações (com especial destaque para o telégrafo, a fotografia, o telefone, o rádio, o cinema e a imprensa escrita); as melhorias na infra-estrutura urbana e na qualidade de vida das populações das cidades industriais (proporcionadas pelo aumento da circulação de capitais e do desenvolvimento técnico-científico); o surgimento de novas classes sociais (a burguesia industrial e o proletariado), que também passam a ter acesso às viagens turísticas, entre outros fatores.

A industrialização, com seus problemas (como a exploração da mão-de-obra e os danos ambientais) e seus benefícios, no Brasil, manifestou-se com mais expressão a partir das iniciativas do barão de Mauá, considerado o primeiro grande empresário brasileiro. Mauá construiu várias indústrias, fundou bancos e investiu no setor de transportes e comunicações. Dentre os seus empreendimentos, destaca-se a primeira estrada de ferro do Brasil, que leva o seu nome, de extrema importância histórica e cultural para o país, mas que hoje encontra-se em estado de abandono, ainda que haja inúmeros projetos de revitalização desse patrimônio através do turismo.

## **Informações sobre a próxima aula**

Na Aula 6, faremos uma análise do contexto social, político e cultural do Ocidente nos séculos XVIII e XIX e da influência nas sociedades contemporâneas: o Iluminismo, a Independência das Treze Colônias inglesas, a Revolução Francesa, a conquista dos direitos civis e as primeiras iniciativas de construção de uma democracia.

# 6

## Um mundo em transição

### Meta da aula

Apresentar o contexto sociopolítico e cultural do mundo ocidental nos séculos XVIII e XIX, relacionando-o ao desenvolvimento da atividade turística.

### Objetivos

Ao final da aula, você deverá ser capaz de:

- 1** avaliar a importância, para as sociedades atuais, das principais transformações e movimentos políticos, sociais e culturais ocorridos na Europa e na América nos séculos XVIII e XIX;
- 2** analisar os costumes e o cotidiano da sociedade francesa na época da Revolução na França;
- 3** distinguir a importância da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, redigida durante a Revolução Francesa no século XVIII, estabelecendo um paralelo entre o seu conteúdo e nossa sociedade atual.

### Pré-requisitos

Aulas 4 e 5.

## A era das revoluções

É assim que o conceituado historiador inglês Eric Hobsbawn denomina o período que se estende de 1789 a 1848 no mundo ocidental. Trata-se de um período repleto de revoluções de origem burguesa que influenciaram decisivamente os rumos da Europa e das Américas a partir de então. O estudo das principais transformações ocorridas no período é fundamental para que você possa compreender melhor as características de uma época que provocou grande influência sobre as sociedades atuais, inclusive no que diz respeito à atividade turística, que começava a se estruturar.

Portanto, estudaremos como tais revoluções foram determinantes na formação do pensamento ocidental, destacando a relação entre o movimento iluminista, a independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa, os movimentos de independência nas Américas portuguesa e espanhola e o Romantismo, uma corrente estético-filosófica de grande importância no período. Tudo isso permeado por um contexto de consolidação do capitalismo e pelo avanço da Revolução Industrial, que você já estudou nas aulas passadas. Para melhor organização didática, optamos por trabalhar o assunto em duas aulas (Aulas 6 e 7).

Muitos dos temas abordados já são conhecidos por você. A nossa intenção é que você perceba que todos esses movimentos, no seu conjunto, alteraram significativamente os rumos das sociedades ocidentais e produzem reflexos até a atualidade. Chamamos a sua atenção para a palavra *conjunto*, para que você nunca perca de vista que estamos buscando analisar um momento decisivo para a formação das nações modernas na Europa e na América. Portanto, valorize a compreensão de toda a conjuntura do período e não se apegue demasiadamente às informações particulares de cada movimento aqui apresentado.

Um outro detalhe importante é que esta aula traz muitas referências às artes plásticas, especialmente à pintura e à sétima arte, o cinema. Ambos são importantes recursos para os nossos estudos. Aproveitamos para brindar os cinéfilos com algumas

indicações de filmes que tratam dos temas históricos que serão aqui discutidos.

Bons estudos!

## As grandes transformações

### O Iluminismo

O conjunto das transformações intelectuais que se iniciaram na Inglaterra e se desenvolveram na Europa Ocidental, especialmente na França, durante o século XVIII, recebeu o nome de Iluminismo.

O movimento iluminista, também conhecido em Portugal como Ilustração, foi uma reação ao Antigo Regime (o Absolutismo), criticado por manter as velhas estruturas feudais, em particular a influência da Igreja e os privilégios que impediam o indivíduo de ter acesso ao trabalho e à propriedade.

O nome Iluminismo teve sua origem na crença de que a Europa vivia um longo período de trevas, resultado do controle que a Igreja exercia sobre a cultura e a sociedade. Na visão dos pensadores iluministas, só a razão poderia libertar a História da Humanidade das trevas e colocá-la no caminho da luz. Nessa linha de raciocínio, o ser humano, ao deixar de usar o pensamento racional, permitia que o misticismo e as superstições o controlassem e o levassem à ignorância.

Os iluministas travavam uma batalha permanente contra a ignorância. Defendiam a educação do povo, a criação de escolas para todos e a liberdade religiosa. Os ilustrados tinham uma visão bastante otimista da capacidade humana de criar um mundo melhor (acreditavam firmemente na idéia de progresso), de realizar inventos e de controlar a Natureza por meio da Ciência.

Divulgar o conhecimento era a principal atividade dos iluministas. Essa preocupação os levou a realizar a *Enciclopédia*, uma grande obra de 28 volumes, impressa entre 1751 e 1780,

que continha um resumo de todo o conhecimento existente até então. Por isso, os iluministas também ficaram conhecidos como enciclopedistas.

O Iluminismo recebeu grande influência do Liberalismo, movimento intelectual que defendia a liberdade de pensamento, os direitos individuais e o primado da Lei, criticando a monarquia absoluta, as práticas intervencionistas do Estado na economia (mercantilismo) e o autoritarismo religioso.

Liberalismo e desenvolvimento científico foram, portanto, duas importantes dimensões do pensamento iluminista.

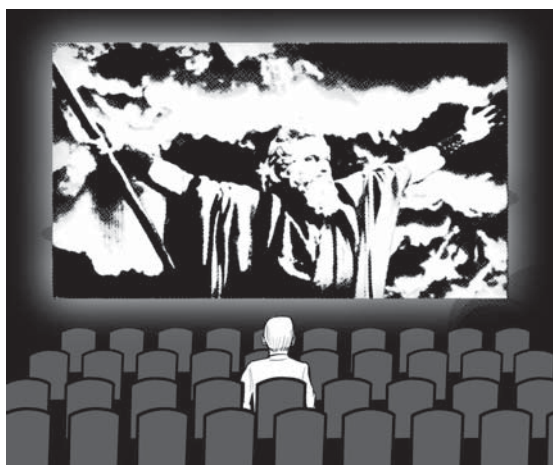
Dentre os mais importantes pensadores iluministas franceses, destacaram-se: Diderot, D'Alembert, Rousseau, Montesquieu, Voltaire. Não podemos deixar de citar, também, o filósofo inglês John Locke. Seguindo-os, vieram os economistas ingleses Adam Smith e David Ricardo, que elaboraram as teorias básicas do desenvolvimento econômico capitalista.

Principais pensadores iluministas		
Autor	Obra principal	Conteúdo
François-Marie Voltaire (1694-1778), filósofo.	<i>Cartas inglesas</i>	Ataque ao absolutismo e à intolerância religiosa e defesa da liberdade de expressão.
Denis Diderot (1713-1784), filósofo. Jean D'Alembert (1717-1783), matemático.	<i>Enciclopédia</i>	Dicionário ilustrado de todo o conhecimento ocidental da época.
Barão de Montesquieu (1689-1755), filósofo.	<i>O espírito das leis</i>	Crítica ao poder absolutista dos reis e defesa dos três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)	Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens	Crítica ao poder absolutista e defesa da soberania popular. Os governantes deviam estar submetidos à vontade do povo.
Adam Smith (1723-1790)	Investigação sobre a Natureza e as causas da riqueza das nações	Crítica ao mercantilismo e defesa do liberalismo econômico. Era contrário à intervenção do Estado na economia.
John Locke (1632-1704)	Ensaio sobre o entendimento humano	Entende o governo como o contrato entre os governantes e os governados; defende a autonomia entre os poderes de Estado; o respeito ao direito natural do homem à vida, à liberdade e à propriedade.



## Cinemanía



## Cinema e História

Todo filme, considerado histórico ou não, deve ser, antes de tudo, encarado como uma obra de arte e, portanto, uma atividade criativa. Não espere que os filmes realizem uma reconstituição perfeita de

determinada época ou tenham a pretensão de transmitir a “verdade” sobre um determinado tema. Até porque, como vimos na nossa primeira aula, existem muitas versões sobre um mesmo fato histórico.

Uma outra questão relevante para a discussão da relação Cinema e História é a mensagem implícita na obra de arte. Muitas vezes, os filmes fazem referência a um tempo histórico passado, mas abordam preocupações, valores estéticos e morais e ideologias da época em que foram produzidos. Ou seja, são um documento histórico não da época que procuram retratar, mas da época em que foram produzidos, pois estão repletos de interferências do tempo presente. Portanto, não se prenda tanto à “moral da história” nem tente ser um rígido inquisidor à procura de “pecados” cometidos pela produção cinematográfica.

Quando você for assistir a um filme considerado histórico ou “de época” (no jargão artístico), encare-o como uma obra de arte, produzida no tempo atual, que traz uma interpretação contemporânea de um determinado passado histórico.

Dentre os filmes com temática histórica que abordam o movimento iluminista, recomendamos:



- *Amadeus* (Estados Unidos, 1984). Direção: Milos Forman. Adaptação da peça teatral de Peter Shaffer. História do compositor Wolfgang Amadeus Mozart e suas desavenças com o músico Antonio Salieri na corte de José II, da Áustria.



- *O pacto dos lobos (Le Pacte des Loups, França, 2001)*. Direção: Christophe Gans. Ficção baseada num conto do século XVIII. A história se passa na corte do rei Luís XV, em 1764. Uma fera seria responsável por muitos assassinatos. Para combatê-la, é chamado um naturalista francês que esteve em combate contra os ingleses na América. Pegue a sua pipoca... e boa diversão!

## A independência das Treze Colônias inglesas

Os princípios iluministas chegaram às Américas e inspiraram diversos movimentos emancipatórios, como a independência das Treze Colônias, que teve o seu desfecho em 1776. Com a libertação do domínio inglês, as antigas colônias passaram a se chamar Estados Unidos da América. A independência dos Estados Unidos, por sua vez, influenciou a Revolução Francesa e a independência das colônias latino-americanas, como veremos mais adiante.

O processo de independência das Treze Colônias está relacionado às práticas mercantilistas da metrópole inglesa, que criou diversas leis que aumentavam os impostos coloniais e a repressão contra o comércio das colônias com outras nações. Os colonos iniciaram diversos protestos, todos reprimidos violentamente pela metrópole.

Em 1774, foi organizado o Primeiro Congresso Continental da Filadélfia, na Pensilvânia, onde foi votada e aprovada a Declaração dos Direitos dos Colonos, fazendo uma série de reivindicações à Inglaterra, entre elas, a igualdade de tratamento em relação aos ingleses que viviam em seu país de origem. A Coroa reagiu, reprimindo os manifestantes. Estes resistiram e intensificaram a luta pela independência. No ano seguinte, foi organizado o Segundo Congresso da Filadélfia, no qual os colonos decidiram pela independência em relação à Inglaterra. Coube a

Thomas Jefferson, filósofo, jurista e grande incentivador do ideal iluminista na América, a incumbência de redigir a Declaração de Independência dos Estados Unidos. Dentre os filósofos iluministas, aquele que mais inspirou o movimento norte-americano foi John Locke, considerado um dos fundadores do liberalismo.

**Preâmbulo da Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (4/7/1776)**

Cremos como verdades evidentes por si próprias que todos os homens nasceram iguais, que receberam de seu Criador alguns direitos inalienáveis; que entre esses direitos estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade; que é para assegurar esses direitos que os Governos foram instituídos entre os homens e seu justo poder advém somente do consentimento dos governados; todas as vezes que uma forma de Governo torna-se destruidora desses fins, o povo está no direito de modificá-la ou aboli-la e instituir um novo Governo, estabelecendo seus fundamentos nos princípios, e organizando seus poderes nas formas que lhe parecerão as mais próprias para realizar sua segurança e felicidade... E, para sustentar esta Declaração, com uma firme confiança na proteção da Divina Providência, nós empenhamos mutuamente as nossas vidas, os nossos bens e a nossa honra sagrada.

Em 1787, foi aprovada a Constituição dos Estados Unidos, notoriamente baseada nos princípios iluministas. Implantava-se uma república federalista (onde os estados eram independentes e estavam subordinados ao governo federal), com regime de governo presidencialista, dividido em três poderes; sufrágio universal (porém o voto, na prática, era censitário, isto é, seriam considerados aptos a votar aqueles que possuísem a renda estipulada para tal fim, excluindo grande parte da sociedade); a escravidão foi mantida; as terras indígenas continuaram sendo invadidas e os índios perseguidos e massacrados; as mulheres também eram impedidas de votar.

A nação seria idealizada, portanto, para os homens brancos anglo-saxões protestantes. Ainda assim, seu exemplo inspiraria os países latino-americanos a lutar pela independência. Era a liberdade como se concebia na época.



## Cinemanía



**Figura 6.1:** *Revolução*: interpretação inesquecível de Al Pacino.

- *Revolução* (Estados Unidos, 1985). Direção: Hugh Hudson. Durante a guerra de independência dos Estados Unidos, um aventureiro, vivido por Al Pacino, e seu filho são obrigados a participar da luta.



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1.a. Retorne ao texto e identifique, no fragmento extraído da Declaração de Independência dos Estados Unidos e nas informações referentes à Constituição americana, dois princípios iluministas.

1.b. Leia o texto seguinte e responda às questões:

Cidadania não é uma definição estanque, mas um conceito histórico, o que significa que seu sentido varia no tempo e no espaço. É muito diferente ser cidadão na Alemanha, nos Estados Unidos ou no Brasil (para não falar dos países em que a palavra é tabu), não apenas pelas regras que definem quem é ou não titular da cidadania (por direito territorial ou de sangue), mas também pelos direitos e deveres distintos que caracterizam o cidadão em cada um dos Estados-nacionais contemporâneos. Mesmo dentro de cada Estado-nacional, o conceito e a prática da cidadania vêm se alterando ao longo dos últimos duzentos ou trezentos anos (...). (PINSKY, 2003).

b.1. Quais as principais diferenças entre o que é ser cidadão à época da independência dos Estados Unidos (séculos XVIII) e o conceito de cidadania atual?

b.2. Na sua opinião, a prática da cidadania corresponde hoje ao que diz o seu conceito? Justifique a sua resposta.

### Comentários

1.a. Nesta questão, você deverá reler as informações referentes ao Iluminismo e à independência dos Estados Unidos e destacar aqueles princípios que, na sua opinião, melhor representem a influência do movimento da Ilustração no processo de independência das Treze Colônias americanas. Sugerimos, entre outros, o direito às liberdades individuais e a garantia de três poderes autônomos, inspirados nos escritos de John Locke.

b.1. Espera-se que você reconheça a grande diferença entre o conceito de cidadania do século XVIII e o utilizado na atualidade, comparando as diferenças históricas na garantia dos direitos aos cidadãos. Uma pista para a resposta desta questão é você se perguntar: quem

*era considerado cidadão nos Estados Unidos pós-independência e quem é considerado cidadão hoje? Outra questão que estimula o seu raciocínio para esta resposta é: a quem se estendiam/estendem os direitos básicos do indivíduo e da coletividade nesses dois períodos distintos?*

*b.2. Existem diversas formas de responder a essa questão. Buscamos que você analise criticamente a relação entre o conceito de cidadania e a sua prática, seja no Brasil, seja em outras partes do mundo atual. Você pode recorrer, por exemplo, à Constituição Brasileira, logo em suas páginas iniciais (Título II, Dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo 1, disponível na internet) e destacar alguns dos direitos dos cidadãos, garantidos pela Carta Magna em nosso país, e compará-los à realidade brasileira, avaliando se existe uma correspondência entre a teoria e a prática. Ou seja, se, efetivamente, os direitos de cidadania são cumpridos no Brasil. Você também pode exemplificar com casos cotidianos que são manchetes na mídia, em que se confirma ou não o respeito aos direitos básicos dos cidadãos.*

## **A Revolução Francesa**

A Revolução Francesa é, seguramente, um daqueles temas que mais influência exerceram sobre o pensamento ocidental, permitindo acalorados debates. Ora são destacados os seus princípios liberais, chamando a atenção para seus aspectos de luta pela liberdade, pela igualdade e pela fraternidade, que compõem o lema clássico do movimento revolucionário, ora é ressaltado o caráter “socializante” da Revolução, em que se vê, pela primeira vez na História, a participação das camadas populares no poder, ora se faz uma defesa nostálgica do Antigo Regime, quando o Absolutismo monárquico vigorava, resguardando os privilégios das elites.

Não é nosso interesse aqui narrar em minúcias os acontecimentos da Revolução Francesa. Para um detalhamento mais preciso das diferentes etapas do movimento, recomendamos uma bibliografia específica ao final desta aula. Faremos um breve resumo da Revolução, procurando destacar os seus aspectos principais, alguns dos quais se encontram ainda hoje presentes em nossa cultura política. Toda vez que você ouvir falar em igualdade e liberdade, por exemplo, esteja certo de que há uma referência, ainda que implícita, aos acontecimentos iniciados em 14 de julho de 1789.

## A França antes da Revolução

Na primeira metade do século XVIII, a economia francesa conheceu certa prosperidade. A agricultura ganhou grande desenvolvimento e as indústrias manufatureiras cresciam no mesmo ritmo. Contudo, a maioria da população não se beneficiava deste progresso. No final do século XVIII, a França atravessava uma grave crise. A população crescia desordenadamente e a fome e a falta de emprego assolavam o país. Paralelamente, a estrutura arcaica do Antigo Regime, caracterizado pelo **Absolutismo**, era mantida, mostrando-se incompatível com os novos tempos.

### Absolutismo

Forma de organização do poder que vigorou no Ocidente europeu durante a Idade Moderna cujas características básicas eram: centralização política e concentração de todos os poderes nas mãos dos soberanos; legitimação do poder do monarca através do princípio jurídico do direito divino (o monarca era considerado o representante de Deus na Terra); concessão de privilégios às camadas sociais mais abastadas (clero e nobreza); submissão da Igreja (católica) aos interesses do Estado.

A França estava organizada politicamente em três ordens ou estados: clero, nobreza e povo. O clero e a nobreza eram formados por um pequeno número de religiosos e proprietários de terra, respectivamente, que gozavam de inúmeros privilégios, entre eles a isenção no pagamento de impostos, o recebimento de pensões do Estado e de direitos feudais ainda vigentes. O terceiro estado agregava o restante da população: industriais manufatureiros, comerciantes, artesãos, operários assalariados, camponeses livres e servos. Estes últimos estavam submetidos a impostos pagos ao seu senhor e ao Estado.

A economia francesa continuava organizada nos moldes mercantilistas: elevada arrecadação tributária, monopólio estatal na produção de determinados artigos, como os produtos de luxo, concessões dadas a alguns comerciantes, impedimento da liberdade de comércio e do desenvolvimento das forças privadas. Além disso, as corporações de ofício que tinham uma produção limitada não conseguiam atender às necessidades da indústria. O sistema de corporações, vigente desde a Idade Média, era mantido por ser uma importante fonte de arrecadação de impostos para o governo.

A estrutura socioeconômica francesa revelava-se, assim, bastante arcaica para uma época de intensas transformações (como a Revolução Industrial em curso na Inglaterra, por exemplo), pois não permitia que os capitais circulassem mais livre-

mente, entravando a produção. Além disso, a administração das finanças foi desastrosa no governo de Luís XV: os gastos aumentaram com guerras, que, de forma geral, representaram a perda de várias colônias e, portanto, de fontes de matérias-primas e mercados consumidores; a situação se agravou numa economia extremamente dependente da agricultura, com a superprodução de alguns gêneros, seguida de péssimas colheitas; os camponeses, sufocados pelo pagamento de impostos à nobreza e ao Estado, passavam fome; na cidade, a falta de matérias-primas paralisou a indústria, gerando desemprego.

## **O processo revolucionário**

### **O Período da Assembléia e a Tomada da Bastilha (1789-1791)**



**Figura 6.2:** Luís XVI: símbolo do Absolutismo na França. Obra de Jean Duplessis, o pintor oficial da corte, 1780.

O Estado francês, que tinha de sustentar a corte faustosa e parasitária, vivia uma catástrofe financeira a ponto de os bancos não lhe emprestarem mais recursos. Para solucionar o problema, o rei Luís XVI, que assumiu o poder em 1774, criou uma série de medidas antipáticas à nobreza e ao clero, como a cobrança de impostos sobre a riqueza de cada indivíduo. Houve resistência da aristocracia, que se recusava a pagar impostos e a perder os seus privilégios. Luís XVI tentou resolver o problema convocando a Assembléia dos Estados Gerais, em maio de 1789, o que não era feito desde 1614. A decisão caberia, portanto, aos representantes dos três estados, sendo que clero e nobreza, juntos, representavam dois votos, contra um do povo, que perderia sempre que apresentasse as suas propostas. O terceiro estado, liderado pela burguesia, reagiu à desproporção dos votos e deu início ao processo revolucionário, instalando a Assembléia Nacional Constituinte, em 9 de julho de 1789. Várias manifestações populares foram realizadas, seguidas de violenta repressão pelas tropas reais.

Um dos momentos mais marcantes da Revolução Francesa foi a Tomada da Bastilha pelo povo, em 14 de julho de 1789. A Bastilha representava um dos mais fortes símbolos do Absolutismo, pois tratava-se de uma antiga prisão para os opositores do Antigo Regime e da Igreja. Reunia uma grande quantidade de armamentos que foram levados pela multidão. Ao mesmo tempo, a Revolução se espalhava por toda a França, atingindo as áreas rurais. Os camponeses queimaram os castelos e perseguiram os nobres, obrigando-os a migrarem.





**Figura 6.3:** A Tomada da Bastilha teve um importante significado simbólico para a Revolução Francesa, pois representou a participação radical do terceiro estado, o “povo”, no processo revolucionário. *A Tomada da Bastilha*, obra de Jean-Pierre Louis Laurent Houel (1735-1813).

Como consequência dos conflitos na cidade e no campo, uma série de medidas foi tomada pela Assembléia Nacional Constituinte, entre elas destacam-se o fim dos direitos feudais e a aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que assegurava o direito à igualdade perante a Lei, liberdade individual, propriedade e resistência contra a opressão. No curso do processo revolucionário, em 1790, foi aprovada a Constituição Civil do Clero, com o confisco dos bens da Igreja e a transformação dos membros do clero em funcionários públicos, num esforço para tentar neutralizar o imenso poder da Igreja na sociedade. O papa não aceitou, e muitos padres tentaram a restauração absolutista. Já em junho de 1791, o rei, que conta com os emigrados, tenta fugir do país para melhor conspirar, sendo preso e posto sob vigilância. Enquanto isso, Prússia e Áustria ameaçam declarar guerra à França, para restaurar o absolutismo. Os monarcas absolutistas de toda a Europa estão preocupados com a possibilidade do fermento revolucionário chegar a seus territórios...

Apesar de tudo, a Constituição Monárquica é aprovada em setembro de 1791. Era um carta tipicamente liberal, garantindo a liberdade de comércio, a propriedade e o voto censitário. A participação popular estaria condicionada à renda.

Em outubro de 1791 era eleita uma Assembléia Legislativa. Aqui, a maioria pertence à alta burguesia (*feuillantes* – monarquistas – e *girondinos* – republicanos), além dos *jacobinos* – pequena burguesia – e dos *cordeleiros* – camadas populares.

Entretanto, a conspiração do rei continuava e o parlamento obriga-o a declarar guerra à Áustria. Paris prepara-se, sob o comando dos líderes jacobinos, para combater a invasão prussiana. Neste clima, os revolucionários atacam clérigos e nobres suspeitos de colaboracionismo, enquanto os prussianos avançam para a capital francesa. Finalmente, a vinte de setembro, os *sans-culotte* (população pobre que usava calças largas) seguem a liderança jacobina e derrotam os prussianos. No dia seguinte, a Assembléia Legislativa é substituída por uma Convenção, eleita por sufrágio universal. Foi proclamada a primeira República. Iniciava-se aí a fase mais radical e mais democrática da Revolução. Por pouco tempo, os excluídos estariam perto do poder.

#### **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**

##### **Preâmbulo**

Os representantes do Povo Francês, constituídos em Assembléia Nacional, considerando que a ignorância, o olvido e o menosprezo aos Direitos do homem são as únicas causas dos males públicos e da corrupção dos governos, resolvem expor uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis, imprescritíveis e sagrados do homem, a fim de que esta declaração, sempre presente a todos os membros do corpo social, permaneça constantemente atenta a seus direitos e deveres; a fim de que os atos do Poder Legislativo e do Poder Executivo possam ser a cada momento comparados com o objetivo de toda instituição política e no intuito de serem por ela respeitados; para que as reclamações dos cidadãos fundamentais, daqui por diante, em princípios simples e incontestáveis, venham a manter sempre a Constituição e o bem-estar de todos.

Em consequência, a Assembléia Nacional reconhece e declara, em presença e sob os auspícios do Ser Supremo, os seguintes direitos do Homem e do Cidadão:

I

O fim da sociedade é a felicidade comum. O governo é instituído para garantir ao homem o gozo destes direitos naturais e imprescritíveis.

II

Estes direitos são a igualdade, a liberdade, a segurança e a propriedade.

III

Todos os homens são iguais por natureza e diante da lei.

IV

A lei é a expressão livre e solene da vontade geral; ela é a mesma para todos, quer proteja, quer castigue; ela só pode ordenar o que é justo e útil à sociedade; ela só pode proibir o que lhe é prejudicial.

(...)

VI

A liberdade é o poder que pertence ao Homem de fazer tudo quanto não prejudica os direitos do próximo: ela tem por princípio a natureza; por regra a justiça; por salvaguarda a lei; seu limite moral está nesta máxima: " Não faça aos outros o que não quisesas que te fizessem."

VII

O direito de manifestar seu pensamento e suas opiniões, quer seja pela voz da imprensa, quer de qualquer outro modo, o direito de se reunir tranqüilamente, o livre exercício dos cultos, não podem ser interditos. A necessidade de enunciar estes direitos supõe ou a presença ou a lembrança recente do despotismo.

(...)

XI

Todo ato exercido contra um homem fora dos casos e sem as formas que a lei determina é arbitrário e tirânico; aquele contra o qual quiserem executá-lo pela violência tem o direito de repelir pela força.

(...)

XVI

O direito de propriedade é aquele que pertence a todo cidadão de gozar e dispor à vontade de seus bens, rendas, fruto de seu trabalho e de sua indústria.

XVII

Nenhum gênero de trabalho, de cultura, de comércio pode ser proibido à indústria dos cidadãos.

(...)

XXI

Os auxílios públicos são uma dívida sagrada. A sociedade deve a subsistência aos cidadãos infelizes, quer seja procurando-lhes trabalho, quer seja assegurando os meios de existência àqueles que são impossibilitados de trabalhar.

XXII

A instrução é a necessidade de todos. A sociedade deve favorecer com todo o seu poder o progresso da inteligência pública e colocar a instrução ao alcance de todos os cidadãos.

(...)

XXV

A Soberania reside no Povo. Ela é una e indivisível, imprescritível e indissociável.

(...)

XXVIII

Um povo tem sempre o direito de rever, de reformar e de mudar a sua constituição: Uma geração não pode sujeitar às suas leis as gerações futuras.

(...)

XXXIII

A resistência à opressão é a consequência dos outros direitos do homem.

(...)

XXXV

Quando o governo viola os direitos do Povo, a revolta é para o Povo e para cada agrupamento do Povo o mais sagrado dos direitos e o mais indispensável dos deveres.

## O Período da Convenção (1792-1795)

Entre 1792 e 1795, o país foi governado por uma convenção, eleita por voto universal, que extinguiu a Monarquia e instituiu a República. *Girondinos, planície e jacobinos* (formado por membros da classe trabalhadora, considerados radicais) eram os grupos políticos que disputavam o poder, sendo que os jacobinos tinham o controle da situação. Várias medidas de agrado popular foram tomadas, entre elas, a abolição da escravidão nas colônias, a extinção dos privilégios de classe e o tabelamento do preço dos produtos.

Em 1793, os jacobinos, sob a liderança de Robespierre, Danton e Marat, executaram na guilhotina o rei Luís XVI, implantando o que ficou conhecido como “Grande Terror”, com o aumento da violência e a execução de vários nobres. Estima-se que entre 35.000 e 40.000 pessoas foram mortas nesse período.

Um ano depois, a política radical dos jacobinos foi perdendo o prestígio e os girondinos passaram ao comando da Revolução, executando Robespierre e seus aliados e pondo fim ao Período da Convenção.

## **O Período do Diretório (1795-1799)**

Nesta nova fase, em 1795, os girondinos assumiram o poder, representados por cinco membros que compunham o Diretório e instauraram um governo burguês na França. As conquistas populares foram suprimidas; foi aprovada uma nova Constituição, garantindo o poder da burguesia e ampliando seus direitos políticos e econômicos, compatíveis com os novos tempos, quando o capitalismo ganhava cada vez mais expressão.

O jovem general francês Napoleão Bonaparte, que conquistou grande prestígio com o sucesso das campanhas militares contra as forças estrangeiras que contrariavam os interesses da França Revolucionária, liderou um golpe contra o Diretório, em 1799 (o Golpe do 18 Brumário), e assumiu o poder com o objetivo de controlar a instabilidade social e implantar um governo burguês. O Diretório, assim, foi substituído pelo Consulado, dando início à chamada Era Napoleônica. Estava terminada a Revolução Francesa.

Você deve ter reparado o sobe-e-desce dos diferentes grupos políticos ao poder na França durante a Revolução. Deve ter notado também que a Revolução Francesa foi um processo composto por sucessivos acontecimentos políticos e sociais de grande mobilização popular, que, sob o comando da burguesia, combatia os privilégios dos nobres.

A Revolução Francesa, em resumo, é considerada um dos fatos históricos mais importantes da história do Ocidente, pois, influenciada pelos valores iluministas, representou a luta popular contra o Absolutismo e contra os privilégios da nobreza parasitária e a conquista de uma série de direitos, expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão. Esta, por sua vez, foi a fonte que inspirou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948.

A Revolução Francesa influenciou ainda diversos outros movimentos, especialmente no continente americano, que resultaram na independência das antigas colônias de Espanha e Portugal, como veremos mais adiante.



### **Cinemanía**



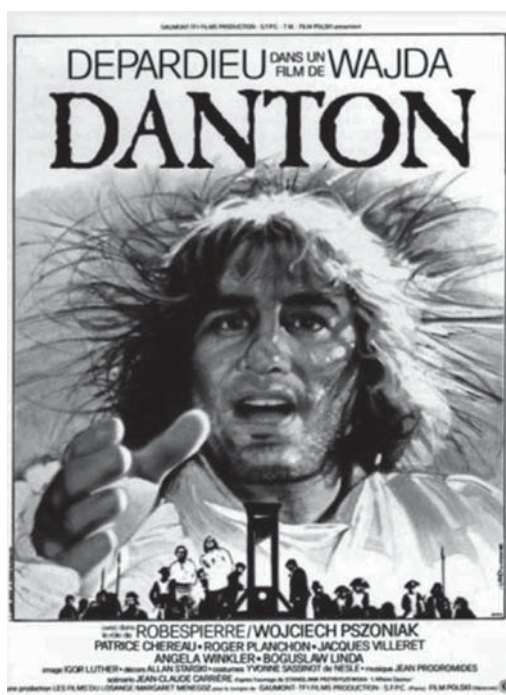


Figura 6.4: O premiado filme *Danton* é um dos marcos do cinema europeu.

- *Danton, o processo da Revolução* (*Danton*, França/Polônia 1982). Direção: Andrzej Wajda. História do líder revolucionário Danton, vivido por Gerard Depardieu, que se opõe à ação radical dos jacobinos durante o “Período do Terror”, encabeçado por Robespierre.



## Atividade

### Atende aos Objetivos 2 e 3

- 2.a. Pesquise na internet o que foi o estilo artístico denominado “Luís XVI” e faça uma relação com o modo de vida da nobreza antes da Revolução Francesa.
- 2.b. Pesquise na internet as diferenças e semelhanças entre a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, redigida durante a Revolução Francesa, em 1793, e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, redigida pela ONU, em 1948.
- 2.c. Retire da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão (1793) dois princípios que você consideraria válidos para a sociedade brasileira atual. Justifique a sua escolha.

---

## Comentários

2.a. *Você perceberá que o estilo Luís XVI surgiu na França absolutista antes mesmo de sua chegada ao poder e se estendeu até o final da Revolução Francesa. Ele está associado à estética de móveis e interiores (repare bem as fotos que lhe serão apresentadas), ao requinte, ao luxo no acabamento. Destaque algumas das características desse estilo e relacione-as à vida palaciana, aos prazeres da corte e aos privilégios da nobreza, confrontando-os com a situação dos demais membros da sociedade francesa.*

2.b. *Propomos que você faça uma comparação entre o documento-síntese da Revolução Francesa e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, redigida sob o trauma da II Guerra Mundial, pela ONU. Sugerimos a pesquisa nas páginas eletrônicas do DHNET, a Rede Direitos Humanos e Cultura, disponíveis nos seguintes endereços: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/dec1793.htm> e [http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/deconu\\_comparato.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/deconu_comparato.htm)*

*Enfatize a relação entre os dois documentos, observando a quem se dirige a concessão de direitos; a ênfase dada a determinados valores materiais, políticos e morais (propriedade privada, liberdade, igualdade, solidariedade, poder soberano do povo, entre outros) e as peculiaridades de cada documento.*

*Aproveite também para espiar os conteúdos do site indicado, pois o mesmo, que já recebeu inúmeros prêmios importantes, simboliza uma nova forma de divulgação, organização e exercício da cidadania em tempos de globalização e de avanço das novas tecnologias através do ciberespaço.*

2.c. *É livre a escolha dos princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão que tenham alguma correspondência com a sociedade brasileira atual. Você deve justificar de forma crítica as suas escolhas, apontando quais os problemas brasileiros atuais e de que forma tais princípios seriam úteis.*



## **Resumo**

O Iluminismo, a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa tiveram influência nas transformações ocorridas no mundo ocidental, a partir de meados do século XVIII. Trata-se de movimentos de extrema importância para entendermos o processo de transição do mundo moderno para as sociedades contemporâneas.

As principais bandeiras defendidas por esses movimentos eram: a liberdade, especialmente no seu viés econômico, com a redução do controle estatal sobre a economia e a garantia do direito à propriedade privada, por exemplo; a crítica à centralização política dos governos; a igualdade política, o que ampliaria os direitos políticos do povo – incluindo-se aí a burguesia e o proletariado – cujo poder seria soberano, entre outros.

Cada um dos movimentos tem as suas especificidades. Vistos em conjunto, nos oferecem um rico painel das principais demandas das camadas sociais emergentes da época. Embora duramente reprimidos, resultaram em mudanças significativas (mesmo que nem todos tenham tido acesso a elas) e deixaram um legado importante para as sociedades atuais, iluminando os caminhos para a construção da democracia em seu sentido pleno, que ainda está por ser conquistada.

## **Informações sobre a próxima aula**

Na Aula 7, continuaremos a estudar os ventos revolucionários: a revolução burguesa na Europa e um pouco do seu legado utilizado, hoje, pelo turismo, e as revoluções na América Latina.



# 7

## Revoluções burguesas na Europa e os ventos revolucionários na América Latina

### Meta da aula

Apresentar um panorama das revoluções liberais do século XIX – a influência das revoluções dos séculos XVIII e XIX para os movimentos e a independência na América Latina.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 Identificar alguns legados culturais franceses, reconhecendo, nas obras de arte pertencentes ao Museu do Louvre, importantes referências iconográficas da atualidade;
- 2 Reconhecer cinema e turismo como tema de reflexão para a teoria do turismo e as políticas públicas no turismo;
- 3 Utilizar uma obra de arte como objeto de reflexão de um contexto histórico;
- 4 Estabelecer relações entre as revoluções sociopolíticas da América Latina do século XIX com o atual momento político de países latino-americanos.

### Pré-requisito

Aula 6.

## Introdução

Na Aula 7, daremos continuidade ao estudo das transformações ocorridas na Europa e nas Américas. Faremos um *tour* pela França, berço das revoluções burguesas européias, destacando o seu legado cultural; conheceremos os movimentos de independência da América, em especial da América espanhola (o caso brasileiro será tratado com mais detalhes nas aulas futuras); as revoluções burguesas de 1820, 1830 e 1848 e a força do Romantismo no século XIX. O cinema e a pintura serão mais uma vez valorizados, e suas conexões com o turismo também serão privilegiadas.

*Tu es déjà allé(e) à Paris?* (Você já foi a Paris?) Começaremos nossa aula por um *tour* na mais famosa das cidades européias, fazendo conexões com os acontecimentos históricos estudados nestas duas aulas (6 e 7). *Bon voyage!* (Boa viagem!)

## Paris: a capital mundial do turismo

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), a França é o país que mais recebe turistas em todo o mundo, e Paris, a *Cidade Luz*, histórica, nostálgica, cenário inspirador para os mais românticos, os boêmios, os amantes da alta gastronomia e da moda, é a cidade mais visitada. Em 2007, 80 milhões de pessoas (mais do que a própria população francesa, estimada em 66 milhões de habitantes) foram conferir o que é que a França tem (mesmo com a fama de anfitriões antipáticos que os franceses ostentam...).

Vamos agora visitar alguns atrativos que, pela sua importância histórica e cultural, motivam turistas de todas as partes do mundo. Selecionamos, nesse roteiro, o Museu do Louvre, o Palácio de Versalhes e o Arco do Triunfo, três dos mais importantes patrimônios culturais franceses, visitados por milhões de turistas anualmente. Repare que tais atrativos estão diretamente ligados aos nossos estudos das Aulas 6 e 7.

## Versalhes

Em 1682, o Rei absolutista Luís XIV, o Rei Sol, transferiu sua residência do Palácio do Louvre para o imponente Palácio de Versalhes, que mandou construir para ser a nova sede do poder na França. O Palácio de Versalhes, localizado nos arredores de Paris, é o mais luxuoso do mundo e atrai cerca de 8 milhões de turistas por ano. É conhecido pelo seu requinte e pelos seus 700 quartos, 1.250 lareiras, 2.000 janelas, 700 hectares de parque (percorridos de trem pelos turistas), mas nenhum banheiro! Lembre-se de que o conceito de banheiro e a sua existência dentro das casas – e também dos palácios – só se deram com os novos hábitos de limpeza e higiene adquiridos com o desenvolvimento da ciência e das sociedades, na virada do século XIX para o século XX.



**Figura 7.1:** Palácio e Parque de Versalhes, Patrimônio Mundial da Humanidade (Unesco).

Fonte: <http://www.educacional.com.br/imagens/reportagens/arquitetura/223099-Versailles.jpg>

O luxo e o requinte do Palácio de Versalhes contrastavam com a situação da população. Em 1789, durante a Revolução Francesa, que mobilizou a burguesia e o campesinato, o Palácio foi invadido, e o Rei Luís XVI e sua esposa Maria Antonieta foram presos e, quatro anos mais tarde, decapitados. Maria Antonieta se tornou célebre pela frase “que comam brioches”, diante das reclamações do povo quanto à falta de pão. É um episódio bem ilustrativo da relação da nobreza palaciana com os seus súditos, especialmente os das camadas populares.

Mais tarde, a assinatura do Tratado de Versalhes, em 1919, por representantes de 32 países (tendo à frente os Estados Unidos, a Inglaterra e a França) foi um dos mais importantes acontecimentos registrados na história do Palácio. O documento foi imposto aos alemães, derrotados na I Guerra Mundial, que foram obrigados a assinar a sua rendição, pondo fim oficialmente ao conflito bélico.

O palácio funciona como museu desde 1837. Seu acervo é composto por 120 salas, as Galerias Históricas, com destaque para a exuberante Galeria dos Espelhos. Boa parte do mobiliário foi leiloada a preços módicos durante a Revolução Francesa, a fim de angariar fundos para o movimento revolucionário. Outros móveis, parte das obras de arte e utensílios foram transferidos para o Museu do Louvre. Alguns móveis e objetos foram recuperados no século XX e encontram-se expostos no imenso palácio, que também se destaca pelas atividades culturais realizadas em suas dependências e em seu parque.



**Figura 7.2:** Galeria dos Espelhos do Palácio de Versalhes.  
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Galerie2.jpg>.

## O Louvre

O Museu do Louvre, localizado no Palácio do Louvre, em Paris, próximo aos famosos rio Sena e avenida Champs Elisées, é uma das maiores e mais importantes instituições culturais do mundo. Foi construído no final do século XII, funcionando como fortaleza para a proteção contra as invasões vikings e depois como residência da família real.

Com a transferência da corte para Versalhes, o Palácio do Louvre perdeu o seu prestígio. Foi transformado em Museu da República em 1793, em plena Revolução Francesa.

Ao longo da sua história, o Museu do Louvre foi diversas vezes ampliado e se tornou um grande complexo cultural. O seu acervo é formado por mais de 35.000 obras, distribuídas em 60.000 m<sup>2</sup> de salas dedicadas às coleções permanentes que reúnem obras de todos os períodos da História, divididas da seguinte forma: antigüidades orientais; antigüidades egípcias;

antigüidades gregas, etruscas e romanas; artes do Islã; esculturas; objetos de arte; pinturas e artes gráficas.



**Figura 7.3:** Vitória de Samotràcia (Niké de Samotràcia). Museu do Louvre.

Partes originais, encontradas em 1863, na Grécia, da escultura que representa a deusa grega Niké (vitória). O Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, possui uma réplica dessa escultura.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Paris.louvre.winged.500pix.jpg>

Na década de 1980, o Louvre ganhou uma pirâmide de vidro de 21 metros de altura (que foi alvo de muitas críticas), situada no centro do pátio do palácio, por onde é feita a entrada dos visitantes.



O museu serviu como uma das principais locações para o polêmico *best-seller* *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, lançado em 2004. A adaptação para o cinema, de 2006, traz cenas marcantes nas galerias do museu, apresentando algumas das obras mais valiosas em exposição, com destaque para a *Monalisa*, de Leonardo Da Vinci, que é parte fundamental da trama (para evitar que fosse danificada durante as filmagens, a obra foi substituída por uma réplica). A controversa pirâmide também tem grande destaque no filme. O sucesso do livro e da produção cinematográfica atraiu novas legiões de visitantes para o Louvre. Muitas operadoras de turismo lançaram pacotes temáticos, criando roteiros para a visita ao museu e a outros cenários apresentados em *O Código Da Vinci*.



**Figura 7.4:** Vista da praça principal do Museu do Louvre com a polêmica pirâmide de vidro.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Pyramide\\_Paris.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Pyramide_Paris.jpg).

Diversas obras brasileiras estão expostas no Museu do Louvre, com destaque para as peças do Mestre Vitalino, artista pernambucano conhecido pelos seus bonecos de barro, que retratam a cultura popular nordestina, um dos souvenirs preferidos dos turistas que visitam o Brasil. O museu também abriga uma coleção de quadros do pintor holandês Franz Post sobre o

Brasil, produzidos entre 1638 e 1640 e presenteados ao Rei Luís XIV por Maurício de Nassau, governante holandês dos territórios pertencentes à Holanda no Brasil, no século XVII (Companhia das Índias Ocidentais). Estes foram os primeiros quadros feitos por um europeu sobre o continente americano.

Desde a sua criação, no final do século XVIII, o Museu do Louvre é uma referência obrigatória para os turistas que visitam Paris. Atualmente, o museu recebe, por ano, cerca de 5 milhões de pessoas provenientes de todas as partes do mundo. A maior parte delas sai convencida de que um dia é pouco para desvendar os “segredos” do Louvre.

### **O Arco do Triunfo**



**Figura 7.5:** Uma das mais célebres obras da arquitetura militar de todos os tempos.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Arc\\_de\\_triomphe\\_frontsimple.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Arc_de_triomphe_frontsimple.jpg)

Na Roma Antiga, era comum a construção de arcos militares, monumentos erguidos para lembrar a todas as conquistas políticas e o poderio bélico do Império. Influenciado por essa cultura, o general francês Napoleão Bonaparte, que assumiu o poder no final da Revolução Francesa, mandou construir, em 1806, o Arco do Triunfo, em memória às conquistas militares realizadas sob o seu comando. Trata-se de um dos maiores arcos triunfais do mundo, medindo 50 m de altura por 44 m de largura.

No monumento, foram gravados os nomes de 128 batalhas realizadas e de 558 generais. Suas paredes são ornamentadas por diversos relevos que contam a história das campanhas francesas nas batalhas, numa visão artística. Sob o arco, completando o conjunto com a temática nacionalista e militar, foi construído um outro memorial, o Túmulo do Soldado Desconhecido.

Localizado na Praça Charles De Gaulle, no final da famosa avenida Champs Elysées, coração de Paris, o Arco do Triunfo levou 30 anos para ficar pronto, já no reinado de Luís Filipe. Representa o maior símbolo da história nacional francesa e é o segundo atrativo turístico mais visitado de Paris, sendo superado apenas pela Torre Eiffel. O local é palco das cerimônias, das manifestações e das solenidades mais importantes da França.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 1

1. Faça uma visita virtual ao Museu do Louvre, através do *site* <http://www.louvre.fr>. Acesse a opção “*Oeuvres*”, no canto superior esquerdo. Em seguida, clique na primeira opção, “*A la une*”, e navegue à vontade pelas coleções do Museu. Quais obras lhe são mais familiares? Quais lhe chamaram mais atenção? Por quê?

---

### Comentário

*A nossa proposta nesta questão é possibilitar o seu acesso ao site oficial do Museu do Louvre, escrito em francês, utilizando-se da linguagem universal da arte. Mesmo que não conheça o idioma de Vitor Hugo, um dos mais importantes escritores e poetas que a França já teve, você não encontrará dificuldades em identificar as obras pertencentes aos diversos períodos da história da Humanidade disponíveis no Museu, nem em destacar aquelas que lhe parecem mais familiares ou em eleger as que mais lhe chamaram a atenção, dando justificativas pessoais. O site também oferece versões em inglês e espanhol.*



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 2

#### 2. Acesse o site

[http://www.mtur.gov.br/portalmtur/opencms/institucional/noticias/arquivos/o\\_codigo\\_Vinci\\_tema\\_painel\\_forum\\_mundial\\_turismo.html](http://www.mtur.gov.br/portalmtur/opencms/institucional/noticias/arquivos/o_codigo_Vinci_tema_painel_forum_mundial_turismo.html) e leia as informações sobre a relação entre o cinema e o turismo, a partir da experiência do filme *O Código Da Vinci*. O tema foi discutido no Fórum Mundial de Turismo para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável, realizado em Porto Alegre em 2006.

Agora responda:

a: Quais são as estratégias do governo brasileiro, através do Ministério do Turismo, para estimular essa relação entre cinema e turismo em nosso país?

b: Qual(ais) filme(s) brasileiro(s) você considera interessante(s) como incentivo ao turismo brasileiro? Justifique sua resposta.

---

### Comentário

*Nesta questão, a ser desenvolvida em duas partes, temos o objetivo de dialogar com outras formas de arte, o cinema e a literatura (nos casos das adaptações de roteiros para a grande tela), relacionando-as às políticas governamentais de turismo. Você irá perceber que o Brasil está começando a se dar conta da importância dessa relação, passando a organizar ações para melhor aproveitar o diálogo entre cinema e turismo.*

*Na segunda parte da questão (2.b), queremos estimular a sua memória e incentivar a sua análise crítica sobre a produção cinematográfica brasileira. Você poderá eleger quantos filmes quiser e relacioná-los às possibilidades de se desenvolver roteiros turísticos temáticos e outras relações que estimulem a aproximação entre o cinema e o turismo. Um exemplo, aproveitando que esta é uma aula de História, é o filme *O Quatrilho*, de Bruno Barreto, produzido em 1995, inspirado no romance do gaúcho José Clemente Pozzenato. Trata-se da história de imigrantes italianos que se instalaram no Rio Grande do Sul em 1910. O filme inspirou diversos roteiros turísticos nas cidades que serviram como locações, incluindo o “Roteiro de Agroturismo do Quatrilho”, realizado em Gramado, e o roteiro “Rafting do Quatrilho”, no município de Antônio Prado. O mesmo raciocínio pode ser desenvolvido com as novelas brasileiras, que ajudam a divulgar os patrimônios cultural e natural do Brasil.*

## As revoluções liberais de 1820, 1830 e 1848

A onda revolucionária liderada pelos burgueses na Europa teve continuidade na primeira metade do século XIX, em reação às tentativas de restauração do Absolutismo, explícitas no Congresso de Viena e na criação da Santa Aliança.

Napoleão, que governara a França desde o término da Revolução, assumindo o poder com o Golpe do 18 Brumário, estabeleceu um governo autoritário e expansionista, conquistando vários territórios. Sua derrota ocorreu na Rússia, em 1812. Cerca de 250.000 soldados franceses perderam a vida numa campanha que teve as gélidas temperaturas como um dos principais inimigos. As campanhas de Napoleão na Rússia deixaram profundas marcas na sociedade russa e em toda a Europa, tratadas com maestria por Leon Tolstoi no clássico romance *Guerra e Paz* (1869).

Após a queda de Napoleão, foi realizado, na Áustria, o Congresso de Viena (1814-1815), que teve como objetivos: 1) reorganizar o mapa da Europa; 2) reconduzir ao poder as antigas casas monárquicas, destituídas do trono pelas tropas napoleônicas (o que representaria a volta do Absolutismo); 3) formar uma aliança política entre os países participantes. O Congresso defendia dois princípios básicos:

- Princípio da Legitimidade – considerava legítimos os governos e a configuração política dos países antes da Revolução Francesa, beneficiando as nações derrotadas por Napoleão;
- Princípio da Restauração – garantia a restauração da situação política europeia antes da Revolução Francesa, legitimando, inclusive, a intervenção militar nos países onde houvesse movimentos liberais.

Em decorrência do Congresso de Viena, numa medida conservadora e contra-revolucionária, foi criada a Santa Aliança (1815), formada pela Áustria, Rússia e Prússia, que agia como interventora, combatendo os movimentos de libertação nacional e fazendo explodir uma série de revoluções em vários países europeus, a começar pelo ano de 1820, quando Alemanha, Itália, Grécia,

Portugal e Espanha foram palco desses movimentos. A tônica das revoluções era a insatisfação contra o retorno do Absolutismo e a defesa do liberalismo e do nacionalismo.

A Revolução Liberal do Porto, em Portugal, teve repercussões no Brasil, levando, inclusive, a corte portuguesa a retornar ao seu país em 1821, permanecendo aqui D. Pedro I, na condição de Príncipe Regente, o que contribuiu para o processo de independência do Brasil. A Revolução de Cádiz (Espanha), por sua vez, também causou impactos na América espanhola.



## Atividade

3

### Atende ao Objetivo 3

3. Desafiando a sua imaginação...Observe atentamente a pintura:



**Figura 7.6:** *A Liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix. Uma das mais célebres obras de arte do século XIX.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Eug%C3%A8ne\\_Delacroix\\_-\\_La\\_libert%C3%A9\\_guidant\\_le\\_peuple.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Eug%C3%A8ne_Delacroix_-_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg).

Você já viu esta imagem antes?

O que ela representa?

Qual o significado da jovem mulher na obra?

O que simbolizam as cores vermelha, branca e azul?

---

### Comentário

*A pintura A Liberdade guiando o povo é uma das obras mais impactantes de Eugène Delacroix (1798-1863) e foi produzida em óleo sobre tela, em 1830. É uma das obras mais conhecidas do **Romantismo**. O autor, afirmando o seu posicionamento político contra o Absolutismo francês, se faz representar nessa emblemática obra. O homem de cartola, à esquerda da figura alegórica da Liberdade, é o próprio Delacroix.*

*O objetivo é fornecer respostas pessoais, com base nas impressões obtidas por meio da observação da obra de arte. Quanto à correlação entre as cores e suas representações, reflita sobre o contexto em que a obra foi criada e lembre-se da clássica trilogia que está associada à Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.*



#### Romantismo

Movimento artístico-filosófico que surgiu na Europa, no início do século XIX, tendo como principais características: o individualismo; a introspecção; o sentimentalismo (ressaltando os dramas amorosos); o nacionalismo (uma influência direta da Revolução Francesa); o patriotismo e a exaltação da guerra em defesa dos interesses da pátria; a defesa do regime republicano, em oposição à monarquia. Dois dos maiores expoentes do romantismo europeu foram Delacroix, que destacamos nesta seção, e Goya, o pintor espanhol, cuja obra *Saturno devorando seu filho* lhe foi apresentada na Aula 1 de nossa disciplina, quando nos referimos à contagem do tempo.

No Brasil, o romantismo teve grande influência no processo de construção da nação, onde foram exaltados aspectos como o indianismo (com a idealização do elemento indígena como sendo a autêntica face do Brasil), a natureza paradisíaca, os dramas e amores impossíveis. Por falar nisso, você consegue estabelecer uma relação entre a imagem turística do Brasil, dentro e fora do país, e o Romantismo brasileiro do século XIX? Essa é uma questão que iremos tratar mais adiante, nas aulas referentes à construção da nação brasileira e sua relação com o turismo. Por enquanto, dê asas à sua imaginação e tente responder a esse desafio...

*A Liberdade guiando o povo* foi produzida para simbolizar a Revolução Francesa de Julho de 1793, que instituiu a República na França e levou ao poder Luís Filipe. Essa revolução representa mais um desdobramento do processo transformador iniciado em 1789. Segundo o pesquisador português José Carlos Abrantes, citando Lee A. Jacobus, a obra é considerada “o primeiro trabalho eminentemente político da pintura moderna” (ABRANTES, 2007). *A Liberdade guiando o povo* encontra-se no Museu do Louvre, em Paris.

Além da França, os agitados ventos das revoluções de 1793 também sopraram na Bélgica, na Alemanha, na Itália e na Polônia, chegando até o Brasil, o que contribuiu para a abdicação de D. Pedro I do trono brasileiro, em 1831.

Em 1848, uma nova onda revolucionária afetou grande parte da Europa. A burguesia, impulsionada pelos ideais liberais e nacionalistas, a nobreza, o proletariado e os camponeses estavam insatisfeitos com os governos que se instalaram no continente e protestavam cada qual pela defesa de seus interesses: contra a centralização política e o autoritarismo (burguesia e nobreza); contra a exploração dos trabalhadores, a alta dos preços dos alimentos e a crise econômica (campesinato e proletariado). Os vários movimentos dos operários contra o aumento da exploração capitalista, a redução dos salários e as demissões, como você deve se lembrar, foram estudados nas aulas referentes à Revolução Industrial. Eles também estão inseridos no universo das revoluções européias da primeira metade do século XIX.

Imagine, agora, todas as classes sociais, cada uma com o seu respectivo interesse, mobilizadas contra os governos antidemocráticos europeus. Esse conjunto de revoluções de 1848 ficou conhecido como “Primavera dos Povos”, expressão que procura demonstrar o despertar do povo contra os governos centralizadores e autoritários que tiveram lugar nos países europeus na primeira metade do século XIX. O respeitado historiador Eric Hobsbawm, em sua obra *A era das revoluções*, define os movimentos revolucionários daquele ano da seguinte forma:



“O que em 1789 fora o levante de uma só nação [referindo-se à Revolução Francesa] era agora, assim parecia, ‘a primavera dos povos’ de todo um continente” (p. 130).

A Europa e todo o mundo ocidental que dela recebia influência direta, definitivamente, jamais seriam os mesmos.

## Os movimentos de independência na América Latina

Com a Revolução Industrial, duas práticas econômicas do mercantilismo, que eram fundamentais para a política e a economia da Espanha e de Portugal, acabaram sendo ultrapassadas: os monopólios e o próprio sistema colonial. Como você deve estar lembrado (senão a gente “refresca” a sua memória), as colônias só poderiam comercializar com a metrópole, embora essa proibição fosse relativa. A possibilidade de ter acesso a produtos diversificados e de melhor qualidade e a influência do Iluminismo (que, entre outras, coisas pregava o livre comércio) despertavam na elite colonial, tanto na parte espanhola como na portuguesa, o desejo pela independência. Os exemplos da Independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa demonstravam a validade de muitos aspectos dos ideais iluministas. Mas a independência não seria conquistada sem a resistência das metrópoles.

Como a Espanha e Portugal não tinham conseguido acompanhar o desenvolvimento industrial, principalmente em comparação com a Inglaterra, dependiam extremamente dessa nação para fornecer manufaturas à metrópole e mesmo às colônias. Endividados e desejando ter maior participação nas lutas políticas europeias, os países ibéricos adotaram medidas inspiradas no Iluminismo, mas sem abolir o tradicional autoritarismo absolutista, caracterizando o chamado Despotismo Esclarecido. Dentre essas medidas, podemos citar, nas colônias, o aumento do rigor na fiscalização e o fim do Regime de Porto Único, pela Espanha, levando muitos funcionários para as colônias e redividindo os territórios para melhor administrá-los. Portugal, na

época do Marquês de Pombal, procurou aumentar a eficácia da fiscalização, criando a Derrama (cobrança forçada de impostos atrasados), monopolizando a extração de diamantes, criando companhias monopolistas de comércio e mudando a capital de Salvador para o Rio de Janeiro. As medidas despóticas aplicadas nas colônias americanas aumentaram a insatisfação contra as metrópoles.

Por outro lado, as elites, principalmente as da América espanhola, acostumadas com os lucros advindos do contrabando com outras nações, começaram a imaginar a independência como saída para seus problemas econômicos. As camadas populares, por sua vez, passaram a ver a emancipação política como um meio para a emancipação social, especialmente nas áreas de densa população indígena ou negra, pois estas eram as camadas mais exploradas da população.

No caso brasileiro, as camadas mais abastadas estavam atemorizadas com o “mito da haitização”, ou seja, o medo de que no Brasil ocorresse algo parecido com a revolta escrava de 1791, no Haiti, que retirou do poder a elite branca.

Com tanta insatisfação entre os mais ricos e também nas camadas populares, já no século XVIII floresciam diversos movimentos de contestação que visavam à independência de regiões americanas. Como exemplos, citamos a rebelião de Tupac Amaru, no Peru, e, no Brasil, a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana.

## A emancipação da América espanhola

A elite colonial da América espanhola tinha as funções-chave no processo econômico: esses descendentes de espanhóis eram donos de terras onde havia minas e controlavam o comércio ilegal. É verdade que parte desse grupo **criollo** desejava a manutenção do monopólio espanhol, pois lucrava com o mesmo. Contudo, quando em muitas regiões as camadas populares aderiram à luta de independência para não só alterar o sistema

### ■ Criollo

Descendentes de espanhóis nascidos na América, que se opunham aos *chapetones*, ou seja, os espanhóis que vinham para administrar o continente.

político como modificar a estrutura social, essas camadas dominantes se uniram, ainda que momentaneamente, para dirigir os movimentos de independência.

Inicialmente, os movimentos tiveram bastante força: as rebeliões que, em 1810 derrubaram o vice-rei do Prata, resultaram na independência do Paraguai. Nesse mesmo ano, Dom Hidalgo liderava, à frente dos indígenas, a rebelião que controlou a capital. Também no Chile, as forças rebeldes controlavam o país, enquanto em 1811 as forças de Simon Bolívar e Miranda proclamavam a independência da Venezuela.

Porém, entre 1811 e 1817, as forças independentistas sofreram importantes derrotas: no México, Hidalgo era fuzilado e o novo líder da revolução, José Maria Morellos, após muita luta, também foi assassinado, em 1815. Na Venezuela, as forças de Bolívar seriam derrotadas em 1812 e em 1814, só conseguindo a emancipação em 1817. O sonho de José Artigas, que liderou a sublevação no atual Uruguai, proclamando a independência e promovendo a primeira Reforma Agrária do continente, acabou em 1814, com a ajuda de forças luso-espanholas, ficando a região sob controle luso-brasileiro. Mesmo na Argentina, as forças espanholas saíram vitoriosas em 1814, só sendo conseguida a independência em 1816.

Todos esses fracassos deveram-se a um conjunto de fatores tais como: isolamento geográfico dos diversos movimentos de libertação, divergências entre os líderes emancipacionistas, falta absoluta de apoio externo fosse da Inglaterra, fosse dos Estados Unidos.

A partir de 1817, os movimentos de emancipação ganharam mais força, tanto pelo apoio externo como por maior participação das camadas populares, ainda que estas exercessem um papel subordinado. Bolívar, Sucre e San Martín reorganizaram os exércitos e conseguiram importantes vitórias.

**Cronologia da independência das antigas colônias espanholas na América**

1818 - San Martín proclama a Independência do Chile, que havia sido retomado pelos espanhóis em 1815.

1819 - Bolívar proclama a independência da Colômbia, anexando-a à Venezuela, formando a Gran Colômbia.

1821 - As forças rebeldes tomam Lima dos espanhóis; México e Guatemala proclamam suas independências.

1822 - Sucre liberta o Equador anexando-o à Gran Colômbia. Ainda na primeira metade do século XIX, este país se fragmentou em Venezuela, Colômbia e Equador.

1823 - Forma-se a Confederação das Províncias Unidas da América Central, sob influência da Guatemala.

1824 - Fim da dominação espanhola na América do Sul, com a derrota dos espanhóis na Batalha de Ayacucho, no Peru.

1825 - O Alto Peru se tornou a República da Bolívia.

1838 - A Confederação se dividiu em cinco Estados: Guatemala, Costa Rica, Honduras, Nicarágua e El Salvador.

1898 - Após a guerra hispano-americana, Cuba conquistou sua independência, enquanto Porto Rico passou ao controle norte-americano.

1903 - Os Estados Unidos incentivaram um movimento que separou o Panamá da Colômbia, para que os americanos pudessem controlar o Canal do Panamá.

Apesar do sonho de Bolívar de conseguir uma América espanhola livre e independente, o resultado foi a fragmentação do continente. Dentre as razões principais para tal fragmentação, estava a profunda divergência de interesses entre as principais elites locais. Essas elites não queriam deixar o domínio espanhol para ficarem nas mãos de grupos mais fortes como, por exemplo, os pecuaristas de Buenos Aires ou os mineradores do México. Para elas, a independência teve como principal motivação o livre comércio com Europa e Estados Unidos, afastando definitivamente os interesses espanhóis. A exceção seria a República paraguaia, onde os dirigentes tentaram levar à frente um projeto autônomo, esmagado pela guerra do Paraguai. Além disso, os novos países, em sua maioria, viveram intermináveis guerras civis, nas quais, durante a primeira metade do século passado, as elites disputavam quem controlaria o poder, e portanto, teriam a maior parte dos lucros no comércio exterior.

Como na América espanhola, o Brasil também conheceu movimentos separatistas. Contudo, a administração monárquica, implantada em todo o território pela família real, conseguiu manter com sucesso uma unidade, que, embora frágil, pôde ser construída ao longo do século XIX. O caso brasileiro será discutido com maior destaque nas aulas futuras.

Até aqui você pôde perceber o peso da influência dos ideais iluministas nos movimentos políticos ocorridos do norte ao sul da América. Cada um, à sua maneira (ora feito pelas elites locais, ora com a participação popular), reivindicava para si o fim do controle metropolitano, a autonomia política e a liberdade econômica. Foram movimentos violentamente reprimidos, pois contrariavam os interesses das metrópoles européias.

A independência das antigas colônias européias na América, entretanto, não garantiria por si só o desenvolvimento dessas novas nações. Muitos problemas que assolam os países americanos até hoje são derivados desse pesado passado histórico colonial. O maior deles, sem dúvida, é a desigualdade social.



### Cinemanía



- *Tupac Amaru* (1984). Direção: Federico García Hurtado.  
Disponível em: <http://filmescopio.blogspot.com/2007/08/tupac-amaru-1984-de-federico-garca.html>  
Biografia do cacique peruano Tupac Amaru II (1738-1781), cujo nome cristão era José Gabriel Condorcanqui, líder de um grande movimento indígena contra a exploração espanhola.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 4

4. a. Observe atentamente as imagens:



**Figura 7.7**

Fonte: Agência Reuters.



**Figura 7.8**

Fonte: <http://www.evworld.com/article.cfm?storyid=1182>

Quem são os personagens envolvidos nas duas cenas?

O que as imagens simbolizam?

b. No atual governo da Bolívia, uma nova Constituição foi elaborada, tendo como um dos pontos centrais a garantia de uma série de direitos às várias etnias que compõem a nação, entre eles, o reconhecimento de que as 36 línguas faladas no país são idiomas oficiais do Estado; o investimento em educação na área rural; a difusão de programas educativos plurilíngües pelos meios de educação; maior autonomia aos povos indígenas etc.

Passados quase 200 anos da independência da Bolívia, o que representa a inclusão dos direitos dos povos indígenas na Constituição boliviana somente no século XXI?

---

### **Comentários**

*a. O objetivo da questão é discutir a relação entre os movimentos de libertação nacional da América Latina, ocorridos no século XIX, e a busca de identificação dos atuais líderes da Venezuela e da Bolívia com os heróis nacionais, responsáveis pela independência das antigas colônias da América espanhola e pelo sonho de integração da América Latina. Ao analisar detalhadamente as fotos, você terá toda liberdade de estabelecer as conexões que achar mais pertinentes, expressar o seu posicionamento político e citar, se achar interes-*



*sante, fatos recentes da política, envolvendo Venezuela e Bolívia, que confirmem as suas afirmações. Uma relação interessante que pode ser feita aqui é com o retrato de Simón Bolívar que aparece ao fundo das imagens.*

*b. A extensão desses direitos constitucionais aos povos indígenas bolivianos, somente no século XXI, nos revela que a conquista da independência boliviana, assim como a de vários outros países da América Latina, no século XIX, sob a influência da Revolução Francesa e da independência dos Estados Unidos, não representaram a garantia dos direitos básicos aos povos tradicionais que habitavam a região; ao contrário, contribuíram para a exclusão dessas minorias ao não reconhecerem a sua cidadania por muito tempo.*

*É importante destacar também que os princípios que regem a lei máxima de um país devem ser cumpridos e aplicados no cotidiano. Um exemplo dessa distância entre o que rege a Constituição e a prática é o próprio caso brasileiro, no qual os indígenas possuem amplos direitos, mas o seu cumprimento é relativo.*

## **Resumo**

Destacamos, em particular, como principais transformações sociais ocorridas na Europa e na América nos séculos XVIII e XIX, a influência da Revolução Francesa na política e na cultura ocidentais; a relação entre a história social francesa e a importância turística de Paris e da França como um todo; a reação conservadora da Santa Aliança, criada a partir do Congresso de Viena, procurando restaurar o Absolutismo no século XIX; as revoluções burguesas da primeira metade do Oitocentos; o fortalecimento das idéias nacionalistas em todo o Ocidente e os movimentos de independência na América Latina.

Todos esses movimentos, no seu conjunto, alteraram significativamente os rumos das sociedades ocidentais, instaurando uma nova ordem, regida sob o signo do capitalismo, que modificou o pomposo cenário das sociedades de corte para as sociedades urbanas, que cresciam freneticamente no ritmo das máquinas, com todos os seus benefícios e contradições.

## **Informações sobre a próxima aula**

Na nossa próxima aula, trataremos de temas muito importantes para o surgimento e para o desenvolvimento do turismo moderno: os conceitos de tempo de trabalho, tempo livre e lazer nas sociedades modernas. Conheceremos, ainda, as viagens chamadas de *Grand Tour*, precursoras das viagens culturais e de intercâmbio, e a popularização dos pacotes turísticos para operários e das viagens de incentivo corporativas.

# 8

## Do *Grand Tour* às viagens corporativas de incentivo: relações entre turismo, trabalho e tempo livre

### Meta da aula

Recuperar historicamente os conceitos de trabalho, tempo livre e lazer, com destaque para o *Grand Tour*, no século XVIII, para os pacotes turísticos direcionados aos operários europeus, no século XIX, e para as modernas viagens corporativas de incentivo.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 identificar as principais características do *Grand Tour*, posicionando-o em seu contexto histórico;
- 2 relacionar as transformações históricas ocorridas a partir do final do século XVIII, especialmente na relação entre trabalho e tempo livre, com o desenvolvimento da atividade turística;
- 3 diferenciar as práticas “turísticas” do período moderno em relação às realizadas nas novas sociedades capitalistas em formação.

### Pré-requisitos

Para facilitar a compreensão desta aula, é necessário que você esteja bem familiarizado com o conteúdo das Aulas 1 a 5.

## Introdução

Você já sonhou em fazer uma viagem de estudos no exterior, permanecendo por lá uma boa temporada, aprimorando os seus conhecimentos em língua estrangeira, convivendo com culturas diferentes e retornando ao Brasil cheio de novidades? Ou mesmo já teve a oportunidade de realizá-la?

Essas viagens se tornaram muito populares entre os brasileiros nos últimos anos, fazendo crescer consideravelmente o mercado de agências e operadoras especializadas em intercâmbio. Em 2007, cerca de 100.000 estudantes do Ensino Médio e Superior embarcaram para a realização de viagens de intercâmbio, sendo os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e diversos países industrializados da Europa os destinos mais procurados.

Segundo a revista *Isto É* (2007), com base numa pesquisa divulgada pela ALTO (*Association of Language Travel Organizations*), que congrega o maior número de empresas de intercâmbio do mundo, “o Brasil se transformou no quarto ‘exportador’ de estudantes do planeta, responsável por 32% dos jovens que cruzam oceanos em busca de melhor formação, ficando atrás apenas de Japão, Espanha e Alemanha”.

Mas seriam todos esses jovens praticantes de intercâmbio filhos de ricos e influentes membros das elites brasileiras, dispondo de todos os recursos e facilidades para a realização de sua viagem? Certamente que não. Cada vez mais jovens estudantes das camadas médias da sociedade estão realizando o sonho do intercâmbio. A popularização dessas viagens se deve a uma série de fatores, entre eles a economia estável nos últimos anos, o aumento das facilidades oferecidas pelo mercado turístico (pagamento facilitado, viagens do tipo *work experience* e *au pair*, que possibilitam ao jovem trabalhar no exterior e pagar as despesas da viagem, entre outras).

Muitos são os relatos das dificuldades que esses jovens enfrentam num país estrangeiro, sejam elas decorrentes de problemas alfandegários, adaptação aos novos costumes, dificuldades com a língua estrangeira ou, a mais comum delas, a falta de recursos financeiros para se manter no exterior. Aliás, a matéria da revista *Isto É*, citada anteriormente, tem como título “Intercâmbio escravo”, denunciando quando o sonho das viagens de intercâmbio vira pesadelo...

Viajar nunca foi tão acessível. Programas governamentais e o competitivo mercado turístico criaram uma série de facilidades para que todos possam viajar, que vão desde cartões de crédito oferecidos, para o Turismo, por bancos públicos, aos parcelamentos de pacotes nas agências. Tudo para estimular o aumento das receitas provenientes do Turismo, que é uma das maiores fontes de riqueza dos países.

Mas nem sempre foi assim. Viajar era um privilégio para muito poucos. Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, os jovens estudantes europeus que realizavam viagens culturais e de estudos pelo continente eram riquíssimos, e suas famílias gozavam de grande prestígio e poder na sociedade. Aos poucos, outros jovens não tão abastados também começaram a ter acesso a essas prazerosas viagens. Esse é o tema da primeira parte de nossa aula, quando abordaremos o *Grand Tour*, tentando compreendê-lo em seu contexto histórico.

Na segunda parte, recuperaremos historicamente as noções de trabalho, de tempo livre e de lazer, e trataremos das transformações históricas decorrentes da transição para a sociedade capitalista, destacando as relações de trabalho e consumo, a nova concepção de tempo e de lazer, bem como as suas influências no desenvolvimento da atividade turística. Agora é a vez dos operários das grandes fábricas européias conhecerem novas paisagens e respirarem novos ares através das excursões financiadas pelo fruto do seu trabalho. Aperte o cinto, que a nossa viagem já vai começar!

## O *Grand Tour*: um privilégio para muito poucos

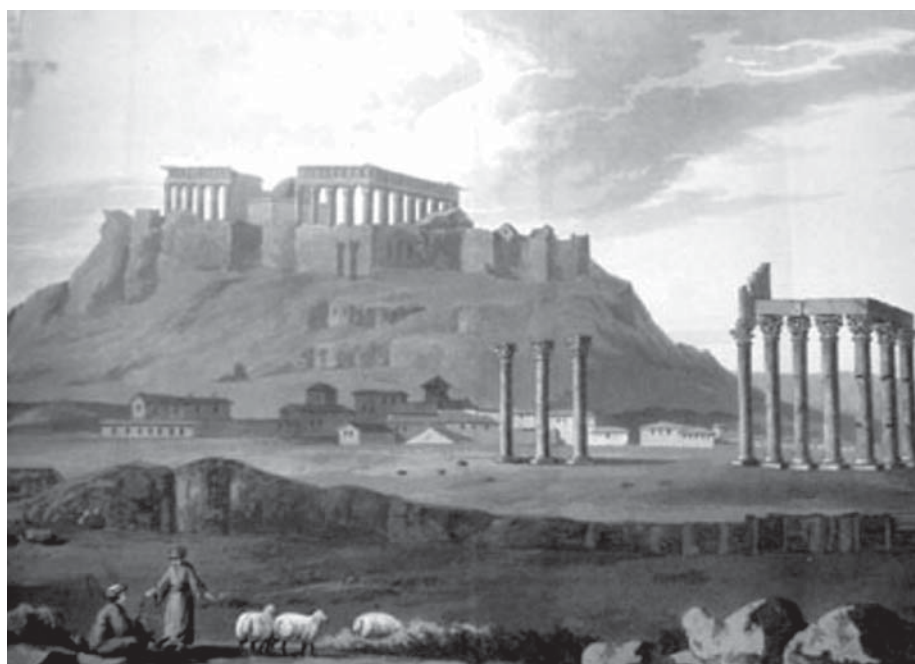
Conforme você estudou na Aula 3, o Renascimento foi um importante movimento artístico e cultural ocorrido na Europa entre os séculos XIV e XVII, que, entre outras características, estimulou a capacidade criativa do homem moderno em detrimento dos valores religiosos. Diferentemente dos peregrinos medievais, o homem renascentista, movido pelo espírito de curiosidade da época, interessava-se em descobrir o mundo, realizando viagens culturais e para fins científicos.

Foi nesse contexto que surgiu na Inglaterra o *Grand Tour*, um tipo de viagem precursora do turismo, realizada por jovens que tinham o objetivo de ampliarem a sua formação cultural e científica. Inicialmente, os *grand tourists*, como foram chamados, eram os filhos da aristocracia, na faixa dos 25 anos, que partiam para conhecer o mundo e a forma como os governos eram conduzidos, preparando-se para assumir futuros cargos públicos de grande prestígio. Cabe ressaltar que esses jovens pertenciam a uma aristocracia e a uma época que valorizava o não-trabalho entre os mais abastados. Isso significa dizer que as viagens do *Grand Tour* não tinham a conotação de férias, tal como as concebemos hoje, como um período de descanso do trabalho, quando procuramos “recarregar as baterias”, realizando viagens pagas, em sua maioria, com o fruto do nosso próprio trabalho, visando a retomar a corrida rotina, até que surjam novas férias...

Com o advento da Revolução Industrial, os filhos da burguesia emergente também passaram a ter acesso ao *Grand Tour*. Os menos afortunados optavam por roteiros mais curtos. A historiadora Valéria Salgueiro, num brilhante artigo, assim define as mudanças ocorridas no perfil do seu praticante:



Um novo tipo de viajante surge no século XVIII, em conexão com as transformações econômicas e culturais na Europa do Iluminismo e da Revolução Industrial. Trata-se aqui não do viajante de expedições de guerras e conquistas, não do missionário ou do peregrino, e nem do estudioso ou cientista natural, ou do diplomata em missão oficial, mas sim do *grand tourist*, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, com um gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão, e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes. Um viajante dispendo, acima de tudo, de recursos e tempo nas primeiras viagens registradas pela historiografia da prática social de viajar por puro prazer e por amor à cultura (SALGUEIRO, 2002).



**Figura 8.1:** Os *grand tourists* John Cam Hobhous e Baron Houghton em sua viagem a Atenas, entre 1809 e 1810.

A imagem nos dá a exata noção do que a historiadora Valéria Salgueiro chamou “gosto exacerbado por ruínas (...) e enquadramento de amplas vistas panorâmicas (...)”

Fonte: <http://www.kcl.ac.uk/depsta/iss/library/speccoll/exhibitions/nf/eg1.html>

As viagens eram longas, duravam de um a três anos, e os rapazes eram acompanhados de um tutor. Eram raras as moças que praticavam o *GrandTour*. Além dos conhecimentos adquiridos com a experiência vivida, participar de uma dessas viagens era sinal de *status*, de liberdade e de distinção social. Não bastava

relatar as impressões de viagem aos seus pares; era preciso registrá-las num diário de viagem, com ilustrações que servissem como prova cabal, que conferissem verdade e imortalizassem a experiência da viagem.

O roteiro do *Grand Tour* tinha como pontos principais a capital francesa e as cidades italianas de Roma, Veneza, Florença e Nápoles. Os visitantes contemplavam as obras renascentistas, deslumbravam-se com o legado deixado pelo Império Romano e deleitavam-se em ver de perto as ruínas arquitetônicas remanescentes da Antigüidade Clássica.

Além da arte renascentista e do gosto pelas ruínas da Antigüidade, acidentes geográficos e amplas paisagens também eram contemplados por esses viajantes, que sempre se faziam retratar nas imagens, como prova de sua viagem.



**Figura 8.2:** Jato de vapor sulfuroso observado pelo mineralogista George Steuart Mackenzie e seu acompanhante durante um *Grand Tour* pela Islândia em 1810.

Fonte: <http://www.kcl.ac.uk/depsta/iss/library/speccoll/exhibitions/nf/eg1.html>

Ainda no século XVIII, com os primeiros passos em direção ao que mais tarde seria a Arqueologia, diversas escavações foram realizadas e descobriram-se as cidades antigas de Pompéia e Herculano, soterradas pela erupção do vulcão Vesúvio no século I



d.C. Era o êxtase para os *grand tourists*: “Esses fatos eram todos muito excitantes para o crescente interesse pela história da época e nenhum *Grand Tour* era considerado completo sem uma visita a esses dois locais e às várias coleções reunidas em Nápoles (...)”, escreve Valéria Salgueiro (2002, p. 300).

O *Grand Tour* foi praticado entre os anos 1660 e 1820, perdendo a sua força com a Revolução Francesa e com as guerras napoleônicas, que assolaram a Europa. Representou uma forma embrionária do turismo contemporâneo, ao motivar a criação de uma série de serviços, ainda que improvisados, em torno das viagens, tais como: guias de turismo, acomodações em casas de família, albergues e hospedarias, guias turísticos (impressos), carregadores de bagagem, pintores (que ofereciam os seus serviços para retratar os *grand tourists* na paisagem visitada), entre outros.



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1.a. Analise a obra em questão, indicando as principais características do *Grand Tour* presentes na imagem.



**Figura 8.3:** Goethe nos Campos de Roma (1787). Óleo sobre tela. Autoria de Johann Heinrich Wilhelm Tischbein (Museu de Frankfurt, Alemanha).

Fonte: <http://zoobizarro.blogspot.com/2008/02/zoo-gallery-tischbein.html>.

1.b. A Inglaterra foi o berço do *Grand Tour* e o principal país emissor de *grand tourists*, cujo perfil era o de privilegiados jovens formandos de Cambridge ou Oxford. Que relação se pode estabelecer entre a origem da maioria dos praticantes do *Grand Tour* e as transformações econômicas e sociais que ocorriam na época?

---

### **Respostas Comentadas**

1.a. A obra retrata o poeta e escritor alemão Goethe em sua viagem pela Itália. Observe as características da imagem, procurando analisar as informações que nos são reveladas: no tipo de indumentária do personagem, na sua faixa etária, na pose e no plano em que é retratado, nos elementos que compõem a paisagem, nos tons utilizados e no que mais você achar pertinente. Estabeleça relações com as principais características do *Grand Tour* como, por exemplo, os destinos mais procurados, a origem dos viajantes e a importância do registro da experiência vivida.

1.b. A questão propõe uma relação entre o *Grand Tour* e o contexto em que era praticado, considerando-se, principalmente, o crescimento econômico proporcionado pela Revolução Industrial e a participação dos filhos da burguesia nessas viagens.

## **Tempo de trabalho, tempo livre e tempo de lazer ao longo da História**

Enquanto a classe privilegiada dos *grand tourists* realizava suas viagens culturais pela Europa, aproveitando um tempo ocioso, a maioria da população, a partir da Revolução Industrial e da afirmação do capitalismo como sistema econômico, era obrigada a trabalhar nas fábricas, inclusive mulheres e crianças. Muitas vezes, esse trabalho se arrastava por 14 horas diárias e tinha como recompensa apenas um prato de comida. Para essa parcela da população, o tempo de trabalho era praticamente todo o tempo que lhes era permitido. (releia o capítulo “O tempo da *natureza* e o tempo da *fábrica*” da Aula 1).

Com o passar dos anos, os trabalhadores das fábricas se organizaram na luta por melhores condições de trabalho. Na Inglaterra, trabalhadores oriundos principalmente das indústrias

têxteis, doentes pelas rígidas condições de trabalho ou mesmo desempregados, reuniram-se em sociedades de socorro mútuo, formando uma espécie de sindicato.

O sindicalismo tem origem nas corporações de ofício da Europa medieval, porém sofreu a ação de leis proibitivas durante a Revolução Francesa, reerguendo-se clandestinamente no século XIX. Por meio de reivindicações, trabalhadores puderam obter melhores condições de trabalho, ganho salarial preestabelecido e descanso de suas atividades profissionais, ou seja, um tempo livre. Hoje temos, em quase todo lugar do mundo, salários, regulados por lei, em troca do trabalho; um tempo regulamentado de dedicação a um ofício; e o direito a descansos semanais, férias e aposentadoria, que são exemplos do que chamamos de tempo livre. Podemos, assim, dizer que foi a partir da Revolução Industrial que se estabeleceu, de forma regulamentada, a divisão entre *tempo de trabalho e tempo livre*. E, se levarmos em conta as grandes transformações ocorridas, a partir do século XVIII, nas comunicações e meios de transporte, como vimos na Aula 5, podemos dizer também que a Revolução Industrial se apresenta como um importante marco que irá separar o que consideramos hoje *viagem* e o surgimento do *turismo moderno*.

Para o turismo, o tempo livre é essencial. É neste momento do nosso dia-a-dia que a atividade turística ganha lugar. Apesar de podermos polemizar essa afirmação com perguntas como “viajar a negócios pode ser considerado *turismo*?” ou “podemos chamar turismo um deslocamento com finalidade terapêutica?”, o deslocamento em busca de prazer e lazer, que vão caracterizar a atividade turística como um todo, ainda tem lugar naquela pausa de trabalho que chamamos *tempo livre*.

Segundo Margarita Barreto (1995), o tempo livre está dividido em *tempo de fim de jornada*, *tempo de fim de semana* e *tempo de férias*. E o turismo, como forma de lazer, aconteceria dentro desse tempo livre, obedecendo a uma hierarquia de necessidades. Podemos já observar que o *tempo livre* é diferente e nem sempre coincidente do *tempo de lazer*. O tempo livre é uma

oposição ao tempo de trabalho, ou seja, o tempo estabelecido para seu não-trabalho, mas também é o tempo que nos sobra das nossas obrigações familiares, sociais ou escolares. Podemos usar nosso tempo livre para um aprimoramento acadêmico ou mesmo profissional, por exemplo. Contudo, a forma mais buscada do uso do tempo livre é o lazer. Repousar, divertir-se, conversar, ler, praticar esportes ou viajar. Cada indivíduo estabelece o que lhe traz prazer e diversão, ou seja, cada um tem sua definição de lazer. É importante observar que o tempo de lazer é artificialmente concebido, assim como o tempo de trabalho. Se imaginamos ter total controle sobre o uso do nosso tempo de lazer, podemos nos enganar! O capitalismo nos impõe certas obrigações e usos para o nosso lazer. Muitas vezes, a nossa escolha de atividade de lazer está indiretamente ligada a nosso mundo do trabalho, sendo ainda possível que o próprio trabalho que exercemos seja *locus* do nosso lazer. Saber ocupar o nosso tempo livre, para que ele realmente se torne um tempo de lazer, é desafio e sabedoria. No entanto, no decorrer da história, os conceitos de lazer, ócio e tempo livre foram sendo modificados, acompanhando as mudanças de valores e comportamentos, relacionados sempre com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais vigentes em cada época. Sendo o lazer um elemento quase fundamental para a manifestação da atividade turística, vamos falar um pouco da origem e significados, para a cultura ocidental, do lazer, do ócio e do tempo livre.

Essas palavras muitas vezes se confundem. Vários autores dão a elas diferentes significados. Podemos encontrar a palavra ócio – derivada do latim *otiu* – tendo o sentido de vagar, descansar, repousar ou preguiça; a palavra ociosidade – do latim *otiositate* – pode ser compreendida como o “vício de gastar tempo inutilmente” ou simplesmente preguiça; e a palavra lazer – do latim *licere* – significando “ser permitido”, ócio ou vagar. Lazer, na língua francesa, é *loisir*; na língua inglesa, *leisure*.

Os gregos, principalmente os atenienses, denominavam *ócio* o tempo livre, atribuindo-lhe maior valor que o tempo dedi-

cado ao trabalho. Na Grécia clássica, o ideal de sabedoria que se cultivava tinha no ócio sua condição essencial. Havia uma grande significação e exaltação das atividades ociosas em contraposição às de trabalho, pelo menos para os atenienses.

Já para Aristóteles, ainda na Grécia Antiga, o ócio era uma condição ou estado – o estado de estar livre da necessidade de trabalhar. O filósofo fala também da vida de ócio em contraposição à de ação, entendendo por ações as atividades dirigidas para obtenção de fins. Não considerava a diversão ou recreio como ócio, uma vez que são meios necessários para conduzir o ser às atividades laborais. As atividades de recreio e diversão estavam diretamente relacionadas com descanso do trabalho, e a capacidade de empregar devidamente o ócio era a base do homem livre e da felicidade humana.

Entre os antigos romanos e durante a Idade Média, o conceito de ócio que circulava era de que indivíduos muito ocupados buscam o *otium*, não como um fim em si, mas em função do *negotium* (negação do ócio). Ou seja, o homem ocupado com diversas atividades – exército, comércio, Estado – encontra seu descanso e diverte-se pelo ócio. Portanto, para o homem grego, o ócio não significava estar ocioso no sentido de não fazer nada, mas implicava operações de natureza intelectual e espiritual que se traduziam na contemplação da Verdade do Bem, e da Beleza, de forma não utilitária.

Enquanto para os gregos o ócio era considerado um estado de alma que consistia no indivíduo sentir-se livre do trabalho, que era relegado aos escravos, em Roma predominava o conceito de descanso e da diversão, necessários para a preservação das condições de “poder trabalhar”. O trabalho era entendido como condição necessária para o ócio.

A palavra surge, portanto, na civilização clássica, inventada pelos gregos que, já naquela época, lhe davam um sentido oposto ao de trabalho. Porém, para as sociedades da Antigüidade Clássica, apenas as elites – os cidadãos, na Grécia, e os patrícios, em Roma – viviam no ócio, tendo mais chances ao lazer. Eram

os escravos e os empregados os encarregados do trabalho. Um tempo de trabalho e de lazer para todos não era concebido nem pelos filósofos ou pensadores mais progressistas da época.

No século IV, com a afirmação do Cristianismo, surgem duas ideologias ligadas ao trabalho e ao lazer: a católica e a protestante. A ideologia católica vai condenar o não-fazer-nada e o divertimento em geral. O tempo do não-trabalho deveria ser dedicado às obrigações religiosas e comemorações festivas, que também tinham uma conotação religiosa. Para a doutrina católica, o trabalho é uma expiação, um castigo, o triste destino do homem por ter comido do fruto proibido enquanto vivia no Paraíso. As palavras bíblicas de Deus falando a Adão, no livro do Gênesis, ilustram bem essa idéia:

Porque (...) comeste da árvore que eu te proibira comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimento dele te nutrirás todos os dias de tua vida. Ele produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. Com o suor do teu rosto, comerás teu pão até que retournes ao solo (...) (Gen. 3: 17-19).

Os ditos populares, como “a ociosidade é mãe dos vícios” e “cabeça vazia, oficina do diabo”, também representam essa visão católica do lazer e do trabalho. Nesta ideologia, o pobre é o eleito de Deus e, portanto, bom ou mau trabalho não importava. A acumulação de riquezas era condenável. Paradoxalmente, surge uma nova forma de exploração do trabalho, que ganha o nome de “servidão”. É a nobreza – reis, rainhas e corte – que reserva para si o direito ao ócio e à vida lúdica.

Com a Idade Moderna e a ascensão da burguesia como classe influente na sociedade e detentora do capital, surge a ideologia protestante (relembre o tema na Aula 3), que busca conciliar o capitalismo emergente com a fé cristã. A Reforma – a ética protestante – sinaliza uma nova atitude frente o significado do trabalho, havendo uma valorização do tempo necessário para

as atividades produtivas. O cumprimento dos deveres é o único modo de agradar a Deus, e o trabalho como missão enobrece e exalta os homens.

Dessa forma, a riqueza passa a ser encarada como uma benção divina, e a falta de dinheiro, que leva à pobreza, sinal de doença espiritual. Com a valorização da riqueza e do acúmulo de bens materiais, valoriza-se o trabalho como a forma privilegiada de consegui-los. Mas tanto a ideologia católica quanto a protestante, da época, sentiam um certo desconforto quando se falava em diversão e lazer.

Cada vez mais rica, a burguesia carecia, porém, dos títulos de nobreza característicos das cortes herdeiras das tradições medievais. Querendo, no entanto, se distinguir socialmente e se mostrar os mais abastados financeiramente, encontram a “saída” na vida fútil e de não-trabalho. Festas luxuosas, grandes viagens e uma vida lúdica serão utilizadas por essa classe burguesa como símbolos de distinção social e riqueza material. O empregado é aquele que trabalha.

É importante lembrar que, na sociedade pré-industrial, trabalho e lazer não eram excludentes, e as atividades de produção e trabalho (colheita, plantação) misturavam-se. O trabalho estava inserido nos ciclos naturais das estações e dos dias; o seu ritmo era tão natural como o ritmo do amanhecer e do anoitecer, sendo interrompido às vezes por pausas para repouso, descanso, jogos, competições, danças e cerimônias, não podendo ser denominadas lazer, pois não se constituíam num tempo isolado. O trabalho era suspenso quando ocorriam imprevistos como secas, inundações, doenças epidêmicas, guerras etc.

Porém, com o desenvolvimento da moral burguesa, que ganha influência na sociedade pós-Revolução Industrial, há uma repressão das atividades consideradas mais espontâneas e descompromissadas. Para a atividade capitalista, é dentro do trabalho livre e da sua organização racional que as contas podem ser calculadas com maior exatidão. Agora o valor passa a ser o trabalho e o corpo passa a ser visto como meio de produção: o

corpo produtivo, útil, alienado pelo caráter do trabalho que lhe é imposto. Deste modo, o tempo livre passa a ser definido em oposição ao trabalho, e mesmo os momentos livres (de não-trabalho) são determinados pela relação capital/capitalismo. Novos valores começam a se estabelecer entre trabalho e tempo livre do trabalho. O trabalhador vende a única coisa de que dispõe, a própria força de trabalho, e o tempo liberado surge apenas para a recuperação das energias.

E hoje em dia? Que conceitos temos sobre o tempo de trabalho e o tempo livre? Será que o tempo livre regulamentado, as leis salariais e as férias remuneradas aumentaram as chances de um número maior de pessoas viajar?

Leia o texto seguinte sobre como os alemães de hoje em dia mais utilizam seu tempo de lazer:

### **Vida social: O lazer entre os alemães**

Ver televisão é um dos passatempos preferidos dos alemães em suas horas livres. Outra atividade de lazer muito praticada são passeios nos parques, assim como a prática de esportes e atividades assistenciais.

Os alemães gastam, em média, 25% de seu dia (seis horas) com atividades de lazer, seja vendo televisão, praticando esportes ou se ocupando com *hobbies*. Quem trabalha fora tem direito a até seis semanas (31 dias úteis) de férias por ano, para uma jornada de trabalho que varia entre 35 e 41 horas semanais, dependendo da categoria profissional.

Segundo um estudo minucioso apresentado em dezembro de 2003 pelo Departamento Federal de Estatísticas (Destatis), os alemães dormem em média oito horas por dia, despendem 12 horas com trabalho e lazer e gastam outras quatro horas para higiene e alimentação.

A atividade de lazer preferida no país é ver televisão, para o que são gastas quase duas horas diárias, média, entretanto, inferior à dos vizinhos europeus. Os alemães também praticam muitas atividades ao ar livre, como esportes, passeios em parques ou ainda a jardinagem. Eles gostam também de ir ao cinema, a museus e teatros, jogar bolão (criado na Idade Média, deu origem ao boliche) ou *skat* (jogo de cartas), fazer passeios de automóvel e bicicleta, ler, nadar e ouvir música.



### Tarefas domésticas e filhos

Já que não é usual os lares disporem de empregada, este tipo de trabalho não remunerado consome grande parte do tempo das mulheres, tendo elas emprego ou não. O estudo do Destatis revelou que, se fossem remuneradas, essas atividades teriam somado, no ano de 2001, mais de 820 bilhões de euros, ou seja, cerca de 40% do PIB alemão daquele ano. Embora as mulheres ainda cumpram a maior parte das tarefas domésticas, nos últimos anos vem crescendo a disposição masculina em ajudá-las. Isso se verifica também no relacionamento com os filhos, que estão recebendo, em média, uma hora diária a mais de atenção do que em 1992.

### Entretenimento eletrônico

Os homens gastam a metade das seis horas livres que têm por dia principalmente com aparelhos de entretenimento eletrônico. As mulheres, que dispõem, em média, de meia hora de lazer a menos que eles por dia, têm comportamento semelhante, mas dedicam-se mais ao relacionamento social (em média, uma hora de conversa, seja ao telefone ou pessoalmente). Já as crianças e adolescentes despendem cerca de cinco horas diárias na escola ou com tarefas escolares. Outras seis horas são consumidas por atividades sociais e esportivas.

Embora a metade dos alemães esteja satisfeita com a quantidade de horas livres que têm, 45% gostariam de ter mais tempo para atividades de lazer, enquanto 5% prefeririam que ele fosse reduzido. As atividades livres concentram-se nos finais de semana. Numa família em que os pais trabalham fora, parte do sábado é dedicada às compras e tarefas domésticas, o resto do dia e o domingo são dedicados ao lazer.

### Destinos nas férias

Os alemães gostam de parcelar as férias a que têm direito. Para isso, orientam-se muitas vezes pelo calendário escolar, que é diferente em cada estado. De região para região, as crianças podem ter até duas semanas de férias na Páscoa, até seis semanas durante o verão europeu, até duas semanas no outono europeu e outras duas semanas no final do ano.

Estudos recentes indicam que, por razões tanto financeiras quanto de segurança, os alemães preferem cada vez mais viajar dentro do próprio país. Seus destinos favoritos são a Baviera, no sul, e a costa do Mar Báltico, no nordeste (...) Berlim e Munique lideram o *ranking* das cidades no turismo interno.

No verão europeu de 2002, o clássico pacote de avião e hotel para duas semanas no exterior dominou 39% das reservas. Os países preferidos dos alemães para passar as férias são a Espanha e a Itália. Já um terço da população alemã prefere aproveitar seus dias livres em casa.



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 2

2. De acordo com o conteúdo desta aula, você poderia dizer que tem um tempo livre? Em caso positivo, reflita e escreva alguns parágrafos sobre o uso que faz do seu tempo livre. Procure encontrar relações, também, deste tempo livre utilizado por você com as viagens e o turismo.

---

### Comentário

*O objetivo aqui é refletir sobre o conceito pós-Revolução Industrial de tempo de trabalho em oposição ao tempo livre. Será que, dentro do nosso sistema econômico, alguém que não trabalha pode dizer que tem um tempo livre? Ou será apenas um tempo ocioso? Aqui você deve elencar, ainda, as atividades que realiza no seu tempo livre, refletindo sobre o uso deste tempo, inclusive se existem motivações para usá-lo para viajar.*



## Atividade

---

### Atende ao Objetivo 3

3. Pesquise programas de turismo implantados pelo governo federal desde a fundação do Ministério do Turismo pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Analise quais são suas políticas e se elas permitem o acesso da maioria da população brasileira às viagens. Escreva alguns parágrafos sobre esse tema.

---

### Comentário

*O objetivo é analisar as viagens como privilégio de uma aristocracia ou como direito de todo cidadão. Visite o site do Ministério do Turismo < [www.turismo.gov.br](http://www.turismo.gov.br) > e pesquise algumas ações que possuem ligação com o tema, fornecendo sua opinião crítica.*

## O turismo e o lazer como faces do trabalho

A história do turismo registra que as primeiras viagens organizadas para um público formado por membros da classe trabalhadora datam da década de 1840, em plena Revolução Industrial. Credita-se ao inglês Thomas Cook (1808-1892) o pioneirismo no agenciamento e na operação turística, quando organizava e vendia pacotes para os trabalhadores industriais ingleses, conduzindo-os inicialmente para o País de Gales e para a Escócia e, mais tarde, ampliando as rotas para outros países da Europa (incluindo a França) e também para os Estados Unidos, o Oriente Médio e a longínqua Nova Zelândia.

Cook é um interessante personagem de nossa história, por ser ele próprio fruto dos processos desencadeados pela Revolução Industrial. Era um ex-operário que se tornou pastor protestante e, mais tarde, dono de um grande patrimônio, construído com as viagens turísticas que promovia, no contexto do crescimento da economia inglesa no século XIX. Acumulou um volumoso capital com a novíssima atividade turística que ele próprio ajudara a criar, chegando a possuir 84 escritórios de sua agência em vários países do mundo e um total de 1.700 funcionários em seus negócios. O objetivo inicial das viagens por ele organizadas era oferecer aos seus fiéis – a maioria operários ingleses afundados no alcoolismo e no estresse do trabalho – a recuperação do vício através do lazer saudável, levando-os para congressos antialcoolismo, para *tours* culturais e para a prática de esportes em lugares distantes. Agora não apenas os aristocratas e os ricos oriundos da emergente burguesia industrial que realizavam o *Grand Tour* teriam direito às viagens culturais e de lazer.

Segundo Haroldo Camargo (2001), um dos mais respeitados pesquisadores brasileiros que se dedicam a estudar a relação entre História, Turismo e Cultura, as crenças e os propósitos puritanos do movimento religioso de *Temperança* (do qual Thomas Cook fazia parte) estavam enraizados, entre outros fatores, “num mecanismo de controle sobre as classes trabalhadoras”. Ao condenar o uso do álcool pelos trabalhadores britânicos, que à época passou a ser visto não mais como um remédio, e sim como um mal para a saúde, fazia-se também um controle sobre a saúde e o comportamento do trabalhador e a sua conseqüente produtividade nas fábricas.

Além disso, ainda conforme Camargo (2001), outra relação entre a nascente atividade turística capitaneada por Thomas Cook e o desenvolvimento do capitalismo industrial são as excursões organizadas para as grandes feiras e exposições universais, ocorridas no século XIX, que revelam o “entusiasmo da burguesia industrial diante das múltiplas aplicações das máquinas e as eventuais possibilidades de bem-estar para os homens que delas se utilizavam”. O aspecto mais importante, porém, segundo o autor (apoiando-se no trabalho da pesquisadora francesa Florence Villechenon), é que “não se pode deixar de notar também os interesses político-ideológicos e hegemônicos que os orientam” (p. 50). Isso significa dizer que as grandes exposições e feiras universais tinham como objetivo subliminar mostrar ao mundo o poderio político e econômico dos países que ali estavam representados, notadamente a Inglaterra e a França.

Camargo também nos lembra que foram construídos, especificamente para as grandes exposições universais sediadas na França no século XIX e destino de várias excursões promovidas por Thomas Cook, diversos exemplares da monumental arquitetura moderna, que foram incorporados à paisagem urbana e ao patrimônio turístico francês, tais como: a Torre Eiffel (construída para a exposição de 1889, para demonstrar o que havia de mais espetacular na tecnologia aplicada ao uso de estruturas metálicas), o Grand e o Petit Palais, a Ponte Alexandre III, sobre o rio Sena, o Palais de Tokio e o Palais de Chaillot.

A biografia de Thomas Cook confunde-se, portanto, com a própria ascensão e consolidação do turismo tal como o conhecemos hoje, que surgiu no bojo da Revolução Industrial; desenvolveu uma estrutura de serviços e equipamentos voltada para a prática turística; baseava-se na relação trabalho, tempo livre e lazer e tinha o capital como forma de viabilização e controle da atividade.

### **Relações entre trabalho, turismo e lazer na atualidade**

A combinação trabalho, lazer e turismo está cada vez mais em evidência em nossos dias em função da extrema competitividade no mundo do trabalho e das contradições que ela provoca, como a grande necessidade de tempo livre e de melhoria da qualidade de vida. É cada vez maior a quantidade de modernos equipamentos turísticos, especialmente os grandes hotéis e os *resorts*, aparelhados com centros de convenções, *business centers* e toda a infra-estrutura necessária para a realização do trabalho fora do ambiente corporativo, no espaço dedicado ao tempo livre e ao lazer.

Também é comum encontrarmos hoje grandes empresas premiando seus funcionários com as chamadas “viagens de incentivo”. São cortesias das corporações para com os funcionários que se destacarem no cumprimento das metas estabelecidas pelas empresas. O intuito dessas viagens é estimular a capacidade criativa e produtiva dos funcionários premiados e daqueles que almejam um dia conquistar tão cobiçado prêmio. As viagens de incentivo são autopagáveis, pois as metas foram alcançadas, não trazendo nenhum custo adicional às empresas. Essas viagens criam grandes expectativas nos funcionários e possuem diversos diferenciais, surpresas, brindes e “mimos” que fazem com que os empregados sintam-se realizando um sonho, que permanecerá em suas memórias por muito tempo, conforme atestam os especialistas em marketing turístico.

Os funcionários das empresas são enviados para os mais diferentes destinos: desde conhecer a matriz em outro estado ou país até um safári na África ou assistir à Copa do Mundo com todas as despesas pagas. As viagens de incentivo movimentam o mercado turístico e estão entre os segmentos que mais crescem em todo o mundo, segundo a Organização Mundial do Turismo.

Outra forma cada vez mais comum de relação entre trabalho, lazer e turismo são os treinamentos corporativos. Em geral, combinam lazer, turismo de aventura (*rafting*, arvorismo, *trekking* e outras modalidades) e capacitação para o trabalho nos mais diferentes ramos. São realizados jogos e dinâmicas onde se busca, em meio às situações inusitadas que se apresentam, o desenvolvimento do espírito de liderança, de interação e de bom relacionamento entre a equipe na busca de soluções coletivas para o alcance de determinadas metas ou a resolução de problemas, como se espera reproduzir no ambiente de trabalho.

As viagens de incentivo e os treinamentos corporativos combinados com o turismo de aventura ou de lazer são, portanto, um dos modernos mecanismos de gestão e controle utilizados pelas empresas para alcançarem bons resultados corporativos. Nessa perspectiva, trabalho e turismo são duas faces de uma mesma moeda. Tomando o exemplo das viagens de incentivo, temos que:



Funcionário premiado ou estimulado a receber como prêmio uma viagem de incentivo = funcionário motivado/satisfeito = maior produtividade = melhores resultados para a empresa.



## Atividade Final

1. Pesquise empresas do Brasil ou do exterior que ofereçam, em seus programas de incentivo ao funcionário ou em seus programas de treinamento, viagens, estadas ou atividades de lazer. Analise o funcionamento desses programas e escreva um pequeno texto opinando sobre seus possíveis benefícios e sua eficácia no incremento da relação entre o lazer, as viagens e o turismo.

### Comentário

*Como foi dito no texto anterior, muitas empresas, no Brasil e no exterior, aliam as viagens, o lazer e o turismo às suas estratégias de bonificação, premiação e satisfação do seu quadro de funcionários. Na França, o próprio governo oferece férias relaxantes nas estações termais da famosa cidade de Vichy, cujas águas são consideradas as mais puras de todo o mundo. Aproveite e faça uma visita virtual ao site do escritório de turismo da cidade em <http://www.vichy-tourisme.com>.*

### Resumo

Podemos estabelecer diferenças entre a viagem e a prática do turismo, como entendemos hoje, a partir do estudo da Revolução Industrial e de suas transformações no mundo Ocidental. Além dos avanços tecnológicos nos meios de comunicação e nos transportes, é importante lembrar a contribuição do inglês Thomas Cook, que promoveu diversas excursões voltadas para os operários ingleses, inaugurando, assim, vários serviços turísticos e facilitando o acesso de novas camadas sociais ao turismo. Além disso, deve-se a ele a realização do primeiro *tour* com participação de guias de turismo, a criação do primeiro cupom de hotel – o *voucher* – e a realização da primeira volta ao mundo turisticamente organizada.

A Revolução Industrial, que afirmou o sistema capitalista de produção, estabeleceu também uma diferença essencial entre o tempo de trabalho e o tempo livre, que foram negociados nos anos seguintes, através dos sindicatos, dando aos trabalhadores uma jornada diária com salário fixo, férias remuneradas e descanso semanal. A partir desse momento, é possível a um número cada vez maior de pessoas realizar o sonho de viajar, pelas mais dife-

rentes motivações, o que, no início do século XVIII, na Europa ocidental, era privilégio de uma elite aristocrática, chamados *grand tourists*, que tinham no aprimoramento cultural o principal motivo de conhecer novas cidades e culturas.

## ***Resumo do Módulo 1***

Você deve ter reparado o destaque dado à história européia até aqui. Estudamos a Antigüidade, destacando as sociedades grega e romana, tratamos da Europa medieval, da formação dos estados nacionais europeus, das viagens ultramarinas que resultaram nos descobrimentos da América e do Brasil, durante a Idade Moderna; falamos da passagem para a Idade Contemporânea, destacando os marcos principais, que são a Revolução Francesa, os movimentos nacionalistas e a Revolução Industrial, que representa um processo decisivo para a história do turismo mundial; abordamos as principais tendências artísticas e intelectuais do período.

Mas por que tanta ênfase no continente europeu? Longe de cairmos na tão criticada corrente “eurocêntrica”, que considera a Europa o centro do mundo e o modelo a ser seguido, desenvolvemos estas aulas do Módulo 1 privilegiando a Europa por considerarmos fundamental a sua importância histórica para o Ocidente, em especial para a formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, que trataremos a partir do Módulo 2.

Julgamos interessante uma visão integrada da História, em que estabelecemos paralelos, sempre que possível, entre os acontecimentos europeus e os acontecimentos brasileiros. Também, na medida do possível, as relações com os demais continentes e o Brasil irão sendo descortinadas ao longo desta disciplina.

Buscamos, ainda, uma integração com o turismo, numa perspectiva interdisciplinar, levando em conta a sua história, seus conceitos e tendências atuais, sempre com o cuidado de não cairmos na armadilha do anacronismo, isto é, localizar no passado as respostas para os nossos anseios do presente, sem a percepção de que o turismo é uma construção recente. Ou seja,



evitamos posicionar o turismo fora de seu tempo, considerando-o como uma atividade capitalista, que começa a ganhar forma, como você já estudou, a partir da Revolução Industrial. Antes disso, buscamos alguns rudimentos que mais tarde fariam parte da atividade turística, destacando as viagens e deslocamentos dos povos até o alvorecer do século XIX.

Nos Módulos 2 e 3, destacaremos o processo de formação da sociedade brasileira, fazendo as conexões necessárias com o contexto mundial, para entendermos as principais matrizes que caracterizam o nosso país e nos ajudam a responder perguntas como: o que é ser brasileiro?; quem é o povo do Brasil?; por que há tanta desigualdade social no país?; qual a imagem do Brasil no exterior?; quando e como começa a atividade turística no Brasil?; quais os seus principais atrativos ao longo da história?; quais os principais desafios e obstáculos a serem superados? São questões fundamentais que estimulam a reflexão crítica sobre o nosso país e também nos desafiam a pensar qual o papel do profissional de Turismo no Brasil do século XXI. Você já parou para pensar no seu papel na história do país?

## **Informações sobre a próxima aula**

Na próxima aula, nossos estudos serão focados no Brasil; começaremos conhecendo um pouco da nossa pré-história, do rico período situado antes da chegada dos portugueses, procurando verificar como este conteúdo pode servir no incremento do Turismo brasileiro. Até lá!



# 9

## O nascimento do Brasil: da pré-história à colonização portuguesa

### Meta da aula

Apresentar os resultados das pesquisas recentes que desvendam o rico passado brasileiro antes da colonização portuguesa, bem como as novas iniciativas de aproveitamento turístico desse patrimônio.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 reconhecer a importância da pré-história brasileira para a formação do país;
- 2 identificar as relações entre as novas descobertas científicas sobre o Brasil pré-cabralino e o turismo.

## Introdução

*Eram povos que tinham um simbolismo imenso,  
uma profundidade de espírito enorme,  
povos extremamente ricos,  
porque tinham tempo para viver.*

(Niède Guidon, antropóloga, a respeito dos nossos  
ancestrais que habitaram a Serra da Capivara – PI)

Era uma vez um bravo navegador português chamado Pedro Álvares Cabral. No dia 22 de abril de 1500, a esquadra comandada pelo nobre lusitano a serviço do rei D. Manuel I, composta por 13 embarcações e cerca de 1.500 homens, chegou à desconhecida terra, na costa da Bahia, batizada inicialmente de Monte Pascoal, em alusão ao período da Páscoa...

Não é assim que tradicionalmente a história do Brasil começa a ser contada? A “certidão de nascimento” do Brasil comumente não está associada aos relatos do Descobrimento? Tendo como marco fundador a empreitada portuguesa no século XVI, por muito tempo a história do que mais tarde seria o Brasil privilegiou o ponto de vista europeu, ressaltando os feitos lusitanos. Mas... e antes dos portugueses? Não há história? O que sabemos a esse respeito? Quais são as novas contribuições da ciência, com os avançados recursos tecnológicos, sobre o que se convencionou chamar de pré-história do Brasil? Como o turismo se beneficia dessas novas informações? Quais os impactos da atividade turística relacionada a esse riquíssimo patrimônio brasileiro? Essas são algumas das reflexões que propomos nesta aula e na próxima.

Preparamos duas aulas bastante diferentes do convencional. Faremos uma expedição pela pré-história brasileira. Começaremos pelos sítios paleontológicos, ricos em fósseis de animais de grande porte; em seguida, visitaremos as exuberantes cavernas revestidas de pinturas rupestres, “decoradas” por nossos ancestrais que aqui viveram há milênios (aliás, você sabia que o Brasil

é o país que possui a maior quantidade de inscrições rupestres do mundo?); finalmente, na Aula 10, chegaremos à história dos povos que habitaram o Brasil nos períodos que antecederam a vinda dos portugueses. Em todas essas aventuras pela pré-história brasileira, buscaremos as devidas conexões com o turismo.

Como você pode ver, há muita história para contar antes do episódio do Descobrimento e muitos locais interessantes dos quais o turismo pode se beneficiar, desde que sejam praticados os princípios éticos da atividade, considerando a fragilidade dos ecossistemas e o respeito às culturas locais. Já imaginou os impactos que a quantidade de *flashes* das máquinas fotográficas, a própria respiração humana, expelindo dióxido de carbono, o calor corporal e até mesmo aqueles “inocentes” recados, do tipo “Fulano, de tal lugar, esteve aqui, na data tal”, podem causar a uma caverna repleta de inscrições rupestres, por exemplo? Definitivamente, não é desse turismo que estamos falando...

## Muito antes de se chamar Brasil

O espaço correspondente ao que hoje é o território brasileiro é resultante de diversos processos geológicos ocorridos há milhões de anos. Como efeitos desses processos, aqui já tivemos terremotos e vulcões em erupção; nosso território já foi cercado de água; e as hoje áridas terras do sertão, onde se encontram muitos fósseis de animais pré-históricos, já foram regiões banhadas por grandes lagos, com uma paisagem verdinha e fértil, onde esses animais da megafauna (mamíferos gigantes pré-históricos) brasileira viviam.

Estima-se que os dinossauros foram extintos da Terra há 65 milhões de anos, no período Cretáceo da era Mesozóica. Os motivos são variados e contestados pelas diferentes correntes científicas, sendo a mais aceita a teoria de que um grande asteróide se chocou com o nosso planeta, o que impediu a entrada da luz solar e causou o resfriamento da Terra, exterminando todos os dinossauros. No Brasil, foram catalogadas cerca de 20 espécies

de dinossauros, entre eles alguns dos mais antigos do mundo, que viveram há aproximadamente 200 milhões de anos. Mais adiante, estudaremos as relações entre a megafauna brasileira e o turismo.

Sem querermos nos aprofundar nos estudos sobre a geologia brasileira, que foge ao nosso propósito, preocupamo-nos em tecer essas breves considerações, a fim de mostrar-lhe de que há muito a conhecer a respeito de nossa pré-história, desde tempos muito longínquos, quando não havia seres humanos, muito menos portugueses.

Para que não reste nenhuma dúvida, nunca é demais lembrar que dinossauros e humanos, que pertencem à família dos hominídeos ou Homo, não conviveram. O surgimento dos primeiros hominídeos (os *Australopithecus*) data de cerca de 4 milhões de anos; o Homo Sapiens sapiens (a nossa espécie), segundo as pesquisas mais recentes, surgiu há aproximadamente 150 mil anos no continente africano.

Dentre os sítios arqueológicos mais antigos que registram a presença do homem pré-histórico no território que hoje compreende o Brasil, destacamos dois de grande importância cultural, ambiental e turística, que foram transformados em Parques Nacionais (PARNAs): o Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, no Piauí, e o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, em Minas Gerais.

Além da paisagem exuberante, ambos registram aspectos da vida humana há milênios, através das bem conservadas pinturas rupestres, das ossadas e dos artefatos culturais encontrados pelos arqueólogos. Cenas do cotidiano, relatando as formas e a divisão social do trabalho, as crenças, a reprodução sexual e a vida em comunidade são apresentadas nas paredes das cavernas, revelando-se um testemunho extremamente valioso da diversidade cultural na pré-história brasileira.

## PARNA Serra da Capivara: berço do homem americano



**Figura 9.1:** Arte rupestre da Serra da Capivara (PI).

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Serra\\_da\\_capivara](http://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_da_capivara)

O Parque Nacional da Serra da Capivara possui 100.000 hectares e está localizado no delta do Rio Paranaíba, no sul do estado do Piauí, entre os municípios de Coronel José Dias, São Raimundo Nonato, São João do Piauí e João Costa. A região possui 460 sítios arqueológicos já catalogados e é considerada uma das mais importantes do mundo, tendo sido declarada, em 1991, Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

As pesquisas científicas, de caráter interdisciplinar (abrangendo diversas áreas do conhecimento), foram iniciadas há 30 anos e revelam importantes descobertas sobre o desenvolvimento cultural dos povos indígenas que habitaram a região ao longo de milênios, nos diversos períodos da pré-história. Os artefatos encontrados no sítio do Boqueirão da Pedra Furada, conforme os estudos científicos, são os mais antigos das Américas, indicando a presença do homem no continente americano há pelo menos

48.000 anos. Isso coloca por terra a *Teoria de Clóvis*, que defende que os mais antigos povos das Américas aqui viveram há cerca de 12.000 anos e chegaram ao continente através do Estreito de Bhering, entre o Alasca e os Estados Unidos, passaram pela América Central e alcançaram o Brasil.

Boa parte desses esforços deve-se à antropóloga francesa Niède Guidon, uma das maiores defensoras e responsáveis pelas descobertas científicas na região do Parque Nacional da Serra da Capivara e idealizadora da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), criada em 1986. Esta é resultado de uma comissão mista de cientistas brasileiros e franceses que pesquisa a região desde 1978. Atua em parceria com o Ibama, ficando responsável, além da pesquisa científica junto a diversas universidades, pelo cumprimento do Plano de Manejo e da política de vigilância no Parque.

Os estudos científicos no Parque Nacional da Serra da Capivara também contemplam as formações geológicas da região; as alterações climáticas ali ocorridas nas diferentes eras; as mudanças ambientais mais recentes, provocadas pela ação humana (queimadas para tentativas de plantação dentro dos sítios arqueológicos, desmatamentos das encostas, acelerando o processo de erosão) e os conflitos sociais pela ocupação das terras do Parque, envolvendo fazendeiros, sem-terras, o poder público e a FUMDHAM.

Pouco a pouco, a pré-história brasileira vem ganhando espaço nas diferentes mídias contemporâneas e atraindo o interesse de muitos turistas. Na Serra da Capivara, registra-se que a maior parte dos turistas é de origem estrangeira. Esse conhecimento ainda é muito pouco disseminado entre os brasileiros. Para a visita pública, além do Museu do Homem Americano, com uma diversidade de fósseis e artefatos indígenas encontrados nas pesquisas científicas, estão abertos 22 sítios arqueológicos, que contam com placas de sinalização turística, rampas e escadarias de acesso, além de um centro de apoio aos visitantes, equipado com auditório, sanitários e loja de souvenir. Além disso,



a construção do Aeroporto Internacional de São Raimundo Nonato, distante 534 quilômetros de Teresina, tem como um dos objetivos incrementar o turismo, viabilizando o aumento do fluxo de visitantes e o desenvolvimento econômico da região.



Assista ao vídeo sobre o Parque Nacional da Serra da Capivara (02:53 min), disponível em <http://br.youtube.com/watch?v=S9PXGdf1JLc&feature=related> e encante-se com as surpreendentes imagens do riquíssimo patrimônio da região. Atente também para a oferta de equipamentos turísticos (hotéis e restaurantes) mencionada no vídeo.

## PARNA Cavernas do Peruaçu (MG): o desconhecido santuário revela a história de seus povos

Sem a conclusão do Plano de Manejo, que, entre outras funções, regula o uso do Parque para a visitação pública, o acesso ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, localizado entre as cidades de Januária, Itarambi e São João das Missões, no Norte de Minas Gerais, é permitido somente aos pesquisadores com autorização especial do Ibama. Trata-se de um santuário arqueológico, histórico, **espeleológico** e ecológico, com 140 cavernas catalogadas e mapeadas (acredita-se que haja em torno de 300 cavernas).

Os mais de 90 sítios arqueológicos já identificados no Parque apresentam vestígios da presença humana na região há 11 mil anos e estão entre os mais importantes do mundo. As pinturas rupestres, encontradas nas cavernas e nas grutas, registram aspectos de diferentes culturas de povos pré-históricos que viveram no Vale do Peruaçu. Os achados arqueológicos revelam algumas práticas dos nossos antigos ancestrais, como o cultivo de alimentos, entre eles o milho e o feijão, e a habilidade na produção da cestaria.

### **Espeleologia**

É a ciência que se dedica, basicamente, ao estudo das cavernas: sua formação, constituição, características físicas, formas de vida e sua evolução ao longo do tempo.

É uma disciplina técnico-científica interligada a ciências como Geologia, Hidrologia, Biologia, Climatologia, Antropologia e Arqueologia. Os estudos espeleológicos apoiam-se, frequentemente, em levantamentos topográficos.

A simples exploração ou visita das cavernas está por vezes associada à espeleologia, embora não se deva confundir com esta ciência.



**Figura 9.2:** Inscrições rupestres numa das cavernas do Peruaçu.  
Fonte: [http://www.horadobrasil.net/index.php?option=com\\_gallery2&Itemid=30&g2\\_itemId=62062](http://www.horadobrasil.net/index.php?option=com_gallery2&Itemid=30&g2_itemId=62062)

Um dos povos mais antigos que ainda hoje habitam a região e lutam para preservar os seus costumes são os *xacriabás*, etnia indígena que vive numa reserva no município de São João das Missões, vizinho ao PARNA Cavernas do Peruaçu. Estes viviam ali antes mesmo das expedições dos bandeirantes, no século XVII, e já foram considerados extintos. Hoje, restam 8 mil remanescentes e, mesmo com as suas terras demarcadas numa reserva, os *xacriabás* continuam convivendo com os problemas fundiários ainda comuns no Brasil. Toda a sua trajetória foi marcada por inúmeros conflitos de terra, típicos da história do Brasil:

foram perseguidos e massacrados pelos bandeirantes, tiveram a posse de suas terras ameaçada pela Lei de Terras, de 1850, que, entre outras medidas, estabelecia que a partir de então as terras deveriam ser adquiridas através de compra; em 1949, as suas terras foram consideradas devolutas (terras pertencentes ao Estado sem qualquer uso público); foram mortos em confrontos com fazendeiros da região ao longo de vários conflitos no século XX.

Os *xacriabás*, que passaram por vários processos de **aculturação**, lutam pela construção e preservação da sua identidade, que reúne um conhecimento multissecular do uso da terra, tradições orais, festas e costumes que enriquecem a história do ainda desconhecido Vale do Peruaçu, um tesouro brasileiro que vem aos poucos sendo descoberto pelo turismo.

### Aculturação

Significa a assimilação de elementos de uma cultura externa por uma outra cultura. Considerando que a cultura é dinâmica, as trocas culturais ocorrem com frequência, implicando a assimilação de novos elementos a uma determinada cultura. Entretanto, na colonização brasileira e americana, a assimilação forçada dos valores culturais dos colonizadores (religiosidade, língua, costumes) foi uma marca determinante, provocando um violento choque cultural e a perda de importantes referências para as culturas nativas, tema que será tratado mais detalhadamente nas próximas aulas.



## Atividades

### Atendem ao Objetivo 1

1.a. Quando questionada sobre o propósito das pesquisas científicas na Serra da Capivara, a antropóloga Niède Guidon, juntamente com a sua equipe, nega que seja comprovar as origens do homem americano, mas sim entender “a relação do homem com o seu meio, da pré-história aos dias atuais, na região sudeste do Piauí”.

A partir da leitura do texto e de outras fontes de pesquisa disponíveis na internet, estabeleça algumas diferenças entre a relação do homem pré-histórico e do homem moderno com o seu meio.

1.b. Aponte uma razão para a falta de divulgação das informações científicas a respeito da pré-história brasileira para o grande público.

### Comentários

1.a. O objetivo principal desta questão é refletir sobre as diferenças entre essas duas sociedades, separadas pelo tempo por milhares de anos. Você pode comentar as interações de nossos longínquos ancestrais com seu meio, baseadas no uso racional dos recursos naturais e na organização comunitária, e os riscos de esgotamento

*desses recursos em nosso tempo, devido, entre outros fatores, ao seu consumo desregrado e ao senso de competitividade entre os nossos contemporâneos. Também a concepção de tempo dos povos pré-históricos e a atual pode ser privilegiada, conforme a epígrafe desta aula.*

*b. Você pode escolher e discutir, entre outras, uma das seguintes opções: 1. a falta de apoio à divulgação da pesquisa científica no país; 2. a baixa qualidade da programação dos meios de comunicação de massa; 3. a forte influência da historiografia tradicional européia e da própria colonização que, por muito tempo, reforçaram no imaginário brasileiro os feitos das elites brancas como os mais relevantes para a nossa história.*

## **O saque dos bens culturais, o turismo e as formas alternativas de desenvolvimento**

Você já ouviu falar naquelas histórias de brasileiros comuns (deixando de lado as fantasiosas aventuras de *Indiana Jones*) que, ao realizarem algum tipo de obra em seu terreno, se depararam com ossadas, restos de cerâmica, animais ou plantas fossilizados? O que fazer quando isso ocorre: comunicar o fato às autoridades competentes ou buscar saber quanto vale aquele tesouro descoberto? O serralheiro Rogério Motta, da cidade de Laguna, em Santa Catarina, passou por uma experiência dessas. Encontrou em seu quintal, em 2007, ossadas humanas que datam de 4 mil anos, conforme estimado pelos pesquisadores da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Rogério agiu corretamente, comunicando o fato às autoridades competentes. Esses fósseis são um bem público e pertencem à União (Governo Federal). Possuem grande interesse científico, um valor cultural inestimável e fazem parte do conjunto dos bens que integram o patrimônio brasileiro.

Entretanto, nem todos costumam agir como o serralheiro de Laguna. As comunidades que vivem no entorno dos sítios arqueológicos e paleontológicos brasileiros são geralmente muito carentes de recursos e de oportunidades de desenvolvi-

mento. Não é raro o fato de alguns moradores fazerem desse inestimável patrimônio uma fonte alternativa de renda. Os fósseis (restos de plantas e animais que foram preservados e, na maior parte dos casos, transformados em minerais), as ossadas e os artefatos produzidos pelos nossos ancestrais são adquiridos, em sua maioria, por pesquisadores de várias partes do mundo e por turistas, interessados nesses exóticos suvenires. Sua venda é proibida no Brasil, mas é freqüente. Os comerciantes desses “produtos” formam a ponta mais frágil de uma cadeia internacional de comércio ilegal de bens culturais. Esses bens, devido à sua imensa importância científica e para a coletividade, são considerados patrimônio do país e não possuem valor comercial.

A Constituição Federal de 1988, no Capítulo III, Seção II, insere os bens de valor arqueológico e paleontológico no conjunto do patrimônio cultural brasileiro, conforme se lê no artigo 216 (grifos nossos):



Art. 216 Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

**V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.**

§ 1.º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2.º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3.º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

**§ 4.º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.**

§ 5.º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Embora cause danos irreparáveis à sociedade e seja passível de punição, conforme prevê a Constituição Brasileira, o comércio de fósseis e de outros bens de importância cultural é praticado abertamente, sejam nas feiras livres, nas lojas para turistas ou na internet (para mais detalhes sobre essa prática no mundo virtual, acesse o *site* [http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id\\_conteudo=9048](http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=9048)).

Um triste exemplo ocorre na Chapada do Araripe, localizada no sertão do Cariri, região agreste no estado do Ceará e distante mais de 500 km de Fortaleza. Esta é considerada a maior jazida fossilífera do Brasil e uma das regiões mais importantes do mundo para os estudos da Paleontologia, devido à quantidade e ao excelente estado de conservação dos fósseis nas rochas calcárias. A área abrange também os estados do Piauí e de Pernambuco.

Na região, é comum a extração dessas rochas calcárias para serem comercializadas e utilizadas no setor da construção civil. Também o comércio de fósseis é praticado com frequência. O trabalho é feito pelos próprios moradores, conhecidos como “pescadores de peixes de pedra”, que vivem em estado de miséria, conforme reportagem da revista *Isto É*. Além da dilapidação do patrimônio brasileiro, a atividade provoca sérios impactos ambientais, causando o assoreamento dos rios e aumentando a erosão. Também as condições de trabalho na região são degradantes. Os trabalhadores são explorados e não há qualquer tipo de proteção contra os resíduos das rochas, o barulho das máquinas e as altas temperaturas do sertão, que representam sérias ameaças à saúde desses homens.





**Figura 9.3:** Exploração das lajes calcárias na cidade de Santana do Cariri: destruição de um valioso patrimônio brasileiro.

Fonte: [http://www.geocities.com/cariri\\_ce/fotografias.htm](http://www.geocities.com/cariri_ce/fotografias.htm)

O destino dos fósseis contrabandeados, invariavelmente, são as mãos dos colecionadores e dos turistas, a utilização na pesquisa científica realizada em universidades estrangeiras e o acervo de renomados museus do mundo inteiro. Esse inestimável patrimônio é vendido a preços módicos a atravessadores que o revendem a peso de ouro no exterior. Também são comercializados livremente nas feiras livres, como em São Paulo: “os pequenos peixes incrustados na pedra viram chaveiros e lembranças vendidas em lojas de *souvenir* e por camelôs em feiras como a da Praça da República em São Paulo.” Conta a reportagem da *Isto É* (TRINDADE; DUSEK; 1996).

Como medida de proteção desse patrimônio, estuda-se a implantação de um geoparque, batizado de “Parque dos Pteros-

sauros” (uma espécie de dinossauro que habitou a região há cerca de 100 milhões de anos, no período cretáceo, quando ali havia um lago gigantesco), estimulando a visitação turística e o interesse científico nas novas gerações. Essa iniciativa seria uma fonte mais digna de trabalho e de renda para os “pescadores de peixe de pedra”, que teriam na atividade turística o seu sustento, ao mesmo tempo em que ajudariam a preservar esse cobiçado tesouro brasileiro.

A comunidade científica e também o chamado trade turístico (formado por aqueles que operam o turismo enquanto uma atividade comercial) têm discutido formas alternativas de geração de emprego e de renda através da atividade. No lugar de um turismo predatório, que leva ao esgotamento daqueles recursos que justamente motivariam a visitação turística e trariam o sustento para as comunidades, propõem formas sustentáveis de utilização do patrimônio natural e ambiental, de maneira a garantir às gerações futuras o acesso a esses bens, beneficiando, inclusive, as comunidades que com aquele patrimônio se identificam.



### **Sustentabilidade**

É um conceito sistêmico relacionado com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana.

Propõe-se a ser um meio de configurar a civilização e as atividades humanas, de tal forma que a sociedade, os seus membros e as suas economias possam preencher as suas necessidades e expressar o seu maior potencial no presente e, ao mesmo tempo, preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir pró-eficiência na manutenção indefinida desses ideais.

A sustentabilidade abrange vários níveis de organização, desde a vizinhança local até o planeta inteiro.

O termo é usado atualmente por várias áreas de conhecimento, adaptado de acordo com cada necessidade. No turismo, a sustentabilidade se tornou um item obrigatório na elaboração do planejamento turístico de uma localidade. Para isso, o turismo se utiliza de conceitos que ganharam formas concretas a partir da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento



(Eco-92). Portanto, nos fundamentos teóricos do turismo, costuma-se dizer que a sustentabilidade se apoia em quatro componentes:

- Comunidade receptora.
- Visitantes.
- Meio ambiente.
- Atividade turística.

É fundamental que, ao lado de uma legislação mais rígida quanto à proteção do patrimônio cultural brasileiro, seja realizado um trabalho permanente de educação e conscientização das comunidades e dos turistas quanto à preservação dos bens patrimoniais, que são um direito de todos, inclusive das gerações vindouras.

Como alternativa à venda ilegal do patrimônio brasileiro, destacamos algumas iniciativas muito bem-sucedidas que promovem o desenvolvimento econômico através do fluxo de turistas e de capitais para as regiões que possuem sítios de importância histórica, arqueológica e paleontológica, objetos de estudo desta Aula 9. É o caso da cidade de Maravilha, em Alagoas, localizada a 234 km de Maceió.

Há pouco mais de 10 anos, quando cavavam o solo do sertão à procura de água, os moradores da pequena cidade do semi-árido alagoano, com cerca de 15.000 habitantes, descobriram as ossadas de animais da megafauna que habitaram a região entre 2 milhões e 10 mil anos atrás. Pouco a pouco, Maravilha vem se estruturando para disponibilizar o seu rico patrimônio aos estudantes, cientistas e turistas.

Em maio de 2007, foi criado o Museu Paleontológico de Maravilha, cujo acervo reúne espécies tais como: tigre-de-dente-de-sabre, preguiça gigante, mastodonte, tatu gigante, entre outros. Com o apoio do poder público local, foram espalhadas pela cidade várias réplicas dos animais pré-históricos em tamanho natural, como estratégia de marketing e criação de uma identidade dos moradores com o seu patrimônio. Estuda-se também a criação de um parque temático paleontológico abrangendo a

cidade de Maravilha e as vizinhas Ouro Branco e Poço das Trincheiras, além da transformação da região em Área de Proteção Ambiental (APA).



**Figura 9.4:** Réplica de um animal pré-histórico em exposição na cidade de Maravilha – AL.

Fonte: <http://blogdobirrada.blogspot.com/search?q=maravilha+alagoas>

Embora ainda não disponha de uma boa oferta de equipamentos e serviços turísticos (carecendo, principalmente, de meios de hospedagem) nem de uma infra-estrutura de apoio turístico adequada (as estradas de acesso à cidade são um dos problemas críticos), os cidadãos maravilhenses sabem da importância do turismo temático para o seu desenvolvimento. Em depoimento a Marcelo Cabral, publicado no *site Overmundo*, em setembro de 2007 (<http://www.overmundo.com.br/overblog/maravilha-pre-historica>), o jovem Urbano José dos Santos, de 18 anos, revela a sua consciência sobre a importância do turismo para a cidade:

o museu e as descobertas podem ajudar no desenvolvimento econômico e cultural; a população entendeu do que se trata e está confiante, investindo em comércio, estão construindo uma churrascaria, já aumentou o número de lanchonetes, só havia uma e hoje são quatro; vão criar uma feira para artesanatos com os bordados e os sabonetes

de leite de cabra. Todos falam em 200 turistas por mês no começo (CABRAL, 2007).

Maravilha e as cidades adjacentes estão no caminho de um **turismo sustentável**, criando novas opções de renda para a população e respeitando o patrimônio de toda a coletividade.



## Atividades

### Atendem ao Objetivo 2

2.a. Apresente uma razão de ordem cultural e uma razão de ordem econômica para o uso turístico dos patrimônios referentes à pré-história brasileira.

2.b. Assim como na cidade de Maravilha, réplicas dos bens patrimoniais estão sendo expostas em lugares públicos para fins turísticos, consolidando uma tendência mundial. Os originais são levados para instituições de guarda e preservação, como os museus. O tema gera bastante polêmica: de um lado, estão os defensores da exposição pública dos bens em seu lugar de origem, como um direito de todos; de outro, aqueles que consideram que a ação do tempo, a própria presença humana e o comportamento de alguns visitantes provocam danos aos bens originais, devendo ser substituídos por cópias idênticas.

Veja alguns exemplos:

1. Construção de uma réplica ao lado da caverna pré-histórica de Lascaux (França) para visitação turística, a fim de evitar que a presença humana (respiração, calor, má educação) deteriore os valiosos testemunhos da pré-história europeia encontrados na caverna original.
2. Transferência das famosas esculturas dos deuses gregos do Partenon, em Atenas, para um museu, com a utilização de réplicas em seu lugar.
3. Proposta de substituição, por réplicas, das esculturas originais dos 12 apóstolos feitos pelo Mestre Aleijadinho no século XVIII no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em Minas Gerais.

Agora dê a sua opinião: os exemplares do patrimônio mundial devem ser mantidos em seu lugar de origem? Como o turismo pode contribuir para a preservação ou a deterioração de um patrimônio?

### **Turismo sustentável**

Em 1995, a Organização Mundial do Turismo (OMT) assim definiu o turismo sustentável: “é aquele ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. Exige integração ao meio ambiente natural, cultural e humano, respeitando a frágil balança que caracteriza muitas destinações turísticas, em particular pequenas ilhas e áreas ambientalmente sensíveis”.

---

## Comentários

*2.a. Dentre as diversas possibilidades de resposta, sugerimos como justificativa cultural a importância da divulgação e do conhecimento desse legado para que as gerações atuais e futuras compreendam a sua responsabilidade na preservação desses bens, que registram as várias formas de vida no Planeta em outros tempos e nos lembram do nosso papel na preservação das espécies ainda existentes.*

*Quanto às razões econômicas que justificam o uso turístico dos patrimônios da pré-história brasileira, destacamos a importância da diversificação das economias locais, sendo o turismo uma alternativa, ou a necessidade de geração de emprego e renda para as comunidades que vivem próximas aos sítios arqueológicos, paleontológicos etc. Tais comunidades geralmente são desprovidas de recursos econômicos, sendo a atividade turística um importante meio de desenvolvimento econômico local. Recomenda-se que em sua resposta você reconheça a necessidade do respeito ao patrimônio, para que não ocorram problemas semelhantes aos da Chapada do Araripe, no Ceará.*

*2.b. O desafio proposto pela questão anterior é estimular a sua reflexão sobre a polêmica em relação à exposição pública dos bens originais e sua relação com o turismo: deixá-los em seu lugar inicial, dentro do seu contexto histórico, ou representá-los através de cópias? Não há um “gabarito” para a questão. Seja qual for a sua posição, procure utilizar argumentos consistentes que defendam o seu ponto de vista.*

*Em relação ao turismo, apresente vantagens e desvantagens que a atividade pode oferecer quando ocorre o contato dos visitantes com os bens patrimoniais.*

## **Resumo**

Convencionou-se chamar *pré-história* a história brasileira antes da chegada dos portugueses, devido à ausência de registros escritos. Esse longo período, que se estende até 1500, é desconhecido pela maioria das pessoas, devido, entre outros fatores, à restrita divulgação científica e à tradição historiográfica de privilegiar o Descobrimento como marco inicial do Brasil.

São inúmeras as articulações possíveis entre a pré-história brasileira e o turismo, embora sejam necessárias rígidas medidas para que os impactos gerados pela atividade sejam mínimos e os benefícios estendidos a toda a comunidade. Destacamos os casos da Serra da Capivara, Patrimônio Cultural da Humanidade; das Cavernas do Peruaçu; da Chapada do Araripe e da cidade de Maravilha como representativos da história e do turismo brasileiros, ressaltando a riqueza dessas regiões, seus pontos críticos e suas potencialidades.

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, conheceremos os povos que habitavam o Brasil antes da chegada dos colonizadores europeus.



# 10

## Os pioneiros nas Américas

### Meta da aula

Apresentar informações referentes ao período pré-histórico no território brasileiro, visitando um pouco da cultura das diferentes ocupações sofridas neste recorte temporal.

### Objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1** conhecer e pesquisar informações sobre a teoria evolucionista de Charles Darwin e teorias sobre o surgimento dos primeiros hominídeos no planeta;
- 2** identificar como museus, atividades culturais e roteiros podem ser usados como suporte dos estudos sobre a pré-história brasileira e como locais de aproveitamento da atividade turística;
- 3** desenvolver atividades que busquem estabelecer ligações entre o conteúdo acadêmico da pré-história e a atividade turística.

## Introdução

E Deus disse: que a luz seja! E a luz veio a ser.  
Deus viu que a luz era boa. Deus separou a luz da treva.  
Deus chamou a luz de dia e a treva chamou noite.  
Houve uma tarde, houve uma manhã: o primeiro dia (...)  
Façamos o homem a nossa imagem, segundo a nossa  
semelhança. (Gênesis 1:1)

Esta é a forma judaico-cristã de se contar a origem do mundo e do ser humano sobre a Terra. Nessa história, o homem é criado a partir de uma porção de barro que recebe essência vital através de um sopro divino. Se observarmos bem, essa origem faz parte de um tipo de conhecimento chamado *teológico*, de uma narrativa mítica, pois está ligado a um conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso: um dogma.

É, no mínimo, curioso realizar uma pesquisa sobre outras formas mágicas de explicação da vida sobre a Terra: tribos indígenas norte-americanas acreditavam que os seres humanos habitavam a abóbada celeste. Segundo elas, certo dia, alguns homens e mulheres caíram por uma brecha nas nuvens e colonizaram o planeta. Os antigos maias no México tinham certeza absoluta de que homens e mulheres haviam sido criados por deuses a partir de uma espiga de milho. Já para tribos da Polinésia, localizada no Oceano Pacífico, a cana-de-açúcar teria sido o elemento usado para a gestação dos primeiros seres humanos no mundo.

Todas essas teorias podem ser agrupadas no que chamamos Criacionismo. As narrativas míticas fazem parte de uma tradição cultural que tem como característica ser transmitida de geração a geração, sem se permitir questionamentos e apelando para o sobrenatural, o misterioso, o sagrado e a magia. Em oposição, encontramos o pensamento filosófico-científico, que busca, então, explicar a realidade a partir do empirismo, do conhecimento das leis e causas do fenômeno estudado e exige do pesquisador a crítica, o racionalismo e a imparcialidade.



Assim, a partir do século XVII, com o surgimento do racionalismo e do desenvolvimento do método científico, serão os modernos filósofos e os cientistas que vão substituir os teólogos e as explicações mágicas sobre a origem do mundo. Dentro desse contexto, no século XIX, um naturalista britânico chamado Charles Robert Darwin irá revolucionar a estrutura metodológica da ciência moderna. Tendo realizado várias pesquisas sobre a diversificação da espécie, desenvolve, em 1838, a teoria da seleção natural, que afirmava ser o processo pelo qual os indivíduos mais adaptados ao meio ambiente têm maiores chances de sobreviver e deixar descendentes. Utilizando-se dessa linha de pensamento, Darwin introduziu, em 1859, com a publicação do seu polêmico e revolucionário livro *A origem das espécies*, a idéia de que os seres vivos teriam evoluído por meio da seleção natural a partir de um ancestral comum. Estava inaugurada a teoria da evolução ou Evolucionismo, que iria se opor às narrativas míticas sobre a origem do ser humano, o Criacionismo.

É, em parte, nesta teoria que se fundamenta a afirmação de muitos pesquisadores – a de que os primeiros seres humanos surgiram no continente africano e, de lá, deslocaram-se para outras regiões da Terra, entre elas, as Américas.



#### **Os variados tipos de conhecimento**

Podemos classificar, pelo menos, quatro tipos de conhecimento: Empírico (popular ou vulgar), filosófico, teológico e científico. Observe as diferenças entre eles:

##### **1. Conhecimento empírico**

Também chamado vulgar ou popular. Obtido ao acaso, esse tipo de conhecimento é ametódico e assistemático. É um saber que provém de experiências casuais realizadas por erro-e-acerto, de opiniões, de sentimentos e impressões pessoais ou experiências vivenciadas. É um conhecimento que pode ser definido como superficial, sensitivo, subjetivo e acrítico.

## 2. Conhecimento filosófico

A Filosofia busca constantemente o sentido, a justificação, as possibilidades, a interpretação a respeito de tudo que envolve o homem e sobre o próprio homem em sua existência concreta. Filosofar é interrogar. É a procura do saber, e não a sua posse. A tarefa desse tipo de conhecimento é a reflexão.

## 3. Conhecimento teológico

Grosso modo, “teológico” significa “o conhecimento – ou discurso – de deus”. Assim, o conhecimento teológico se traduz no conhecimento revelado, aceito pela fé. Constitui-se num conjunto de verdades a que os homens chegaram, não com o auxílio de sua inteligência, mas mediante a aceitação dos dados de uma revelação divina, mediada por uma pessoa: em geral, um sacerdote. Como obra de um ser divino, envolve aceitação ou não.

## 4. Conhecimento científico

Esse tipo de conhecimento procura conhecer tanto o fenômeno, objeto do estudo, quanto suas causas e suas leis. Se comparadas com o conhecimento filosófico, as proposições ou hipóteses do conhecimento científico têm sua veracidade ou falsidade conhecidas pela razão. A ciência é um saber “culto”, particular, e a filosofia, um saber puro, universal.

O conhecimento científico objetiva formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada, leis que regem os fenômenos. Essas leis devem ser capazes de descrever séries de fenômenos; são comprováveis por meio da observação e da experimentação e são capazes de prever acontecimentos futuros. Esse tipo de conhecimento se caracteriza por ser objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.



## Atividade

### Atende ao Objetivo 1

1. Realize uma pesquisa sobre a Teoria Evolucionista, de Darwin, suas polêmicas e contribuições para a discussão sobre a origem da Humanidade. Em seguida, pesquise as mais recentes descobertas de fósseis humanos e as elaborações teóricas-científicas das origens do ser humano. Analise os dados coletados e formule uma opinião sobre o tema.

---

**Comentário**

*O próprio livro A origem das espécies pode ser comprado, ou lido numa boa biblioteca. Com sorte, você consegue achar trechos do mesmo na internet ou bons artigos que discutam o tema. Evite blogs ou sítios que tenham algum tipo de comprometimento religioso. Busque o conhecimento científico e faça suas próprias contribuições. Quanto às descobertas de fósseis humanos, uma dica é procurar informações sobre o “Homem de Toumai”, ou Sahelanthropus tchadensis, nome dado ao fóssil de homínídeo descoberto no século XXI, na região do Chade, África Central, considerado o mais antigo até hoje. Faça uma ligação dessa notícia com a teoria evolucionista de Darwin e sua seleção natural.*

## Os filhos da terra

Assim como as descobertas de fósseis pelo continente africano e as elaborações de teorias sobre o surgimento do homem sobre o planeta, a ocupação do continente americano na pré-história continua sendo objeto de investigação. Vimos, na Aula 9, muitas das riquezas culturais deixadas pelos povos pré-históricos na região que hoje chamamos Brasil e as variadas e possíveis ligações do tema com o Turismo. A partir da fundamentação teórica que apresentamos na introdução, vamos agora continuar visitando o tempo e o ambiente pré-históricos, tratando mais especificamente dos povos que habitavam o Brasil antes dos Descobrimentos portugueses ou, de acordo com a terminologia acadêmica, dos povos pré-cabralinos.

Seguindo rastros de recentes pesquisas sobre os primeiros “brasileiros”, podemos compor uma linha cronológica decrescente que identifica as diferentes ocupações do território durante a pré-história.

Os primeiros vestígios do homem nas Américas, segundo evidências trazidas à tona por Niède Guidon (veja a Aula 9), teriam origem aqui mesmo no território brasileiro, no sítio arqueológico de Boqueirão da Pedra Furada. Contudo, essa informação ainda luta por aceitação total por parte da academia internacional. Dentro desse pensamento, há aproximadamente 48 mil anos, alguém já trabalhava no atual Piauí, à luz de uma fogueira. Já a

arqueóloga Águeda Vialou afirma que havia presença humana no Mato Grosso 23 mil anos atrás.

## **A primeira “brasileira”**

Avançando no tempo, a partir deste nosso primeiro referencial, vamos encontrar, há 11.500 anos, um famoso fóssil apelidado “Luzia”: uma mulher que habitava a atual região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. A leva humana identificada nesse período ficou conhecida como “Os Homens da Lagoa Santa”, nome dado em homenagem ao sítio arqueológico onde foram localizados. Desse povo, então, faz parte o fóssil de Luzia, descoberta em 1975. Luzia passou a ser, depois da identificação do seu crânio, a mais antiga brasileira descoberta até hoje. Ela era uma caçadora e coletora de vegetais, com traços bem distintos daqueles dos índios que Cabral e Pero Vaz de Caminha encontraram em 1500. Em 1999, a Universidade de Manchester, na Inglaterra, reconstituiu o rosto de Luzia e, curiosamente, ficaram óbvios traços negróides, identificados como típicos de populações africanas e da Oceania. Investigações mais profundas descobriram que Luzia e seus amigos viviam em pequenos grupos e eram nômades, sempre procurando encontrar vegetais e animais de pequeno porte, como porcos-do-mato e pacas. Caçavam com a ajuda de lanças e flechas cujas pontas eram feitas de pedras lascadas. Não costumavam ficar mais de duas semanas no mesmo lugar e, talvez por isso, não costumavam enterrar seus mortos. O corpo de Luzia foi encontrado no fundo de uma caverna.



**Figura 10.1:** O crânio de Luzia, des-coberto na Lagoa Santa, Minas Gerais.

Fonte: Acervo particular de imagens do professor Alexandre.



Foto: Luiz Alexandre Mees

**Figura 10.2:** A cabeça de Luzia reconstituída por especialistas da Universidade de Manchester, Inglaterra. Atualmente, tanto o crânio quanto a cabeça reconstituída se encontram expostos no Museu Nacional da UFRJ, na Quinta da Boa Vista, RJ.

Fonte: Acervo particular de imagens do professor Alexandre.

## Marajós, tapajós e maracás

Outros vestígios de ocupação do território brasileiro na pré-história datam de sete mil anos, através de amostras de cerâmica encontradas na Amazônia, consideradas as mais antigas de todo o continente americano. Entre esses exemplares, podemos destacar as cerâmicas marajoaras e tapajônicas.



Sabiam que é possível, usando apenas pequenos cacos de cerâmica coletados em escavações arqueológicas, saber o tempo aproximado em que esses foram produzidos? Esse fato deve-se praticamente a dois processos científicos a que esses vestígios materiais são submetidos: a termoluminescência e a técnica do Carbono 14.

A termoluminescência se baseia na emissão de radioatividade pela cerâmica. Basicamente, esquentam-se o material e os elétrons presentes nele são liberados pelo calor, emitindo luz. Mede-se essa luz e estima-se o tempo levado para acumular os elétrons, determinando a idade do objeto. Já a técnica do Carbono 14, mais famosa, segue o princípio de que o Carbono 14 é absorvido pelos seres vivos e que seu nível cai depois da morte. O método compara o percentual de Carbono 14 do material orgânico analisado com o percentual presente na atmosfera. Ao medir a taxa de carbono restante, pode-se saber quanto tempo se passou desde a morte do organismo. Essa técnica vale também para carvão queimado e ossos humanos.

A menina-dos-olhos da arqueologia amazônica é a fase marajoara, cuja principal característica é a presença de vasos, urnas, peças com formas humanas, tangas, estatuetas etc. Sempre com muitos detalhes de acabamento, seja com desenhos em baixo-relevo ou aplicação de desenhos em alto-relevo. As características de produção e a grande variedade de peças sugerem que ali vivia um grupo, ou grupos, com razoável grau de organização e de estratificação social.

Um outro foco de interesse está no encontro do rio Tapajós com o Amazonas, em Santarém, também no Pará. Essa é a região-sede da também conhecida cultura tapajônica, que possui, como uma das suas características, a produção cerâmica de vasos e urnas com a aplicação de delicados adornos contendo representações de homens e animais ou, muitas vezes, combinando os dois. Pela abundância de decoração e multiplicidade de formas, é possível supor que a finalidade de tais objetos era o uso em cultos e cerimoniais, embora muitas peças pareçam brinquedos ou objetos de decoração. Essas peças originais,

encontradas nos sítios arqueológicos, podem ser vistas principalmente no Museu Emílio Goeldi, em Belém do Pará, sendo também encontradas em outros museus, como o Museu Nacional, no Rio de Janeiro e em coleções particulares.

Através do artigo da revista *Amazon View* (edição 67), reproduzido parcialmente abaixo, observe como a arte pré-cabralina, em especial as das cerâmicas marajoaras e tapajônicas, são reproduzidas hoje em dia, sendo usadas para fins turísticos:

O Distrito de Icoaraci é uma das principais áreas de expansão demográfica do Município de Belém, capital do Estado do Pará, e também detentor da reprodução dos maiores ícones da cultura amazônica, as cerâmicas marajoara e tapajônica, que possuem o seu maior centro produtor no bairro do Paracuri. A área onde se dá a produção e a comercialização das cerâmicas não possui adequada infra-estrutura de acesso, mas a qualidade da argila (matéria-prima) do local e a fama do que ali é produzido superam as dificuldades e estimulam a permanência de artesãos às margens do igarapé do Paracuri. São inúmeras as oficinas e as olarias, alinhadas umas ao lado das outras, por toda a extensão do bairro.

No Distrito e arredores existe grande quantidade e variedade de argila, de cores e texturas diferenciadas, o que provavelmente explica a tradição da cerâmica icoaraciense que remonta, em alguns aspectos, à cultura indígena, em cuja origem era transmitida de mãe para filha e hoje é passada de pai para filho. Mas a importância da mulher no processo de produção da cerâmica é mantida: enquanto os homens cuidam da fabricação de peças no torno, elas se encarregam da modelagem manual e acabamento. Algumas vezes participam da queima das peças. Conhecida e admirada no Brasil e Exterior, a famosa cerâmica do Paracuri, como é mais chamada, viveu seu apogeu comercial nas décadas de 70 e 80, quando o trabalho dos artesãos foi devidamente divulgado e reconhecido no mundo inteiro. A proliferação das olarias no bairro foi uma consequência natural. No início da década de 90, com a edição do Plano Collor, deu-se o declínio da procura pela cerâmica por parte dos compradores e turistas, situação que foi se agravando com as dificuldades da economia nacional. Até os anos 60, em Icoaraci se produziu a cerâmica de olaria – telhas, tijolos, alguidares, potes e filtros, entre outras peças. Antes, havia apenas dois ou três ceramistas fazendo trabalhos artísticos. Entre eles, “Cabeludo”, que retratava pessoas no cotidiano.

Ao chegar em Icoaraci, Mestre Cardoso resgatou a arte marajoara, à qual apenas muito mais tarde os artistas da região iriam aderir. Ele começou sua pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi, despertando nos artistas locais o interesse pelo resgate das culturas cerâmicas

amazônicas – marajoara, tapajônica, santarena, etc. Mestre Cardoso atraiu a atenção dos moradores de Icoaraci pela reação positiva dos turistas e conseqüentemente o retorno financeiro.

Nos anos 70, finalmente, verificou-se em Icoaraci o começo de uma fase de grande produção de réplicas imitando o estilo das obras pertencentes ao Museu Goeldi. As obras mais reproduzidas foram as marajoaras e tapajônicas, por serem ricamente ornamentadas com cores, incisões e excisões próprias dessas culturas.

“Acho que a defesa da cultura original vem de uma didática, de um ensinamento nas escolas sobre o que é a nossa cultura. O artesão precisa conscientizar de que vendendo qualquer tipo de vaso para um turista, passando por marajoara, está vendendo uma falsa imagem da nossa cultura”, adverte Mestre Cardoso.

Hoje, existe uma cerâmica tipicamente icoaraciense, altamente consumida pela população local, que junta os traços indígenas milenares e motivos florais estampados em vasos modelados com as formas tradicionais da cerâmica amazônica. Os desenhos retratam o Sol, a Lua, montanhas, rios e outros elementos que o indígena, embora em contato direto com a natureza, jamais reproduziu em seus trabalhos. “Os marajoaras estampavam nas cerâmicas objetos e seres de seu convívio diário de forma muito estilizada. Nenhum artista moderno faria com tanta criatividade”, diz o grande artesão.

No acabamento das peças agora produzidas, curiosamente são mantidas as bordas típicas das genuínas peças marajoaras. O resultado final é um híbrido que nada tem a ver nem com a arte indígena nem com a cerâmica artística que hoje se produz no país. Isso, para uns, representa a descaracterização da cultura original; para outros, enseja o surgimento de uma nova escola de arte cerâmica – a cerâmica icoaraciense.



Faça uma visita virtual pelo Museu Emílio Goeldi, no Pará:

<http://www.museu-goeldi.br>

e no Museu Nacional do Rio de Janeiro:

<http://www.museunacional.ufrj.br>

Procure nesses importantes museus exemplos de peças de cerâmica marajoara e tapajônica expostas. Aproveite e visite outros temas. Sempre achará algo interessante e pertinente à nossa disciplina.



## Um morro de conchas como moradia

Por volta de seis mil anos, o povo de Luzia desapareceu. A explicação para isso é o surgimento de outro grupo de humanos, desta vez assemelhados aos índios atuais. Eles chegaram em maior número e passaram a ocupar a região da Lagoa Santa. Os especialistas acreditam que as duas populações aos poucos se misturaram, e, com o tempo, as características dos “homens da Lagoa Santa” submergiram.

Essa nova população chegou a ocupar toda a costa brasileira e o Planalto Central até dois mil anos atrás. Alguns dos descendentes desses novos habitantes criaram, no litoral do Brasil, uma das civilizações mais características e diferentes do período pré-cabralino. Ocuparam do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, e ficaram conhecidos pelas edificações que erguiam para sepultar seus mortos: os **sambaquis**. Alimentavam-se basicamente da pesca e da coleta de frutos do mar e tinham canoas e redes como auxílio para seu trabalho. Arqueólogos especializados no tema afirmam que o povo sambaqueiro era baixo – com, no máximo, 1.60 m de altura – e que a mortalidade infantil era altíssima.



Um bom exemplo do aproveitamento museológico e turístico de um sítio arqueológico de uma cultura do sambaqui encontra-se em Rio das Ostras, município litorâneo do estado do Rio de Janeiro. Chama-se Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba, ele foi inaugurado em 1999 e reconstituiu a pré-história da região, mantendo em exposição permanente peças que contam um pouco do cotidiano da comunidade que habitou o local há cerca de 4 mil anos atrás.

O museu é muito interessante, pois além de deixar as escavações aparentes mostrando enterramentos, possui vitrines que apresentam material lítico, artefatos em pedra e até uma urna tupi-guarani. Em abril de 2003, foram realizadas obras de revitalização no local que incluíram novas instalações, aclimação, sonorização, iluminação e vitrines para a melhor exposição das peças. Com as obras, novas descobertas foram feitas: ossos fragmentados, quebra coquinhos – pedras que serviam para triturar frutas e outros alimentos – batedores

### **Sambaqui**

Significa “morro de conchas”. É o nome dado às pilhas de sedimentos, principalmente conchas e ossos de animais, empilhados cuidadosamente, e que chegavam a ter 40m de altura por mais de 500m de comprimento. A princípio, os arqueólogos acreditavam se tratar de grandes depósitos funerários, mas a descoberta sistemática de novos sítios provou que eram o centro da vida social dos povos sambaqueiros. Ali, eles sepultavam seus mortos, realizavam rituais e construíam suas casas. Nos sambaquis, também foram encontrados esculturas e ornamentos feitos de pedra polida e que eram colocados juntos aos corpos sepultados. Representando animais como o tatu e a baleia, esses objetos demonstram um delicado senso estético, que exigia uma habilidade especial.

– pedras utilizadas para produzir lanças e lâminas – além de dois novos enterramentos: um adulto e uma criança.

Depois das obras de revitalização, na reinauguração do museu, o lugar ganhou, ainda, uma maquete que reproduz a área do Sambaqui da Tarioba original, mostrando como era o dia-a-dia da população de sambaquianos, e um busto que representa o rosto dos primeiros habitantes da região. A maquete mostra cenas do cotidiano dos sambaquianos como a coleta de moluscos, crustáceos e peixes, a fabricação de artefatos de pedras, agulhas, adornos e anzóis e o enterramento dos mortos. A reconstituição artística de um sambaquiano foi feita por uma artista brasileira especialista na técnica, através de um crânio de um indivíduo masculino adulto. O crânio teve suas formas modeladas em plastina colorida e, depois da aprovação dessa reconstituição pelos arqueólogos, foram feitos moldes em silicone e uma réplica em poliéster. O indivíduo foi apelidado de Zé da Tarioba.



Foto: Luiz Alexandre Mees

**Figura 10.3:** O interior do museu com parte das escavações arqueológicas do sambaqui preservada. Observe, no centro da escavação, um crânio humano deixado no local, da mesma forma em que foi enterrado há mais de 4 mil anos.

Fonte: Acervo particular de imagens do professor Alexandre.



Foto: Luiz Alexandre Mees

**Figura 10.4:** Algumas das vitrines colocadas no museu depois das obras de revitalização. Dentro da vitrine, artefatos encontrados na escavação do sítio.  
Fonte: Acervo particular de imagens do professor Alexandre.



Foto: Luiz Alexandre Mees

**Figura 10.5:** Imagem do Zé da Tarioba exposta em uma das vitrines do museu. A imagem foi feita por reconstituição artística a partir de um crânio encontrado no local.

Fonte: Acervo particular de imagens do professor Alexandre.

É importante sabermos que o sítio do Sambaqui da Tarioba foi demarcado em 1967, durante o primeiro ano do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Porém, o sítio arqueológico precisou de 30 anos para ser conhecido pela população rio-ostrense. Durante esse período, acabou perdendo 50% de sua área, devido à expansão imobiliária da região. Mas em 1997, a descoberta de uma lâmina de pedra no terreno onde está localizada a Casa de Cultura da cidade, salvaria o sítio. Para identificar e analisar o material encontrado, foram chamados técnicos do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (Inepac) e, por um termo de cooperação, foi então celebrado, pela Prefeitura de Rio das Ostras e o IAB (Instituto de Arqueologia Brasileira), um programa de pesquisa com a intenção não só de escavar e preservar o que restava do sítio, mas também de estabelecer no local um pequeno museu.



Foto: Luiz Alexandre Mees

**Figura 10.6:** A entrada das novas e modernas instalações do Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba, construído depois das obras de revitalização.

Fonte: Acervo particular de imagens do professor Alexandre.



## Atividade

### Atende ao Objetivo 2

2. Pesquise, em livros ou na Internet, outros sítios arqueológicos ligados à cultura dos povos dos sambaquis pelo Brasil. Encontre neles similaridades e escolha três sítios que você considerar mais interessantes. Depois, escreva um resumo sobre sua história e possíveis particularidades.

### Comentário

Vários são os sítios arqueológicos de povos sambaquianos espalhados pelo Brasil. No Rio de Janeiro temos importantes descobertas deste período da pré-história brasileira em localidades como Guaratiba, Ilha Grande, Saquarema, Camboinhas, Guapimirim, Cabo Frio e Búzios. Santa Catarina é, também, um excelente local para pesquisa e visitação deste tipo de sítio. Procure também o Museu do Homem do Sambaqui Padre João Alfredo Rohr S.J., localizado no Colégio Catarinense, em Florianópolis.

## Por fim, os tupis

Uma última ocupação do período pré-cabralino pode ser identificada como os conhecidos índios-agricultores de origem tupi. Estes só estabelecem presença significativa no território, dois mil anos atrás. Segundo estudos acadêmicos, eles deixaram a Amazônia, espalhando-se pelo resto do Brasil e sobrepondo-se a povos caçadores-coletores como, por exemplo, os dos sambaquis. Eram com os descendentes dessa população que Cabral estabeleceu contato quando aqui chegou em 1500.

## A pré-história e a construção de uma vocação turística

O *trade* turístico e o poder público consideram o turismo como motor de desenvolvimento socioeconômico. Para utilizá-lo neste foco, buscam ações que têm como alvo os atrativos turísticos de uma localidade. Sejam eles culturais, naturais ou artificiais. O fenômeno turístico ocorre de maneira espontânea e em localidades que possuem o patrimônio cultural, ambiental e paisagístico como forte apelo, acabam por construir uma vocação turística que se apropria desses bens, transformando-os em atrativos para o turismo. Os sítios arqueológicos e todo o conjunto de evidências materiais e imateriais relacionados à pré-história do Brasil também fazem parte desse universo. É possível, para as operadoras de turismo, criarem roteiros que visitem os diversos sítios arqueológicos existentes pelo Brasil, museus ou centros culturais, além de poderem incluir no passeio uma parada em centros de produção artesanal que se baseiam ou reproduzem técnicas antigas. Vimos o exemplo do município de Icoaraci, em Belém do Pará. O acesso do público a esses sítios ou até mesmo a comunidades indígenas é uma questão que deve ser discutível e polêmica. Porém, é possível ao turismo, de forma organizada e bem planejada, fazer uso desses vestígios ancestrais. Leia a

seguir um artigo sobre visitação em sítios arqueológicos, disponibilizado pela Secretaria de Comunicação de Mato Grosso:

### **Sítios mostram indícios de povos pr -históricos**

Cientistas querem viabilizar o acesso do público a raridades da história: o caso do Sítio Arqueológico de “Casalvasco”, em Vila Bela da Santíssima Trindade.

Em Vila Bela da Santíssima Trindade, MT, o trabalho realizado pela equipe do arqueólogo Paulo Zanetini, do Projeto Fronteira Ocidental, que tem o apoio da Secretaria de Estado de Cultura, contabiliza até agora o mapeamento de cerca de 100 sítios arqueológicos. Isso envolve sítios pr -históricos, os relacionados à comunidade indígena, assentamentos de comunidades negras, edificações de senhores agricultores, proprietários de terras, conjuntos militares e a própria Vila Bela da Santíssima Trindade que, para Zanetini,   “uma aventura incansável”.

Um relatório sobre o trabalho desenvolvido já havia sido entregue ao governo anterior,   Presidência da República, e a órgãos e entidades de Mato Grosso e de outros Estados. “O relatório ganhou notoriedade nacional e internacional. É considerado modelo e tem sido aplicado em pesquisas arqueológicas em outros trabalhos”, disse Zanetini.

A próxima fase do Fronteira Ocidental envolverá também a criação básica de roteiros. Relatórios irão mostrar que sítios permitem uma visitação, os que não devem ser submetidos a uma visitação desregulada, ou até mesmo aqueles cujas visitas podem ser feitas, desde que controladas.

“Existem sítios frágeis, que não podem ser submetidos a uma visita de público em massa. Existem outros que são prontos, basta tornar uma estrutura mais visível ao leigo, oferecer um material de apoio, guias, com as versões que a história oral cont m, que a documentação oferece”, explica o arqueólogo.

A meta é tornar possível a visita de turistas para que conheçam as belezas naturais que são infindáveis na região do Guaporé e acrescentar isso ao turismo de aventura, também o educativo e histórico conhecendo o passado aqui na região. Já está em andamento a criação de projetos para gerar renda aos moradores. Equipes da Secretaria do Trabalho, Emprego e Cidadania, estão trabalhando na região para encontrar e criar alternativas de geração de emprego para os moradores.

A segunda fase do projeto vai depender de recursos que poderão vir através de leis de incentivos à cultura tanto estadual como federal, como a Lei Rouanet. Serão iniciadas escavações intensivas nas áreas que estão ameaçadas e também será preciso preparar o museu no centenário prédio dos Capitães e Generais para que receba um laboratório (com reserva técnica) e tenha condições de guarda e exposição do material resgatado.



Para o coordenador do projeto, Vila Bela é um grande museu. “A ruína coberta será o ponto de referência, ali o visitante saberá o que se pode visitar na cidade, quais os costumes, as festas que ocorrem, como era determinado edifício”, diz Zanetini. Estarão à disposição maquetes eletrônicas e tridimensionais da cidade em suas diversas fases de evolução. Será possível saber como seu deu a evolução urbana de Vila Bela, um projeto europeu implantado em território americano e bastante arrojado do ponto de vista urbanístico, arquitetônico do século XVIII.

“Vila Bela é como se fosse uma Brasília montada em plena Amazônia. É uma lição a ser pensada, refletida sobre a questão de como melhor ocupar todas as nossas fronteiras de forma auto-sustentável, interligada, conectada. O Brasil é um país amplo e que poderá usufruir desse território como já ocorreu no passado. O Guaporé foi um dos grandes rios de integração nacional e poderá voltar a ser, inclusive revendo essas questões históricas”, finaliza Paulo Zanetini.

Carlos Martins

Fonte: Redação/Secom-MT (Secretaria de Comunicação Social do Mato Grosso)



## Atividade Final

### Atende ao Objetivo 3

Pesquise agências de viagem e turismo que trabalhem com roteiros ligados ao conteúdo sobre a pré-história no Brasil. Observe as etapas da viagem, as especificidades do roteiro e faça uma crítica a respeito. Uma outra atividade interessante é montar um pequeno roteiro com as informações sobre a pré-história do estado do Rio de Janeiro.

### Comentário

*É importante observar a quantidade de pessoas que cada roteiro permite levar e, ainda, quais os sítios arqueológicos ou museus que são utilizados para a atividade turística. O próprio complexo de sítios arqueológicos de Pedra Furada no Piauí possui roteiros comercializados por agências voltados para um público específico.*



## ***Resumo***

A pré-história brasileira é rica em fatos e descobertas. Mesmo assim, pouco se sabe sobre este período. A aceitação da comunidade acadêmica internacional da teoria de que os vestígios materiais mais antigos de um homínídeo americano foram encontrados no nosso país, ainda tem um longo caminho a percorrer. Positivamente sabemos, contudo, que os índios encontrados aqui por Pedro Álvares Cabral e descritos na Carta de Pero Vaz de Caminha não foram os primeiros a habitarem o território.

Ameríndios que produziram cerâmicas admiráveis e comunidades que usavam um morro de conchas como moradia, fazem parte de um passado que pode ser utilizado pela atividade turística. Esse tipo de turismo, contribui com a divulgação desse conhecimento, com a formação de cidadania e com a memória do Brasil.



**História e Turismo**

Referências

## Aula 1

---

ANDRADE, José Vicente. *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo: Ática, 1992.

BLAINEY. *Uma breve história do mundo*. Curitiba: Fundamento, 2007.

HISTORIANET. Antiguidade. Disponível em: <<http://historianet.com.br>>. Acesso em: 22 fev. 2008.

IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do turismo*. São Paulo: Pioneira, 1998.

VIEIRA, Wagner. Stonehenge- Inglaterra. Revista Turismo. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br>>. Acesso em: Ago. 2004.

## Aula 2

---

ARIES, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. v. 1-2.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das viagens e do turismo*. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC)

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. Curitiba: Fundamento, 2007.

HISTORIANET. Antiguidade. Disponível em: <<http://historianet.com.br>>. Acesso em: 22 fev. 2008.

JUNIOR, Hilário Franco. *A idade média: o nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1983. v.1-2.

NUNES, Dagmar Sodré. Santiago de Compostela - Espanha. *Revista Turismo*. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br>>. Acesso em: Ago. 2004.

REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002. (Série Turismo).

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

### Aula 3

---

A HISTÓRIA do Café: origem e trajetória. Disponível em: <[www.abic.com.br](http://www.abic.com.br)> Acesso em: 25 jan. 2008.

BARRETO, Luís Felipe. *Descobrimentos e renascimento: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália*. Brasília: UNB, 1991.

BURKE, Peter. *O renascimento Italiano*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

BLAINÉY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. Curitiba: Fundamento, 2007.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*. Lisboa: Estampa. 1984. vol I e II.

Firenze. Disponível em: <[www.imagensviagens.com](http://www.imagensviagens.com)> Acesso em: 25 Jan. 2008.

GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HALE, J.R. *A Europa durante o renascimento (1480-1520)*. Lisboa: Presença, 1971.

REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002. (série turismo).

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

### Aula 4

---

BLUMENAU inicia formatação do turismo industrial. Bela Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.belasantacatarina.com.br/variedades.asp?id=1617>>. Acesso em: 3 jan. 2008.

GREVE de 1917. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/a/greve-1917.htm>>. Acesso em: 3 jan. 2008.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 10.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MARX, Karl. *Coleção Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

RODOSA, Rafael. Enoturismo no Baixo Alentejo pode complementar oferta algarvia. Disponível em: <<http://www.barlavento.online.pt/index.php/noticia?id=9436>>. Acesso em: 3 jan. 2008.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (*Coleção Os Economistas*).

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v.2.

## Aula 5

---

A HISTÓRIA nos trilhos Associação Nacional de Preservação Ferroviária (ANPF), n. 20, <abr.2004. Disponível em: [http://www.anpf.com.br/histnostrilhos/historianostrilhos20\\_abril2004.htm#1](http://www.anpf.com.br/histnostrilhos/historianostrilhos20_abril2004.htm#1)>. Acesso em: 15 jan. 2008.

CONCAIS antecipa investimentos e amplia recursos para R\$9,3 milhões. In: MERCADO e eventos: folha do turismo. Disponível em: <<http://www.mercadoeventos.com.br/script/FdgDestaqueTemplate.asp?pStrLink=3,44,0,25464&IndSeguro=0>>. Acesso em: 16 jan. 2008.

ESTAÇÕES ferroviárias do Brasil. Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl\\_rj\\_petropolis/guia.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_petropolis/guia.htm)>. Acesso em: 18 jan. 2008.

HISTORIANET. Mauá, o Imperador e o Rei. Resenha do filme. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=164>>. Acesso em: 21 jan. 2008.

LIMA E SILVA, Isabel Cristina dos Reis; LISBOA, Raul Cahet. Estrada de Ferro Mauá – o trem do desenvolvimento urbano de Magé. Monografia vencedora do I Concurso CBTU 2005 – A cidade nos trilhos. Disponível em: <<http://www.cbtu.gov.br/monografia/2005/publicacao/monografia04.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2008.

MAUÁ, o Imperador e o Rei. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Joaquim Vaz de Carvalho. Roteiro: Sérgio Rezende, Joaquim Vaz de Carvalho, Paulo Halm. Música Original: Cristóvão Bastos. Brasil, 1999. 1 DVD (134 min), standard 1.33:1, color.

ORIENT EXPRESS. Disponível em: <[http://www.orient-express.com/web/luxury/luxury\\_travel.jsp](http://www.orient-express.com/web/luxury/luxury_travel.jsp)>. Acesso em: 17 jan. 2008.

REJOWSKI, M. et. al. Desenvolvimento do turismo moderno. In: REJOWSKI, M. (org). Turismo no percurso do tempo. São Paulo: ALEPH, 2002.

SCIAMMARELLA, Eugênio. Curiosidade: transporte intermodal já em 1854. Disponível em: <<http://br.geocities.com/praiademaui/AFerrovia.html>>. Acesso em: 21 jan. 2008.

## Aula 6

---

ABSOLUTISMO. In: BOBBIO, Norberto et al. (Org.). Dicionário de política. Brasília: Imprensa Oficial, 2000. v. 1: A-J,

DHNET. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções: – 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Ecos da Marselhesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

PINSKY, Jaime. História da Cidadania. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 2, n. 23, 2003. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/023/23res\\_pinsky.htm](http://www.espacoacademico.com.br/023/23res_pinsky.htm)>. Acesso em: 30 jan. 2008.

SOUBOUL, Albert. *História da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.

## Aula 7

---

ABRANTES, José Carlos. Imagem do passado: a liberdade conduzindo o povo. Disponível em: <<http://sotextosmesmo.blogspot.com/2006/11/imagem-do-passado.html>>. Acesso em: 20 fev. 2007.

BETHEL, Leslie (Org.). *História da América Latina: da independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, 2001. v. 3.

DONGHI, Halperin. História da América Latina. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Ecos da Marselhesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

## Aula 8

---

BACAL, S. *Lazer: teoria e pesquisa*. São Paulo; Loyola, 1988.

BARRETO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do Turismo. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Turismo).

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMARGO, Haroldo Leitão. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. In: TRIGO, Luiz Gonzaga G. Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: SENAC, 2001, p. 33-82.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Polêmica).

GUERRA FILHO, Raulito Ramos. Reflexões sobre o tempo livre, o lazer e o antilazer. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/ed48/turismo2.asp>>. Acesso em: 12 mar.2008.

MARQUES, Hugo; RABELO, Carina. Intercâmbio escravo. *Isto É*, São Paulo, maio 2007. Disponível em: <[http://www.terra.com.br/istoe/1953/brasil/1953\\_intercambio\\_escravo.html](http://www.terra.com.br/istoe/1953/brasil/1953_intercambio_escravo.html)>. Acesso em: 29 fev. 2008.

REJOWSKI, Mirian (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

SALGUEIRO, Valéria. Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

SAMBROOK, Katie. Europe and the grand tour. University of London / King's College London. Disponível em: <<http://www.kcl.ac.uk/depsta/iss/library/speccoll/exhibitions/nf/eg1.html>>. Acesso em: 29 fev. 2008.

VIDA social: o lazer. Disponível em:<<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1062641,00.html>>. Acesso em: 12 mar. 2008.

## Aula 9

---

AMORIM, Cristina. Pré-história do Brasil à venda na internet. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17 out. 2006. Disponível em: <[http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id\\_conteudo=9048](http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=9048)>. Acesso em: 11 mar. 2008.

ANTES de Cabral: arqueologia brasileira. *Revista USP*, São Paulo, dez-fev. 1999-2000.



CABRAL, Marcelo. Maravilha pré-histórica. Overmundo. Maceió, 22 set. 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/maravilha-pre-historica>>. Acesso em 11 mar. de 2008.

FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. Piauí. Disponível em: <<http://www.fumdam.org.br>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

LUCENA, Sérgio. Patrimônio ameaçado: como a exploração irracional está destruindo um dos mais ricos patrimônios naturais da humanidade. Santana do Cariri, CE – Brasil. Disponível em: <[http://www.geocities.com/cariri\\_ce/fotografias.htm](http://www.geocities.com/cariri_ce/fotografias.htm)>. Acesso em: 10 mar. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Introdução ao turismo. São Paulo: Roca, 2001.

PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA. <<http://br.youtube.com/watch?v=S9PXGdf1JLc&feature=related>>.

SÃO JOÃO das missões. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. fev. 2008. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Jo%C3%A3o\\_das\\_Miss%C3%B5es](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_das_Miss%C3%B5es)>. Acesso em: 13 mar. 2008.

SC: SERRALHEIRO acha esqueletos milenares no quintal. Terra Ciência, 10 abr. 2007. <Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI1540531-EI319,00.html>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

SERTÃO pode ganhar parque temático pré-histórico. Gazetaweb. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/Canais/Noticias/Noticias.php?n=104718>>. Acesso em: 13 mar. 2008.

TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da terra brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

TRINDADE, Eliane; DUSEK, André. Pescadores de pedra. *Isto É*, São Paulo, 16 out. 1996. <Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/politica/141118.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2008.

## Aula 10

---

AMAZON view Arte cerâmica, herança amazônica autóctone. Disponível em: <<http://amazonview.uol.com.br>>. Acesso em: 13 jun 2008.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

CERVO, A.L. BERVIAN, P.A. *Metodologia científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

FRÓES, Maíra. Sambaqui da tarioba, um modelo. Disponível em: <[http://www.vivercidades.org.br/publique222/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=97&infoid=704&sid=5&tpl=printerview](http://www.vivercidades.org.br/publique222/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=97&infoid=704&sid=5&tpl=printerview)>. Acesso em: 20 jun. 2008.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Carlos Sítios mostram indícios de povos pré-históricos. Disponível em: <<http://www.secom.mt.gov.br/conteudo.php?sid=13&cid=6393&parent=0>> Acesso em: 13 jul. 2008.

NOSSA HISTÓRIA, São Paulo: Vera Cruz, ano 2, n. 22, ago. 2005. 98 p.

SCIENTIFIC AMERICAN. São Paulo: Duetto Editorial, n 2, nov. 2003. Edição Especial.